COORDENAÇÃO E REVISÃO:
Prof. JOSÉ EDINARDO ALBUQUERQUE SILVEIRA

IMPRESSÃO:
ANTONIO ALVES TORRES

COMPOSIÇÃO:
FRANCISCO CLAYTON ALVES TORRES

Impresso no Brasil

PE. F. SADOC DE ARAUJO

HISTÓRIA DA CULTURA SOBRALENSE

1978
IMPRENSA UNIVERSITÁRIA - UVA - SOBRAL - CE.

AUTOR: PE. F. SADOC DE ARAÚJO

Mestre em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Sócio correspondente do Instituto do Ceará. Vice presidente do Conselho Estadual de Educação

OBRAS PUBLICADAS:

- CRONOLOGIA SOBRALENSE - I Vol. Fortaleza, 1974
- A CIÊNCIA CRIADORA - Fortaleza, 1976
- DISCURSO - Imprensa Universitária - Fortaleza 1975
- O FENÔMENO TEILHARD DE CHARDIN "Povo" Fortaleza

A PUBLICAR:

- CRONOLOGIA SOBRALENSE - II Vol.
- ANTOLOGIA DE AUTORES SOBRALENSES

Ao Visconde de Saboia e a Domingos Olimpio, luminares da ciência e das letras sobralenses.

PREFÁCIO

Esta pequena História da Cultura Sobralense quer ser apenas um roteiro.

Pretende unicamente indicar fontes e marcar nomes e fatos que sirvam de base para a realização de um estudo de maior profundidade e extensão que deverá ser feito posteriormente, como espero, por pesquisadores que surgirão certamente da fertilidade intelectual da terra sobralense.

Restringi-me a insinuar o valor cultural da cidade em seu passado e dediquei-me mais às fontes mais antigas, documentos mais raros e de mais difícil acesso. As fontes e os fatos mais recentes não foram analisados por estarem mais à mão de quem os desejar pesquisar diretamente.

Fiz o possível para não deixar que permaneçam no olvido ou envolvidos nas sombras imprecisas do passado algumas figuras humanas de valor, intelectuais de reais méritos, que aqui ou alhures brilharam nas atividades culturais. Pelo menos, como um mínimo de retribuição, estes vultos exemplares poderão incentivar as novas gerações da terra a se dedicar também às nobres lides da inteligência e da cultura.

Os aspectos culturais de uma comunidade se encontram mais identificados nos esforços empreendidos para desenvolver a educação, a saúde o desporto, as letras, ciências e artes. A estes assuntos ficou limitado o conteúdo deste trabalho.

Composto e impresso totalmente nas oficinas

gráficas da Fundação Vale do Acaraú, este é o primeiro livro que se edita na Imprensa Universitária da UVA pelo que vem ele visivelmente marcado pelas falhas e imperfeições inerentes a tudo o que é realizado pela primeira vez. À cuidadosa compreensão e ao diligente zelo do leitor entrego a correção dos erros ortográficos que escaparam da composição, impressão e revisão estreantes do pequeno e abnegado corpo de tipógrafos que com muito amor confeccionaram esta primeira edição da principiante Imprensa Universitária de Sobral.

Esta primeira experiência, espero, será o marco de futuras edições que contribuirão decisivamente para o prosseguimento da gloriosa história da cultura sobralense.

Sobral, 23 de outubro de 1978
10º. aniversário da UVA

Pe. Francisco Sadoc de Araújo

Súmula

Proprietários da Fazenda Caiçara

A história da primitiva colonização da Ribeira do Acaraú ainda não foi escrita e só o será partindo de pacientes pesquisas nos minguados, porém preciosos, documentos existentes. Com o fim de facilitar a realização deste trabalho de busca, o Conselho Diretor da Fundação Universidade Vale do Acaraú criou, no dia 22 de setembro de 1970, o Centro de Pesquisas Históricas e Geográficas de Sobral, que tem por objetivo angariar, organizar e manter sob sua guarda os documentos antigos referentes à história desta região e que se encontram espalhados nos mais diversos locais, desde a mão de particulares até as instituições públicas.

Partindo dos documentos já catalogados no Centro, alguns dados históricos já foram descobertos que poderão servir de roteiro para um estudo de pesquisa, sério e científico. Mantenho a esperança de que os atuais alunos do Curso de História da Faculdade de Filosofia Dom José, à medida em que se impregnarem do valor da pesquisa e do gosto da ciência, poderão ter a oportunidade de trabalhar com estes documentos e desvendar os segredos e incertezas ainda existentes sobre a implantação da civilização no Vale do Acaraú.

Em sua História de Sobral, página 25, diz Dom José Tupinambá da Frota: "Não nos foi possível averiguar quem foi o primeiro proprietário da Fazenda Caiçara, mas tudo leva a crer que o seu possuidor, cujo nome está ligado à história de Sobral pela doação fei-

ta ao Patrimônio da Matriz, a houvesse recebido de outrem".

Esta afirmação do grande conhecedor dos fastos sobralenses não deixa de ser um incentivo a pesquisas mais profundas para se conhecerem as origens remotas de Sobral. Naturalmente, sem os documentos originais é impossível fazer avançar os conhecimentos históricos sobre a fazenda Caiçara, uma vez que, em obras já publicadas, ninguém foi mais proficiente do que o ilustre Bispo Sobralense.

Levado pela curiosidade, resolvi consultar velhos documentos tentando qualquer avanço no conhecimento das origens remotas de Sobral, a partir do ponto onde deixou Dom José. Como resultado destas pesquisas, alguns dados históricos foram descobertos que poderão servir de roteiro para um estudo mais profundo, daí a razão de apresentá-los neste trabalho.

As primeiras notícias, explicavelmente imprecisas, sobre as terras da Ribeira do Acaraú vamos encontrar nos registros de datas e sesmarias. Por falta de limites determinados nas primeiras concessões de terras, torna-se difícil localizá-la de início, exigindo para tal estudos comparativos posteriores. O único subsídio de que se dispõe para localizar as primitivas sesmarias são os inventários dos primeiros colonizadores, geralmente herdeiros daqueles que receberam as datas iniciais, onde se relacionam os bens de raiz dos inventariados.

A primeira sesmaria daRibeira do Acaraú foi concedida, no dia 20 de setembro de 1683, a Manoel de Goes e seus companheiros Fernando Goes, Francisco Pereira Lima, Manuel de Almeida Arruda, Pe. Amaro Fernandes de Abreu, Estevão de Figueiredo e Simão Goes de Vasconcelos.

De Manuel de Goes sabemos que foi homem abastado e faleceu em Pernambuco no começo do século dezoito. Era proprietário da capela do Capítulo do Convento de S. Antônio do Recife, como se vê da escritura datada de 4 de abril de 1704, onde se lê: "Declaro que meus testamenteiros do melhor da minha fazenda entregarão ao síndico dos religiosos de S. Antônio cinquenta mil réis, para com o parecer do reverendo Padre Guardião os por a juro seguro, para rendimento de uma missa quotidiana que tenho instituído no capítulo do dito convento para sempre. Declaro que tenho comprado ao Pe. Guardião e mais comunidade dos religiosos de S. Francisco deste Convento de Santo Antônio do Recife a Capela do Capítulo do dito Convento, para nela abrir um carneiro para sepultura do meu corpo e de todos meus ascendentes e descendentes para sempre, e lhes deixo por esmola duzentos e cinquenta mil réis. Declaro que doto trinta mil réis no rendimento de uma casa de pedra e cal em chãos próprios, na Rua do Colégio, para pagamento do dito Capítulo meu, para que faça a meu filho Cel. Simão de Goes de Vasconcelos administrador das ditas casas para dar todos os anos ao síndico do convento a quantia dotada." (Cfr. Frei Benjamin Muller, OFM, "O Convento de Santo Antônio do Recife", 1956, p. 116).

Na petição que Manuel de Goes e seus companheiros fizeram para conseguir a sesmaria, diziam: "Por que não teem na Capitania de Pernambuco terras próprias capazes para a quantidade de gado vacum e cavalar, os vinha comboiando até esta Capitania por distância de duzentas léguas de matos fechados e terras de tapuias bárbaros, com muito dispêndio de suas vidas, e querendo acomodar-se nesta Capitania, deliberaram buscar paragens convenientes, e caminhando desta Força para a parte do Maranhão topam um rio por nome caracu, na distância de quarenta

e cinco léguas, nas ribeiras do qual se podem colher fontes e pastar gados com grande aumento da Fazenda Real desta Capitania". (Ver "Sesmarias", vol I, p. 90).

O Capitão-mor Bento de Macedo Faria deferiu a petição, concedendo vinte e uma léguas de terra rio acima, a partir das águas doces. A cada companheiro de Goes tocavam, portanto, sete léguas. Ao que tudo indica, apenas dois dos sesmeiros conseguiram demarcar suas terras e ocupá-las, devido às grandes dificuldades que tiveram para se adentrarem pelos sertões ínvios. Estas duas datas, conhecidas pela tradição nesta Ribeira com o nome de Datas dos Goes, atingiram apenas até o marco, que foi colocado no local onde se encontra hoje a cidade de Marco, à margem esquerda do rio Acaraú. As demais ficaram prescritas, uma vez que a lei vigente de então determinava que se dentro de cinco anos as terras não fossem ocupadas, seriam consideradas devolutas. Donde se vê que o local onde se encontra hoje a cidade de Sobral não foi ocupada pelos companheiros de Manuel de Goes.

Não encontramos, nos termos de batismo, casamento e óbito do Curato do Acaraú, cujos livros registram dados desde de 1725, qualquer referência a Francisco Pereira Lima, Manuel de Almeida Arruda e Estevão de Figueiredo, o que leva a concluir que não deixaram descendência nesta região. Prova de que aqui não se fixaram. Quanto ao Pe. Amaro Fernandes de Abreu sabemos que era provido, pela Mesa da Consciência e ordens, na igreja de N. Sra. da Assunção de Fortaleza por Alvará do Príncipe Regente datado de 10 de fevereiro de 1683, e nunca pisou pé nesta Ribeira com a intenção de posse. Quanto a Manuel de Almeida Arruda já possuidor de vastas sesmarias no Mucuripe e no Banabuiú, não deixou na Ribeira do Acaraú o mais leve

indício de sua presença.

Ao que parece, o terreno onde hoje está edificada a cidade de Sobral estava encravado dentro dos limites da sesmaria confirmada no dia 14 de outubro de 1702, concedida pelo Capitão-mor Francisco Gil Ribeiro a dois vereadores da Câmara da então recém criada Vila de Aquiraz, Antônio da Costa Peixoto e Leonardo de Sá Este era sogro de Felix da Cunha Linhares, fundador da vila de Patriarca (São José).

Esta sesmaria media 3 léguas de comprido seguindo o curso do rio Acaraú, com meia légua de largo para cada banda do dito rio. (Cfr. Liv. Sesmarias, n°. 117).

Antônio da Costa Peixoto, português, o qual chegara ao Ceará pelo ano de 1676, fixando residência no Siupé, perto de Pecem, onde em 1694, legalizou sua ocupação de terra com outra sesmaria, que lhe foi concedida a 9 de maio daquele ano por sinal a primeira sesmaria, constante do primeiro volume mandado publicar pelo Presidente do Ceará, João Thomé de Saboya e Silva, em 1920.

Antônio da Costa Peixoto, primeiro proprietário das terras onde foi construída a Fazenda Caiçara, berço de Sobral, constituiu família no Siupé, conseguindo também ter grande influência social e política nos primórdios da história da Capitania. Tanto é assim que: a 25 de janeiro de 1700, quando foi realizada a primeira eleição no Ceará, em Iguape (Aquiraz), para a constituição da primeira Câmara da recém criada primeira Vila da Capitania, saiu eleito vereador.

Temos notícias de dois de seus filhos: Nicolau da Costa Peixoto e Apolônia da Costa. O primeiro, casado com Paula de Sá, filha do outro sesmeiro Leonardo de Sá, fixou residência no baixo Acaraú, região onde hoje se encontra a cidade de Bela—Cruz e ali fez doação de terras necessárias ao sustento do culto religioso e

para a constituição do patrimônio da Capela de Nossa Senhora da Conceição. Quanto à Apolônia, sabemos que herdou terras de seu pai nesta Ribeira, exatamente onde se encontra a cidade de Sobral, sendo portanto a segunda proprietária destas terras. Casou-se com o Sargento-mor Antônio Marques Leitão, natural de Óbidos, Portugal, e residente no Siupé.
Deste casal nasceram sete filhos, tres dos quais vieram residir na Ribeira do Acaraú para ocupar e administrar as terras da sesmaria da família. Foram eles:

1. ANTÔNIO DA COSTA LEITÃO, sapateiro, casado a 6 de junho de 1740, na Capela da Santana, com Maria Barbosa, filha legítima de Domingos Rodrigues Peniche e Inês Barbosa. Residia na Fazenda Cruz do Padre, distante dois quilômetros da Caiçara, onde faleceu a 13 de julho de 1773, exatamente dois dias antes da criação da Vila de Sobral.

2. JOÃO MARQUES DA COSTA, criador, casado, a 1º. de março de 1745 na Capela de Almofala, com Ana Maria Josefa de Barros, filha legítima do escrivão Luís Vieira de Barros e Rosaura Gomes de Oliveira. Residia na Fazenda Marrecas, onde faleceu a 18 de abril de 1785 deixando numerosa prole de 14 filhos.

3. QUITÉRIA MARQUES DE JESUS que foi a terceira proprietária da Fazenda Caiçara. Casou-se, a 5 de março de 1733, com o Capitão Antônio Rodrigues Magalhães, natural do Natal dos Reis Magos, Rio Grande do Norte, filho legítimo de Luís de Oliveira Magalhães, e Isabel Gonçalves. O casal, Antônio Rodrigues Magalhães e Quitéria Marques de Jesus, residiram durante muito tempo no Siupé onde nasceu a maioria de seus filhos. Pelo ano de 1750, o casal se transferiu definitivamente para a Fazenda Caiçara, berço de Sobral, onde fez doação de cem braças de terras em quadro para a constituição do patrimônio

da Capela de Nossa Senhora da Conceição da Ribeira do Acaraú. Dona Quitéria faleceu a 31 de agosto de 1759 e foi sepultada na Matriz da Caiçara.

Que a Fazenda Caiçara, berço de Sobral, pertencia por herança a Dona Quitéria é confirmado pelo fato de se encontrar em seu inventário feito na Vila de Fortaleza a 1º. de dezembro de 1759, onde se lê: " Por uma légoa de terra onde se acha uma Fazenda chamada Caiçara, Ribeira do Acaraú, vista e avaliada pelos avaliadores em trezentos mil réis". No inventário do Capitão Antônio Rodrigues Magalhães, feito a 2 de novembro de 1757, "nesta povoação da Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Acaraú", nada consta sobre a Fazenda que deu origem à cidade de Sobral, donde se conclui que era herança de sua mulher.

Falecendo Dona Quitéria, a Fazenda Caiçara tocou por herança à sua filha caçula Bárbara Maria, que foi, assim, a quarta proprietária destas terras. Bárbara Maria foi batizada a 7 de janeiro de 1755 na Matriz da Caiçara e se casou, a 9 de setembro de 1766, com Antônio José Marinho, filho legítimo de João Machado do Rego e Maria Francisca. Até aqui, as terras da Caiçara pertenceram à mesma família. Por este tempo, já havia um povoado relativamente adiantado centro que era de toda a região.

O casal Antônio José Marinho e Bárbara Maria arrendou as terras a Luís Soares Ferraz Porto pela quantia de oito mil réis por ano, e logo após as vendeu a José Mendes Machado que foi assim o quinto proprietário. Com estas vendas, a Fazenda saiu das mãos da primeira família. José Mendes Machado era filho do Capitão Cosme Frazão de Figueroa e Da. Maria Coelho de Vasconcelos, residentes na Fazenda Sapó hoje município de Santana do Acaraú, e se casou, a 2 de setembro de 1747, com Antônia Maria Lopes, filha legítima de José Leitão Arnoso e Maria Lopes Leitão.

No inventário de José Mendes Machado feito na Caiçara no dia 1º. de dezembro de 1772, diz-se que "possuia uma sorte de terra de criar gados neste próprio lugar chamado a Caiçara, com huma légua de comprido pelo rio Acaraú acima e meia de largo para fora dele, tudo somente para a parte do poente, pegando no comprimento das testadas da Fazenda Pedra Branca do Capitão Francisco Cunha de Araújo até contestar com terras da Fazenda Corgo da Onça do Capitão Vicente Lopes Freire; e na largura pegando da beira do mesmo rio Acaraú, buscando a serra chamada Beruoca, até contestar com terras do Capitão Antônio Miguel Pinheiro, excetuando-se cem braças de terras que dentro da referida povoação pertecem a N. Srª. da Conceição,a qual légua de terra houve por título de compra que dela fez ao Alferes Antônio José Marinho e sua mulher Bárbara Maria de Jesus".

José Mendes Machado doou um quarto de légua desta terra, exatamente o sítio Cruz do Padre, para dote de casamento de sua filha Inácia Maria que, a 2 de agosto de 1768, contraiu núpcias com Francisco Rodrigues da Cruz.

Com a morte de José Mendes Machado ocorrida a 26 de dezembro de 1771, os restantes trêsquartos de terra foram herdados por seus outros filhos Matias, Antônio José e Vitorino.

A parte central, exatamente cercando as casas da povoação, tocou ao filho Matias Mendes Machado que era soldado servindo na guarnição do Forte de N. Srª. da Assunção, Fortaleza, que foi assim o sexto proprietário. Por residir em Fortaleza, impossibilitado de ocupar e administrar estas terras, o soldado Matias as vendeu ao preto forro Manoel de Sousa Leal, que

foi o sétimo proprietário. Manoel de Sousa Leal era negro natural da África, nascido na costa de Mina casado com Vitorina de Sousa Dorneles, filha do preto Antônio, natural de Angola e escravo do Capitão Antônio Coelho de Albuquerque.

Apesar de ser homem de cor, Manoel de Sousa foi pessoa influente na Vila de Sobral, não só por possuir as terras circunvizinhas da Vila, como também por ter sido, por muito anos, arrendatário do contrato da venda de carnes verdes e responsável pelo açougue público. Esta função lhe deu oportunidade de fazer economias e acumular relativa fortuna com que conseguiu comprar o terreno.

Neste tempo, a Capela de N. Srª. do Rosário dos Pretinhos, situada hoje no centro comercial de Sobral, servia aos homens e famílias de cor, tendo à frente de sua administração o Alferes Eusébio de Sousa Farias. Para garantir o sustento do culto desta Capela, o adminitrador propôs compra das terras a Manoel de Sousa Leal, com o fim de constituir bom patrimônio. Realmente assim aconteceu, a venda foi feita e as terras passaram a pertencer ao patrimônio da Capela de Nossa Senhora do Rosário, em 1795.

A partir desta data, tornou-se terreno foreiro, de quando então começou a ser retalhado em palmos para edificação do casario da florescente Vila e atual cidade moderna de Sobral.

E assim, ainda hoje, quase toda cidade de Sobral está edificada em terrenos aforados pertencentes ao patrimônio da Capela de Nossa Senhora do Rosário.

FONTES DE ESTUDO:

— *INVENTÁRIO DE ANTÔNIO RODRIGUES MAGALHÃES — Manuscrito*

— *INVENTÁRIO DE QUITÉRIA MARQUES DE JESUS — Manuscrito*

— *INVENTÁRIO DE JOSÉ MENDES MACHADO — Manuscrito*

— *SESMARIAS, 14 volumes, Fortaleza, 1926*

— *Basílio de Magalhães, EXPANSÃO GEOGRÁFICA DO BRASIL COLONIAL, Rio, 1944.*

— *Dom José Tupinambá da Frota, HISTÓRIA DE SOBRAL, 2ª. ed. Fortaleza, 1974.*

— *Craveiro Filho, O CENTENÁRIO, Sobral, 1941*

— *Pe. João Mendes Lira, SOBRAL, SUA HISTÓRIA DOCUMENTAL, Rio, 1975.*

— *Mons. Fortunato Linhares, NOTAS HISTÓRICAS DA CIDADE DE SOBRAL, 1941.*

A Medicina antes da Santa Casa

MEDICINA INDIGENA

Os primeiros socorros medicinais prestados nesta região, de meu conhecimento, são os narrados pelo Padre Luiz Figueira na "Relação do Maranhão", escrita em 1608. Durante a travessia que o heróico jesuita realizava, com sua caravana, pela Serra de Uruburetama em direção à Ibiapaba, aconteceu que um índio foi picado por uma cobra venenosa, falecendo algumas horas depois. Na tentativa extrema de salvá-lo, "não lhe aproveitou pedra de bazar, nem o licórnio, nem queimarmos-lhe a ferida, nem finalmente outras meizinhas e benefícios".

Habitada primitivamente pelos tapuias reriús que fixaram suas tabas sobre a Serra da Meruoca, a região de Sobral só começou a receber os primeiros homens brancos nos últimos anos do século dezessete e princípios do dezoito. Nestes recuados tempos reinava a mais absoluta ignorância no cuidado da saúde, tratada unicamente com benzeduras, ritos religiosos de superstição e remédios caseiros preparados exclusivamente com plantas regionais. Neste setor, os primeiros colonizadores não possuiam conhecimentos melhores do que os indígenas. Ao contrário estes é que eram solicitados para informar sobre as virtudes medicinais da flora nativa. Não é pois de estranhar que uma longa tradição de cuidados primitivistas e empíricos tenham se enraizado na men-

talidade do povo com relação aos problemas de higiene e saúde.

A DOENÇA DE LUÍS QUARESMA

Em documentos locais, as primeiras notícias que encontrei sobre medicina nesta Ribeira do Acaraú estão contidas no inventário do viúvo Luiz Quaresma Coutinho, falecido a 24 de novembro de 1745. Acometido de doença venérea, foi tratado pelo Capitão Manuel de Barros Barreto, espécie de herbanário ambulante, que ganhava a própria subsistência do trabalho fácil de apozemar os doentes que encontrava nos caminhos de suas peregrinações a cavalo através dos ínvios e ermos sertões.

Luís Quaresma, homem abastado, residia na Ribeira do Aracatiaçu com sua mulher Lourença Romana e seus quatro filhos. A terrível seca que assolou o Ceará no ano de 1745 desmontou a fortuna do velho sertanejo, que perdeu a mulher e muitos bens obrigando-o a se deslocar para as praias do Acaraú em busca de melhores condições de vida, procurando encontrar no mar o alimento que a terra lhe negava. Viúvo, partiu, com os filhos órfãos de mãe, e teve a infelicidade de contrair doença venérea em contactos que manteve com alguma índia que,por sua vez,tentava também sobreviver do comércio do próprio corpo. Vitimado pela seca que lhe dizimou o gado e do mal gálico que lhe roubou a saúde, teve que solicitar a ajuda do Pe. Felix de Azevedo Faria, sacerdote que desde 1730, pelo menos, missionava nas praias de Almofala, e que lhe deu todo apoio, hospedando-o caridosamente na própria casa paroquial. Aí, com a paciente acolhida do capelão, demorou-se vários meses, visto que o agravamento da enfermidade o tornava inapto para exercer qualquer trabalho.

O tratamento a que foi submetido bem retrata a

situação precária da medicina nestes recuados tempos. O Capitão Manuel de Barros, figura primitiva de charlatão bem intencionado, declara que assistiu ao enfermo "com medicamentos de purgar, apózemas e mercúrio para a cura das feridas que tinha nas virilhas", e cobrou a quantia de catorze mil quatrocentos e sessenta réis, total das despesas gastas com "pírolas mercuriais, apózemas de salsa, quatro purgas laxativas, quatro limpas, três vomitórios e cem gotas". Demonstrando ainda espírito de desprendimento, afirma não está cobrando "cinco patacas de unguento, afora algum óleo".

Como se constata, para poder extrair a raiz do mal, o capitão forçou seu cliente a expelir, do próprio corpo extenuado, todos os "maus humores" por meio de vômito, micção, defecação e sudorese, simultaneamente. É evidente que a vítima não pode resistir à violenta fúria dos micróbios e aos extenuantes esforços musculares a que esteve submetido.

Parece que, nesses idos, vivia mais quem morria à míngua. E, apesar dos insucessos, o capitão continuou a percorrer a Ribeira do Acaraú oferecendo os seus préstimos profissionais, baseados ainda na velha teoria dos humores de Hipócrates.

O PRIMEIRO LICENCIADO

No ano de 1770, chega à povoação da Caiçara o licenciado Geraldo Pedro Ribeiro Borba, natural de São Pedro de Alcântara, Maranhão, filho do português Lourenço de Borba e de Francisca Maria Ribeiro. Documentos da época o indentificam como "homem branco que vive de sua cirurgia". Foi o primeiro profissional de medicina a fixar residência na povoação da Matriz de Nossa Senhora da Conceição da

Caiçara. Casou-se, a 12 de agosto de 1771, com a jovem Maria Furtado de Mendonça, filha do Capitão Antônio Furtado dos Santos e de Ana Maria da Conceição. A cerimônia religiosa do matrimônio foi realizada na Matriz, solenemente, à qual compareceram as grandes figuras da povoação, dada a alta posição social do pai da noiva, açoriano da Ilha de São Miguel, tabelião, maior expressão cultural da Caiçara de então.

Vale ressaltar, à guisa de curiosidade, que Maria Furtado de Mendonça casou-se, em segunda núpcias a 10 de fevereiro de 1782, com Antônio Pereira de Azevedo, pais de Tereza Maria de Jesus que foi mãe do célebre missionário Padre Ibiapina.

Ribeiro Borba era portador de licença oficial para execer a medicina, tendo em vista a aprovação que obteve nos rápidos e sumários exames a que foi submetido. Nessa época, o Conselho Ultra Marinho de Lisboa, dada a total carência de assistência sanitária nas colônias lusas, não antepunha grandes dificuldades para a concessão de licença a pessoas vontadosas que desejassem exercer a medicina e a cirurgia no Brasil. A aprovação em um exame protocolar era o suficiente para se obter um título de licenciado. Quando foi instalada a Vila de Sobral, Ribeiro Borba era o único licenciado em medicina residente na sede do novo município e prestou seus serviços até o dia de seu falecimento.

HERBANÁRIOS E "CIRURGIÕES"

Com a morte de Geraldo Pedro Ribeiro Borba, a população sobralense recorria aos cuidados de Antônio José da Silva, herbanário como se vê do inventário de Caetano Gomes da Silva, falecido a 19 de julho de 1776, onde a viúva Francisca Maria de Vasconcelos declarou dever novecentos e sessenta réis ao dito Antônio José , "de uma purga de maná".

Muitas vezes, a intervenção destes curadores não se limitava a preparar e ministrar remédios, pois empregavam também processos manuais, os mais diversos, com uso de instrumentos rudimentares , para tentar debelar as doenças. Praticavam, de fato, operações labregas, tais como sangrias, compressas quentes, extração de dentes, sucção das narinas, trabalhos de parto, imobilização de fraturas ósseas com talos de carnaubeira, pelo que eram chamados de "cirurgiões". Dedicavam-se igualmente a serviços veterinários, especialmente à castração de animais para engorda. Alguns ganhavam fama pela perícia natural que possuiam em desempenhar tais misteres.

Um destes "cirurgiões"que gozou de muita notoriedade na Ribeira do Acaraú foi o português Caetano Nunes de Brito que conseguiu ganhar bastante dinheiro e prestígio durante sua permanência na região. No inventário de Elena da Costa, mulher de Narciso Lopes Barreto, falecida a 28 de julho de 1787, consta uma dívida de vinte e cinco mil quatrocentos e vinte réis "de que era credor Caetano Nunes de Brito, de curas, remédios e visitas que fez em sua casa". Sabendo-se que, nessa época, uma vaca custava apenas mil e duzentos réis, pode-se facilmente avaliar o alto preço cobrado pelo "cirurgião" para assistir àquela enferma. Os vencimentos do curador correspondem ao preço de mais de vinte vacas de leite. A ele também recorriam os que necessitavam de atestados médicos como se vê de um ato do Governaor Montaury, datado de 10 de outubro de 1787, concedendo licença de férias ao Alferes Manuel Alva-

res de Faria Pinto, genro da defunta Elena da Costa "tendo em vista um atestado assinado pelo cirurgião Caetano Nunes de Brito".

SECAS E EPIDEMIAS

No ano de 1780, fixou residência em Sobral o licenciado José Gomes Coelho, português natural de Pinhel, irmão leigo que fora educado em convento religioso de Portugal, filho de Pedro Gomes Coelho e Teresa Fernandes de Jesus. Casou-se duas vezes, sendo tronco dos Monte Coelhos e Gomes Coelhos, famílias sobralenses das mais ilustres. Prestou inúmeros benefícos à população, principalmente durante a terrível epidemia que grassou em 1791. Neste ano, uma grande seca assolou o território cearense, agravada por um surto de febres e sezões que se alastrou por toda a zona norte, especialmente nas vilas de Sobral e Granja os dois maiores aglomerados humanos daquele tempo.

A Câmara de Sobral, em contínuos ofícios dirigidos ao Governador Luís da Mota Feo e Torres, solicitou socorros urgentes para atender à população atingida. Este, sentindo-se sem possibilidades de recursos técnicos e financeiros, apelou para o Capitão-Geral de Pernambuco que resolveu enviar uma comissão médica para conhecer de perto a situação. Enquanto isto, em Sobral o licenciado José Gomes Coelho, único cirurgião residente na vila , tudo fez para debelar a epidemia. Seus esforços foram frustados, considerando-se a absoluta falta de medicamentos. A taxa de mortalidade subia consideravelmente criando um clima de intranquilidade pública.

Para alívio da população já quase desesperada, no dia 14 de outubro de 1791 aportou nas praias de Acaraú a comissão médica organizada em Pernambuco pelo Dr. T. José de Melo e que vinha destinada diretamente a Sobral com o fim de "debelar as febres miasmáticas". Era composta do Dr. João Lopes Cardoso Machado, dos licenciados Joaquim José Henriques e Teotônio Ferreira dos Reis, do boticário J.Pio Caetano de Carvalho, além de dois "sangradores".

A equipe, chegando a Sobral, começou a trabalhar, tendo constatado que a epidemia já tinha feito 573 vítimas, sendo 244 adultos e 229 crianças. As condições da região eram as mais precárias, como se pode ver do relatório apresentado, do qual extraímos os seguintes tópicos: "O povo que vive por este termo padece de muitas necessidades. Em parte alguma se não vendem os víveres pelo miúdo ao povo, os negociantes extraem grande parte deles para fora e por isso os que não teem para comprar por junto, e os que não se acautelam no tempo da colheita ficam expostos a sofrerem a fome ou a procurarem alimento nocivo. Uma não pequena parte do povo da vila de Sobral vive dispersa pelo campo, habitando muitas vezes um só homem em uma casa de palha distante de outra uma e mais légua. Não há naquele sertão uma só botica. Na vila de Sobral apenas existe um cirurgião, o qual nenhum remédio tinha para aplicar aos enfermos, ou porque se tivesse acabado os poucos que costuma ter os cirurgiões que circulam os sertões e o mato, ou porque aqueles povos teem horror a medicamentos a que chamam de botica, vivendo satisfeitos com uns remédios chamados caseiros, sem conhecimento legítimo de suas virtudes, e aplicados por qualquer indivíduo. Tenho determinado deixar os medicamentos ao licenciado José Gomes Coelho, a quem examinei de medicina, e o achei capaz e suficiente".

A Comissão Médica permaneceu pouco mais de um mês em Sobral e esteve hospedada em uma casa alugada a uma moça, órfã de pai e mãe, que se sustentava dos réditos do aluguer. Em carta dirigida ao Governador Feo e Torres, datada de 18 de fevereiro de 1792, o Capitão Francisco Rodrigues da Cruz procurador da locadora, reclamou o pagamento atrasado, afirmando ainda que, depois da retirada da comissão, no mesmo imóvel ficara instalada a botica sob os cuidados do licenciado José Gomes Coelho. Parece que, até hoje o aluguer ainda não foi pago.

Como consta do livro de óbitos da Matriz, a 25 de novembro de 1792, faleceu o cirurgião José Dias Gomes, natural do Recife, com 25 anos de idade, sendo sepultado em Sobral. Tudo leva a crer que o jovem esculápio, pensando no vasto campo de trabalho que aqui encontraria, deslocou-se para a vila de Sobral com a intenção de permanecer, prestando seus serviços profissionais ao grande número de vítimas da epidemia, da qual tivera notícias em Pernambuco após o retorno da comissão. Lamentavelmente, ele próprio foi vítima do mal que pretendia debelar.

DOIS CIRURGIÕES PRÁTICOS

No início do século dezenove, chega a Sobral, procedente de Taipu, Rio Grande do Norte, o cirurgião prático João José Ferreira, filho do português Manuel José Ferreira e de Isabel Maria de Jesus. Casou-se, na Fazenda Tapera, a 19 de abril de 1803, com Rita Teresa de Jesus, filha do Capitão Antônio Gomes de Albuquerque e Maria Teresa de Jesus, sendo tetravô materno do autor destas linhas. Foi homem influente na vida política e religiosa da vila de Sobral, ocupando o cargo de Presidente da Câmara e Juiz Ordinário no ano de 1813. Homem destemido, foi tesoureiro da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Matriz e entrou, várias vezes, em atritos com o vigário Pe. José Gonçalves de Medeiros. Conta-se que, muitas vezes, se mostrava violento e severo com certos doentes que, no seu entender, fingiam enfermidades com o fim de se eximir de trabalhos, como os escravos, a quem ameaçava de chicotadas como remédio para se levantarem do leito. Ao tomar o pulso de certos enfermos, dizia: "Ainda aguenta tantas relhadas". Em alguns casos, era o bastante para fazer desaparecer os sintomas doentios. João José Ferreira faleceu a 19 de março de 1844 e foi sepultado na Matriz.

A 12 de fevereiro de 1812, Francisco Antônio de Faria consegue licença para exercer a cirurgia em Sobral. Era filho de Francisco Ferreira de Almeida e Ana Ferreira do Espírito Santo, e se casou, a 28 de outubro de 1792, com Maria Madalena de Sousa, filha de Manuel Pereira de Sousa e Teresa Maria de Jesus, sendo assim tio afim do Padre Ibiapina. O Alvará de licença foi assinado pelo Dr. João Lopes Cardoso Machado, o mesmo que chefiara a comissão médica que esteve em Sobral durante a epidemia de 1791, e estava vazado nos seguintes termos: "Juizo da Comissão e Delegação de Medicina. O Doutor João Lopes Cardoso Machado, Cavaleiro Professo na Ordem de Cristo, Juiz Comissário e Delegado Geral de Medicina e Cirurgia nas Capitanias de Pernambuco, Itamaracá, Rio Grande e Ceará, com alçada no crime e cível, por Sua Magestade Fidelíssima que Deus Guarde, Faço saber a todas as justiças em geral e a cada uma em particular, em suas jurisdições que este Alvará de Licença virem e for apresentada como Francisco Antônio de Faria, morador na vila de Sobral, comarca do Ceará Grande, me representou por sua petição que ele suplicante se tem aplicado

à Medicina Práctica por alguns autores, acudindo a muitos enfermos de diferentes moléstias aplicando-lhes os remédios necessários com feliz sucesso e aceitação dos povos daquele lugar e seus subúrbios, curando os pobres gratuitamente, e por que não quer ficar incurso nas penas das Leis, me pedia por fim e conclusão de sua petição, que atendendo ao seu justo requerimento, e não haver professor algum e nem botica naquele lugar, e o suplicante ter suprido a falta deles a fim dos povos não perecerem, fosse servido lhe conceder a dita Licença, mandando-lhe passar na forma de estilo, e sendo visto por mim o seu requerimento, informado de sua capacidade e inteligência, e pela atestação que me foi apresentada da Câmara da Vila de Sobral, lhe mandei passar a presente por tempo de três anos, para o dito Francisco Antônio de Faria poder curar de medicina práctica e ter remédios precisos para aplicar aos seus enfermos curando a todas as pessoas indistintamente com todo o cuidado, zelo e prontidão, e aos pobres por amor de Deus; e nas moléstias agudas e crônicas em que possa haver perigo de vida recorrerá ao médico mais próximo, e nas contagiosas e epidemias dará parte para se darem as devidas e necessárias providências, não deixando morrer os enfermos sem o sacramento da Igreja, guardando em tudo o disposto do Regimento, pelo que requeiro a todas as justiças da parte de Sua Magestade Fidelíssima que sendo-lhes este apresentado, indo por mim assinada e selada com o selo da Lei, e escrita pelo escrivão do meu cargo, a cumpram e guardem, e a façam muito inteiramente cumprir e guardar, e o seu verdadeiro conhecimento pertencer e tocar. Dada e passada nesta Vila de Santo Antônio do Recife do Pernambuco, aos doze dias do mês de fevereiro de mil oitocentos e dezoito, eu, Francisco Antônio da

Fonseca, escrivão escrevi. João Lopes Cardoso Machado".

A simples leitura deste interessante texto nos mostra como eram "formados" nossos médicos nos primeiros decênios do século passado. Eram alvarás como este que davam ao seu portador o título de licenciado, podendo legalmente exercer a profissão. Depois do vencimento do prazo, a renovação era concedida sem mais formalidades, e assim, o nosso Licenciado Francisco Antônio de Faria exerceu a medicina em Sobral ainda por vários anos, como se vê pela ata da vereação do dia 7 de janeiro de 1826 em que ele aparece com uma petição de exoneração do cargo de Juiz Ordinário da Câmara, alegando "exercer a cirurgia nesta Vila". Nesta época já estávamos no quinto ano depois da Independência do Brasil.

A SECA DE 1825

As "Memórias" escritas pelo professor sobralense Manuel Ximenes de Aragão e que foram publicadas no tomo 27, ano de 1913, da Revista do Instituto do Ceará, nos deixaram preciosas informações sobre os efeitos da terrível seca de 1825 que tantos malefícios causou à saúde da população. Leiamos atentamente o texto original: "Passado que foi o ano de 1825, sempre lembrado pelo povo cearense, entrou o de 1826, principiando o inverno no dia 8 de janeiro, mas a fome continuava ainda em seu auge, enquanto não houve algum legume, mas desenvolveu-se no povo uma desenteria de sangue com vômitos de que morreu muita gente, e às vezes em poucas horas depois da invasão dela. Desenvolveu-se também uma inchação ou hidropisia, de que igualmente muita gente morreu, da qual a mulher de meu tio Joaquim esteve nas portas da morte, pois chegou ao ponto de lhe es-

tourarem as coxas, vindo a aliviar com umas purgas de jalapa com resina de batata, com o que no fim de poucos dias achou-se sã. Juntos todos estes flagelos, avalie-se quanto povo não morreu em Sobral, em cujas igrejas não cabendo mais corpos, eram enterrados na Várzea da fortaléza, onde não se podia passar com o fétido e se encontraram várias vezes cachorros carregando pernas de defuntos. À medida que o inverno de 1826 aumentava ia a fome desaparecendo, porque o povo valia-se das suas produções, com o que se ia mantendo enquanto vinha o legume, mas as inchações e desenterias não desapareceram logo. Eu fui um dos que estive à morte desta última moléstia, a desenteria, da qual fui atacado repentinamente, com vômitos e cursos fortíssimos".

Nestas preciosas "Memórias" há também uma interessante descrição de uma operação assistida pelo autor e que foi realizada, a sangue frio, na Vila de Quixeramobim e que dá uma idéia real da barbaridade das cirurgias de então.

O MAIOR MÉDICO SOBRALENSE

Nesta altura, vale registrar o nascimento, em Sobral, de uma das mais ilustres figuras da medicina do Brasil, o Visconde de Sabóia. Merece ser transcrito na íntegra o termo de registro de seu batismo: "Vicente, filho legítimo de José Sabóia e de Joaquina Figueira de Melo, desta Vila, nasceo aos treze de abril de mil oitocentos e trinta e cinco, e foi batizado aos dezessete de maio do mesmo ano, solenemente por mim vigário nesta Matriz, e logo lhe administrei os santos oleos, e foram Padrinhos Antônio Viriato de Medeiros e D. Ana Figueira de Melo, casada. E para constar mandei fazer este assento no qual assignei. O vigário José Gonçalves de Medeiros". (Liv. Batismo, nº. 28, fl. 9).

Autor de valiosas obras especializadas, editadas na França e no Rio de Janeiro, o Visconde de Sabóia foi Diretor da Faculdade de Medicina do Brasil, renovador do ensino médico, membro de várias sociedades médicas do Velho Mundo, criador do ensino de odontologia no País, introdutor do tratamento ortopédico com gesso, obstétra da Corte, fundador da Academia Filosófica do Rio e Visconde do Império com grandeza. Uma sumidade, enfim, na Medicina. Faleceu, em Petrópolis, a 18 de março de 1909, cercado de admiração de quantos o conheceram. Dele disse, Barata Ribeiro, ter sido "uma das maiores glórias científicas do País, como da América do sul".

PRIMEIRO MÉDICO A CHEGAR

Nos velhos livros da Câmara de Sobral encontrei o registro do diploma de médico pertencente ao pernambucano Dr. José Cândido de Lima, laureado, a 17 de julho de 1837, na Faculdade de Montpellier, França e que solicitava permissão para exercer a profissão em Sobral. Seu requerimento é datado de fevereiro de 1838, poucos meses após a sua formatura, o que demonstra que veio residir em Sobral logo depois de ter retornado da Europa. Não consegui colher maiores informações sobre o Dr. José Cândido, parecendo-me ter demorado muito pouco por aqui. Cabe-lhe o título de ter sido o primeiro médico formado em Faculdade a fixar residência em Sobral.

O DR. LIMA

No início do ano de 1841 caiu gravemente enfermo o Coronel Vicente Alves da Fonseca, sogro do Senador Paula. Sendo este, homem de muitos bens de raiz e político de enorme influência, procurou dar

toda assistência possível para salvar a vida de seu sogro. Com este fim, fez vir do Maranhão o Dr. João Francisco Lima, formado pela Universidade de Sale Estados Unidos da América, membro efetivo da Sociedade de Ciências e Artes de Connecticut e do Instituto de HistóriaNatural de Sale, filho legítimo de João José de Lima e de Antônia Benedita de Araújo. O ilustre médico passou a residir na própria casa do enfermo prestando-lhe diuturna e contínua assistência. Apesar de todos os esforços, o Coronel veio a falecer no dia 6de setembro de 1841. O prestigioso morto, líder político do Partido Liberal, era casado, em segunda núpcias, com a jovem Irene Ermelina da Glória, filha do Capitão Antônio Furtado do Espírito Santo e de Ana Antônia de Sousa. O Dr. J. Francisco Lima, enquanto cuidava da saúde do Coronel Alves da Fonseca, apaixonou-se pela jovem viúva e com ela veio a casar, a 17 de abril de 1842, "às sete horas da noite, por urgência", conforme reza o texto que registrou a cerimônia religiosa. Em Sobral, o ilustrado médico encontrou vasto campo de ação, não tendo mais retornado ao Maranhão. Para Sobral deslocou-se também seu irmão. Antônio José de Lima, comerciante, que se casou, a 10 de julho de 1844, com Ângela Querubina de Castro e Silva, filha do Capitão Custódio José Correia da Silva e de Maria Carolina de Sabóia.

A 12 de janeiro de 1841, a vila de Sobral foi elevada à categoria de cidade com o pomposo nome de Fidelíssima Cidade Januária do Acaraú, por ato do Presidente José Martiniano de Alencar. O povo da nova cidade sentia-se orgulhoso por poder contar entre os seus habitantes a figura do Dr. João Lima, médico formado na América do Norte, fato raro no Brasil daquela época.Por este motivo,o médico aqui se fixou e permaneceu até a morte, benquisto, amado

e respeitado, apesar do escândalo passageiro de seu casamento apressado com Dona Irene Ermelina. Sabe-se que, no fim da vida, chegou a sofrer das faculdades mentais não mais podendo clinicar, mas nessa época Sobral já possuia outros médicos.

PRIMEIROS MÉDICOS SOBRALENSES

No dia 20 de dezembro de 1841, formou-se em Medicina o Dr. Francisco Alves Pontes, primeiro sobralense nato a conseguir tal láurea. Logo depois de formado veio para a terra natal onde fez registrar seu diploma no livro competente da Câmara Municipal, como se vê pelo documento que passo a transcrever:"Registro do Diploma de Doutor em Medicina passado ao Doutor Francisco Alves Pontes. Império do Brasil. Diploma de Doutor em Medicina. A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, organizada em virtude da Lei da Reforma das Academias Médico-Cirúrgicas de três de outubro de mil oitocentos e trinta e dous, tendo presente termo de aptidão ao Grau de Doutor que obteve o sr. Francisco Alves Pontes, pela aprovação que conseguiu em todos os exames do Curso Médico que frequentou como discípulo desta Escola e pela sustentação de sua tese em que ostentou saber e o de lhe haver defendido no dia 20 de dezembro de mil oitocentos e quarenta e hum, solenemente conferido lhe foi o dito Grau na conformidade da referida Lei e dos Estatutos, dá o presente Diploma ao dito Senhor Francisco Alves Pontes, filho legítimo de Francisco Alves Pontes, nascido a 19 de setembro de mil oitocentos e dezessete, natural da cidade de Januária do Acaraú, Província do Ceará, para que ele goze, tanto na ordem civil como no que respeita às funções desta Escola, e quê possa concorrer de todos os direitos e prerrogativas atribuidas pelas leis do Im-

pério, Eu, Dr. Luís Carlos da Fonseca, Secretário subscrevi. Escola de Medicina do Rio de Janeiro, em vinte de dezembro de mil oitocentos e quarenta e hum. Chanceler Doutor Manuel Feliciano Pereira de Carvalho, Diretor Doutor Manuel de Valadão Pimentel. Impetrante Doutor Francisco Alves Pontes. Secretário Doutor Luís Carlos da Fonseca. Registrado a folhas quarenta e seis, verso, do Livro Competente. Escola de Medicina, 20 de dezembrode 1841. Doutor Luís Carlos da Fonseca. Confere. Cidade Januária, 25 de fevereiro de 1842. O Secretário da Câmara Bernardino Gomes Franca Pessoa".

O jovem médico sobralense clinicou na cidade natal durante cinco anos, tendo sido contratado pela Câmara Municipal, a 9 de abril de 1844, para atender à pobreza, com autorização expressa de solicitar remédios da botica do Coronel Joaquim José Alves Linhares às custas do erário público. Exerceu o cargo de Presidente da Câmara de 1843 a 1847 e foi Deputado Provincial em várias legislaturas. Transferindo-se para Fortaleza, foi delegado do cirurgião-mor do Exército e médico da Câmara Municipal de Fortaleza. Como cirurgião do Exército participou das campanhas militares no Paraguai e Argentina. Casou-se, no Rio de Janeiro, com Rosa Feliciana da Fontoura, sem descendência, tendo adotado como filha a poetisa Serafina Rosa Pontes. Faleceu, em Fortaleza, a 7 de julho de 1880.

O segundo sobralense a se graduar em medicina foi o ilustrado Dr. Antônio Domingues da Silva. Nasceu em Sobral a 28 de julho de 1817, sendo filho legítimo do Alferes Joaquim Domingues da Silva e de Florência Maria de Jesus. Viajou para a França em 1835, bacharelando-se em Letras em 1837, em París. Recebeu o Diploma de Doutor em Medicina da Faculdade de Montpellier, a 3 de novembro de 1843. Ao retornar da Europa um ano após sua formatura, instalou consultório em Sobral, onde prestou relevantes serviços à população e exerceu vários cargos públicos, como vereador e presidente interino da Câmara. De 1852 a 1857, como Deputado Provincial, teve influência marcante na vida social e política de Fortaleza, tendo sido um dos fundadores da Academia Francesa e primeiro Presidente do Gabinete Cearense de Leitura. Faleceu na capital cearense, a 12 de julho de 1876.

PRIMEIROS FARMACÊUTICOS

A 10 de julho de 1843 foi registrada no livro competente da Câmara "uma certidão de aprovação em exame que prestou de farmácia" o Sr. Camilo Pinto da Fonseca Neves, português natural do concelho de Arigós, Lamego, subscrita na Secretaria da Escola Médico-cirúrgica do Porto e datada de 4 de julho de 1839. Referido farmacêutico exerceu a profissão durante pouco tempo e não teve condições de instalar em Sobral a sua botica. De fato, já havia chegado a Sobral, no ano ano anterior, o farmacêutico Dr. Manuel Marinho Lopes de Andrade, natural do Maranhão, filho de José Lopes de Andrade e de Cândida Rosa Pereira Berredo, que estava instalando sua sortida farmácia, a primeira a ser inaugurada em Sobral, solenidade que se deu a 28 de novembro de 1844. Dr. Marinho, homem de vasta visão e de invejável competência profissional, logo granjeou a simpatia da população. Casou-se, a 26 de julho de 1843, com Maria Carolina de Castro e Silva, filha do Capitão Custódio José Correia da Silva e Maria Carolina de Sabóia, de cujo consórcio nasceu ilustre descendência, destacando-se o médico Dr. João Marinho de Andrade e o farmacêutico Dr. Alfredo Marinho de Andrade.

A Câmara Municipal, em contrato celebrado a 10 de julho de 1850, nomeou o Dr. João Francisco Lima e o Dr. Manuel Marinho para exercerem, respectivamente, os cargos de médico e farmacêutico da pobreza. Os benefícios prestados à saúde da população por estes dois abnegados profissionais foram realmente imensos, tendo em vista a precariedade das condições da Província naquela metade do século dezoito, quando os recursos humanos e financeiros estavam muito aquem das necessidades a ser supridas. Dr. Marinho faleceu a 2 de julho de 1880, vítima de uma queda, com 66 anos de idade, sendo merecedor da estima e da gratidão do povo sobralense.

Em dezemdro de 1848 chega a Fortaleza o Dr. Augusto Jernstedh, introdutor da homeopatia no Ceará. Naquela época, esta novidade terapêutica foi largamente empregada durante os governos de Silveira da Mota e Almeida Rego, sendo trazida imediatamente para Sobral. Ficou conheecida, entre nós, a habilidade de Isabel Omphale Gondim, Dona Bila, em preparar os remédios homeopáticos.

CEMITÉRIOS E EPIDEMIAS

No meado de 1852, um surto de "febres epidêmicas" se alastrou pela cidade, sendo registrados mais de duzentos casos de doentes. Em ofício datado de 26 de junho desse ano, a Câmara comunica o fato ao Presidente da Província, Dr. Almeida Rego, solicitando providências urgentes e elogiando a ação do Dr. João Francisco Lima que desinteressadamente tem atendido aos enfermos. O Presidente, de imediato, atendeu ao apelo dos vereadores e autorizou a contratação dos dois médicos residentes na cidade. Eram eles o supra citado Dr. Lima e o Dr. Antônio Domingues da Silva. Seriam pagos pelos cofres da Província.

A causa da epidemia foi atribuída ao sepultamento de cadáveres no chão da Matriz, cujo solo já está totalmente ocupado pelas numerosas covas já existentes. A Câmara foi assim obrigada a se dirigir ao vigário, em ofício datado de 15 de fevereiro de 1853, proibindo terminantemente a inumação de cadáveres nos templos. Até então não havia cemitério em Sobral. Ficou determinado que, a partir daquela data, todos os sepultamentos fossem feitos em terreno que foi cercado de pau-a-pique, localizado na atual Praça do Patrocínio hoje ocupado pela igreja do mesmo nome.

Para regulamentar os sepultamentos, a 11 de maio de 1854, foram aprovadas as seguintes posturas pelo Presidente do Ceará: "Vicente Pires da Motta, Presidente da Província do Ceará, aprova provisoriamente, sob proposta da Câmara Municipal de Sobral, as posturas seguintes:

Art. 1°. — Os cadáveres e os indivíduos que falecerem nesta cidade e seus subúrbios não poderão d'ora em diante ser sepultados se não no cemitério da mesma cidade. Os contraventores pagarão multa de vinte mil réis que fará parte das rendas da Câmara.

Art. 2°. — Nenhum cadáver será sepultado sem que tenham decorrido pelo menos vinte e quatro horas contadas da do falecimento, salvo se manifestar-se putrefação, em cujo caso se fará a inhumação o quanto antes.

Art. 3°. — Cada sepultura não terá menos de seis palmos de profundidade nem poderá ser de novo aberta senão depois de decorridos dezoito meses, contados do dia em que houver recebido o último cadáver.

Art. 4°. — O preço de cada uma sepultura será de mil réis para os adultos e de trezentos réis para os párvulos, e os pobres desvalidos terão sepultura grátis e fará o produto parte das rendas da Câmara.

Art. 5°. — Enquanto não se estabelecer um regu-

lamento para o cemitério desta cidade fica a sua guarda a cargo do chaveiro que ora serve, continuando a perceber oito mil réis mensais.

Art. 6º. — O chaveiro terá um livro aberto, rubricado e encerrado pelo presidente dela para fazer o lançamento dos indivíduos cujos corpos se houverem de sepultar no cemitério, declarando sua idade, sexo, o dia e mês e anno em que tiverem falecido, suas qualidades, profissão, estado, naturalidade e a natureza da enfermidade de que sucumbiram. Mando portanto a todas as auctoridades a quem o conhecimento e execução das referidas posturas pertencer, que cumpram e a façam cumprir tão inteiramente como nelas se contem. O Secretário do Governo da Província as faça publicar e correr. Palácio do Governo da Ceará, 11 de maio de 1854, trigésimo da Independência do Império. Vicente Pires da Motta".

Como se vê, a partir desta data os registros de óbitos foram feitos também em livro próprio da Câmara, já que anteriormente eram feitos unicamente nas paróquias. Em geral, os registros religiosos eram muito sucintos e sempre conservavam a mesma redação, declarando simplesmente, após a data do desenlace, que fulano de tal "faleceu da vida presente de morte que Deus lhe deu". A causa das mortes ficavam assim desconhecidas para a posteridade. Com o novo registro civil, muitos detalhes interessantes podem ser conhecidos.

Deste primeiro livro de óbitos, hoje conservado no "Centro de Pesquisas Históricas e Geográficas", da Fundação Universidade Vale do Acaraú, podem ser colhidas preciosas informações sobre o que nossos antepassados conheciam a respeito de patologia, bem como a denominação popular das doenças. A título de curiosidade, conservando a ortografia original, passo a relacionar algumas das causas apresentadas. Deste

elenco se vê que o sobralense morria "de puxado, de febre amarela, de estopor, de moléstia do interior, de espasmo, de garrotilho, de uma dor de uma banda, de mal gálico, de ar, de ferida na venta, de corrupção, de inchação, de tuberto, de velho, de defluxão, de caroço na barriga, de câimbras, de sangue, das urinas, de tosse, de reumatismo, de desinteria, de repente, de ipicundria, de maligna, de esquenência, de parto, de resguardo quebrado, de papeiras, de ferida nas guelas, de moléstia no peito, de lepra, de sezão, de icterícia, de constipação no ventre, de destemperação, afogado em sangue, de umas febres, de erisipela, de postema. de gota coral, de pleuriz, de catarrão, de sirro de sangue, de ataque apoplético", além dos que eram "envenenados com um copo de cachaça encima de uma porção de leite, mordidos de cobra ou acometidos de lombrigas". Verdadeira ladainha de males que o escrivão zeloso procurava recitar para cumprir as posturas da Câmara.

Em 1861 nova epidemia começou a se alastrar pela cidade. A 8 de julho desse ano, o Dr. João Ferreira da Silva oficia à Câmara comunicando a existência de vários casos de febre amarela e atribui o fato às emanações pútridas que proveem do precário cemitério situado na Praça do Patrocínio, explicando ele que a proximidade da zona habitada e a pequena profundidade das covas teem facilitado a propagação do mal. De imediato, os camaristas escrevem ao Presidente da Proviicia, Duarte de Azevedo, solicitando urgentes providências. Em ofício datado de 8 de julho, o Presidente cearense comunica aos vereadores de Sobral que está autorizando o médico, Dr. José Joaquim Gonçalves de Carvalho, a viajar para esta cidade, levando consigo uma ambulância "para o tratamento das pessoas pobres". Na vereação de 12 de julho, o Capitão Domingos Gomes da Frota , preocupado com o agravamento

da epidemia, apresentou a seguinte curiosa indicação: "Indico a esta Câmara para que dê suas ordens a fim de se fazerem fogueiras em diversos pontos da cidade deitando sobre ela folhas de catingueira, isto principalmente de seis horas da tarde em diante, pois entendo ser muito proveitoso para afugentar a peste, de que já há exemplo". A proposta foi aprovada por unanimidade e convertida em postura. Assim, Sobral viveu noites iluminadas, durante várias semanas, com o povo nas calçadas se aquecendo ao calor do fogo, medida profilática tornada obrigatória, para alegria das crianças que pulavam descontraidamente nas ruas.

Como os médicos eram poucos para atender à população, e como medida de urgência a ser tomada em estado de calamidade pública, a Câmara deu autorização ao Padre Antônio Fialho para também assistir aos enfermos, "tendo em vista os seus conhecimentos em higiene e medicina". O ilustre padre-mestre respondeu afirmando "que pela parte que me toca estou pronto para auxiliar no curativo dos pobres atacados das febres amarelas, porém tendo a latismar a falta de remédios homeopáticos que infelizmente me faltam presentemente". Por sugestão do vereador Professor Arruda, foram tabém solicitados os préstimos do Coronel Domingos José Pinto Braga que "era considerado suficientemente habilitado para tal, mas como se achava em seu sítio Córrego, deveria ser intimado de imediato para vir para a cidade a fim de atender aos doentes".

Na Capital da Província, por sua vez, o Pe. Antônio de Sousa Neves, sobralense que cumpria mandato de Deputado, se desdobrava em esforços para conseguir a liberação de uma verba no valor de um conto de réis para a construção de um novo cemitério público, com túmulos construídos de alvenaria, para cortar

pela raiz as causas da peste. A 9 de dezembro de 1861, coroando seus trabalhos, o Presidente Duarte de Azevedo autorizou a construção do campo-santo, determinando que fosse localizado longe do perímetro urbano. Este cemitério é exatamente o que está situado quase no centro da cidade, junto ao atual Mercado Público. A cidade crescia, e já quinze anos depois, levantavam-se vozes protestando novamente contra a proximidade da necrópole. A 17 de fevereiro de 1876, por exemplo, o ilustre médico sobralense, Dr. Antônio Domingues da Silva, então Inspetor de Saúde do Ceará, enviava relatório ao Presidente da Província em exercício, o também sobralense Dr. Esmerino Gomes Parente, aconselhando a "interditar o referido cemitério, localizado na zona urbana, e construir um outro em local afastado das habitações para prevenir epidemias". Com esta sugestão, nasceu a idéia de se construir novo cemitério, no bairro do Junco.

Superada esta fase angustiosa, as condições de saúde da cidade começaram a melhorar, e não houve epidemia no restante da década de 60

DOIS MÉDICOS ABNEGADOS

Um dos motivos da elevação do nível sanitário foi, sem dúvida, o trabalho empreendido por dois cultos e abnegados médicos que fixaram residência em Sobral durante essa época. Foram eles os Drs. Francisco de Paula Pessoa Filho e Helvécio da Silva Monte. O primeiro, conhecido por Dr. Paulinha e formado no Rio de Janeiro, a 12 de novembro de 1861, chegou à cidade natal logo no início do ano seguinte. Era filho do Senador Paula e casado com Dona Pudenciana Joaquina Miranda, filha do Comendador Joaquim Inácio da Costa Miranda e Pudenciana Lutgarda Torres Miranda. O segundo, Dr Helvécio, natural de Penedo,

Alagoas, era filho do sobralense João José do Monte, e formou-se em janeiro de 1868, no Rio. Encheram eles a população de Sobral de caridosa assistência, elevando o padrão da medicina local pela eficiência de suas habilidades e a profundidade de seus conhecimentos.

Dr. Paulinha, nascido em Sobral a 28 de outubro de 1836, clinicou mais de quinze anos na cidade natal. Em 1877 publicou um trabalho sobre o Código Criminal do Império, sob o aspecto médico, o que lhe confere a glória de ter sido o pioneiro nos estudos de medicina legal no País. Eleito Deputado Geral em 1879 viajou para o Rio a fim de assumir a função, vindo a falecer repentinamente, a 2 de agosto desse ano, frustando-se assim uma carreira política que se esperava ser tão brilhante quanto a profissional.

Dr. Paulinha teve também o mérito de ter sido o primeiro a ter tido a idéia de construir um Hospital em Sobral, conforme se vê da proposta que apresentou à Câmara no dia 7 de julho de 1871.

O Dr. Helvécio, por sua vez clinicou em Sobral até a grande seca de 1877, quando foi nomeado, pelo governo imperial, médico da Estrada de Ferro de Sobral, cuja construção se estava iniciando. No ano seguinte transferiu residência para Fortaleza por ter sido eleito Deputado Provincial, mandato que exerceu durante três legislaturas, tendo, por duas vezes, assumido a presidência da Assembléia. No ano de 1900 foi residir no Rio de Janeiro, onde trabalhou como médico da Diretoria Geral da Saúde Pública até a data de seu falecimento. Em Sobral, Dr. Helvécio era conhecido como "pai dos pobres", tal a assistência gratuita que prestou à população desprovida de recursos.

O PRIMEIRO FARMACÊUTICO SOBRALENSE

Datado de 14 de outubro de 1863, encontrei, no de farmacêutico de Honorato Caetano de Abreu, formado pela Academia de Medicina do Rio de Janeiro.

No ano de 1866, retorna a Sobral o Dr. João Francisco Monte, primeiro filho da terra a se formar em Farmácia, tendo obtido láurea na Faculdade de Medicina do Rio, no ano anterior. Filho do Major Miguel Francisco do Monte e de Ana Clara do Monte, nasceu a 18 de setembro de 1844 e faleceu a 10 de agosto de 1915. Foi o fundador da centenária Farmácia Monte, ainda hoje aberta ao público no centro da cidade, cujo alvará de licença foi concedido pela Câmara no dia 17 de julho de 1866.

CASOS DE BEXIGA

Alguns casos de bexiga foram registrados no no ano de 1867, como se lê no jornal local "A Consciência", edição de 15 de setembro, que assim noticiou o fato:

"Tem-se dado alguns casos de bexiga nesta cidade, apesar das providências tomadas pelo Sr. Francisco Antônio de Xerez que é merecedor de elogios por ter sabido cumprir com o dever do cargo de delegado de polícia, de que se acha incumbido, ora exigindo que se vacinem, ora mandando para fora os acometidos. O Dr. Helvécio da Silva Monte vacina gratuitamente nas terças e sábados de cada semana. É mais um serviço prestado aos sobralenses, os quais jamais o esquecerão".

A 25 de fevereiro de 1869 a Câmara contrata os serviços profissionais do Dr. José Antônio de Melo, médico que se demorou na cidade por período de curto tempo.

No ano de 1872 houve grandes enchentes do rio Acaraú. Nova epidemia de "febres perniciosas" se alastrou pela cidade, cujas primeiras vítimas foram

acometidas no mês de abril, quando as águas inundaram várias ruas e obrigaram grande parte da população a se deslocar de suas residências ribeirinhas. A 25 do mesmo mês, a Câmara se dirigiu ao Presidente da Província, João Wilkens de Matos, pedindo providências face ao estado de calamidade pública. Sob a presidência do Dr. Juiz de Direito Vicente Alves de Paula Pessoa, foi organizada uma comissão de socorros composta de senhoras da sociedade local, com o fim de angariar donativos para atender à população flagelada. Toda a comunidade se movimentou e os médicos, Dr. Helvécio e Dr. Paulinha, se desdobraram em esforços para poder prestar o atendimento pessoal aos inúmeros casos de vítimas da endemia que pela terceira vez flagelava a cidade. Em movimentada sessão extraordinária realizada a 15 de maio, o presidente José Camilo Linhares expõe a gravidade da situação sanitária, informando que já tinham sido atendidas pelos médicos mais de 1.200 pessoas. Determinou que o secretário oficiasse ao Delegado de Polícia, Hermeto Gomes Parente, pedindo a intervenção do fiscal Joaquim Conrado de Castro que deveria proceder uma completa limpeza da cidade para evitar um recrudecimento da epidemia. É declarado estado de calamidade pública "por causa das inundações e das febres perniciosas de mau caracter". À medida que se aproximava o verão, paulatinamente foi diminuindo a intensidadee daqueles sintomas endêmicos.

A 6 de abril de 1872, formou-se farmacêutico mais um sobralense, o Dr. Alfredo Marinho de Andrade, filho do Dr. Manuel Marinho Lopes de Andrade e de Maria Carolina da Silva. Logo no ano seguinte, abriu sua farmácia que dirigiu até 6 de março de 1920, data de seu falecimento. Era casado com Belarmina Gondim, filha do Capitão Francisco Marçal de

Oliveira Gondim e de Teresa Gomes Coelho. Foi prefeito de Sobral de 3 de junho de 1895 a 7 de junho de 1902.

A GRANDE SECA

Na História do Ceará ficou [illegible] célebre o ano de 1877 por causa da terrível seca que perdurou até 1879. Houve fome, desalento, angústia e a mais variada gama de doenças causada pela desnutrição. O jornal "Sobralense", em sua edição de 15 de abril, assim se expressou em editorial: "É dolorosa a quadra que atravessamos. Ao depois de cinco anos de uma peste pertinaz, nesta cidade e nas freguezias vizinhas, e quando aparecem tempos prósperos, eis que nos vem invadir uma seca que será de mais tristes resultados do que a de 1805, apontada como a maior do século".

O povo sobralense lutou valentemente para reagir contra a terrível catástrofe. Apareceram surtos de febre amarela, varíola, disenteria e beribéri. Com relação a esta última avitaminose, afirma Rodolfo Teófilo que "na cidade de Sobral, onde foram dizimadas famílias inteiras, descobriu-se um meio de combater o mal. Consistia no uso de leite cru tomado pela manhã e em banhos frios. Os que estavam em melhores condições de fortuna, logo que eram atacados, se transportavam para a Serra da Meruoca". Realmente, conforme rezam as crônicas, houve muitas curas de beribéri em Sobral, o que lhe deu a fama de ter clima propício para vencer este mal, motivando a vinda de muitos doentes, principalmente do Maranhão e Piauí.

Neste difícil transe da vida sobralense, deve ser lembrada a figura do Dr. Francisco Peregrino Viriato de Medeiros que residindo em sua cidade natal,

nessa época, tudo fez para orientar a população sobre os métodos profiláticos para não contrair as enfermidades, e medicando generosamente os já afetados.

Em 1879, o Dr. Francisco Peregrino construiu um lazareto, imagem antecipada do primeiro Hospital de Sobral, onde foram internados os variolosos e assistidos os doentes. O lazareto estava localizado na Fazenda Logradouro, a poucos quilômetros da cidade, e possuia três enfermarias com um total de setenta leitos. Tendo sido nomeado médico da Estrada de Ferro, Dr. Peregrino transferiu-se para Camocim a 17 de abril, vindo substituí-lo o Dr. Manuel Joaquim da Rocha Frota, natural de Santana do Acaraú, enviado para Sobral por ordem do Dr. José Júlio de Albuquerque Barros, sobralense e Presidente da Província. O Dr. Manuel Joaquim chegou na cidade a 6 de maio, assumindo imediatamente a direção do lazareto. No fim desse mês, envia relatório à Câmara comunicando que havia 67 internos e já houvera 31 vítimas fatais. Já em junho, havia apenas 22 quarentenados, fechando-se a terceira enfermaria. A 22 de julho, o próprio médico foi acometido de varíola e teve que retornar a Fortaleza. A epidemia foi superada e o lazareto foi fechado, deixando como tétrica lembrança o pequeno cemitério que ainda hoje podemos visitar, na solidão do sertão, perto da Casa Grande da Fazenda Logradouro.

Em sua edição de 5 de setembro de 1879, o jornal "Cearense" de Fortaleza notidia o aparecimento de uma moléstia de caráter epidêmico no município de Sobral, principalmente na povoação de Remédios, "cujos sintomas são terríveis, de algum modo semelhantes aos da febre amarela. Ataca com vômitos e dejecções pretas, hemorragias nasal e pulmonar, além de um cortejo de sintomas aterradores. Já fez algumas vítimas e existem muitas pessoas atacadas".

O Dr. Francisco Peregrino viajou para França, em 1881, tendo se especializado em oftalmologia. No ano seguinte retornou a Sobral, onde clinicou durante alguns meses. Em 1883 fixou residência definitiva em Fortaleza, onde veio a falecer a 30 de janeiro de 1888. Era filho de José Peregrino Viriato de Medeiros, vítima do naufrágio do navio "Bahia" ocorrido a 25 de março de 1887, e de dona Comba Lopes de Alcântara. Casou-se com Maria Amélia Figueira de Sabóia, filha do Desembargador Antônio Firmo Figueira de Sabóia e de Maria do Livramento Bandeira de Melo, a 11 de novembro de 1876.

PRIMEIRO CIRURGIÃO

Em abril de 1882 fixou residência em Sobral o Dr. Raimundo Belfort Teixeira, formado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Era eqímio operador e suas intervenções cirúrgicas serviam de notícias para a imprensa local. O jornal "A Ordem", edição de 25 de dezembro de 1887, em destacada manchete, elogia a operação abdominal praticada no jovem José Ferreira, morador em Coreaú, vítima de várias facadas nos intestinos e que foi salvo graças à melindrosa laparotomia. Dr. Belfort foi o primeiro autêntico cirurgião que a cidade possuiu. Casou-se, em Sobral a 12 de abril de 1887, com Francisca Jovita Ferreira da Rocha, filha de Antônio Ferreira da Rocha e Maria Lira Pessoa. Era natural de Granja.

TRISTE DUALIDADE

Defendendo brilhante tese sobre "Funções do Fígado" na Faculdade de Medicina do Rio, a 10 de dezembro de 1883, mais um médico sobralense se dou-

tora, dando mostras de profundo saber científico. Foi o Dr. João Marinho de Andrade. A mesma proficiência manifestou, no ano de 1895, quando, a pedido do Governador do Ceará, Coronel Bezerril, apresentou projeto para a organização do serviço sanitário do Estado. Clinicou em Sobral, onde nasceu a 26 de junho de 1860 e se casou, a 25 de junho de 1885, com Maria Carolina Sabóia de Albuquerque, filha do Coronel Ernesto Deocleciano de Albuquerque e Francisca Umbelina Figueira de Sabóia. Foi Deputado Federal eleito em 1896.

O jornal "A Ordem", edição de 8 de janeiro de 1888, na seção de humorismo, dizia: "Existem nesta cidade: dois médicos, dois farmacêuticos, dois padres e dois cemitérios. Triste dualidade." A população estava mais preparada para morrer do que viver. Os dois médicos, a quem se refere o jornalista, eram o Dr. João Marinho e Dr. Raimundo Belfort Teixeira.

PIONEIROS DA ODONTOLOGIA

A assistência odontológica chegou, entre nós, muito mais tarde do que a médica. Somente em dezembro de 1884 é que foram montados gabinetes dentários dignos deste nome. Estes melhoramentos se devem ao Dr. Antônio Lima de Araújo, natural do Maranhão, e ao Dr. Aderson Ferro, autor do famoso livro "O dedo de Deus".

NOS ALBORES DA REPÚBLICA

No início de 1885, Sobral recebe mais um ilustre filho médico, o Dr. João Pedro Figueira de Sabóia que, a 18 de dezembro do ano anterior, defendera tese, "na augusta presença do Imperador Pedro II", sobre a tuberculose considerada como moléstia infecciosa. Nascera a 18 de novembro de 1860, filho do Desembargador Antônio Firmo Figueira de Sabóia e Maria do Livramento Bandeira de Melo. Prestou serviços na cidade natal durante alguns meses, demonstrando competência profissional e sentimentos de altruísmo.

No mês de outubro de 1888, chega à Sobral o Dr. Baima do Lago, médico da Armada de Belém do Pará, que, acometido de beribéri, procurou o clima propício para seu restabelecimento, levado pela fama que esta cidade granjeara de possuir ar seco e bom leite de gado, condições necessárias para a cura daquela avitaminose, no entender dos peritos de então. Na cidade já se encontrava também o conhecido e culto causídico maranhense, Dr. Antônio Martiniano Lapemberg, em busca igualmente do restabelecimento de sua saúde. Nessa mesma época, estabeleceu-se em Sobral o Dr. Francisco José de Santana, natural de Terezina, permanecendo até 25 de julho de 1889. A imprensa local, em anúncio de primeira página, o apresentava como médico e operador.

Nota interessante aparece publicada na "Gazeta de Sobral", a 31 de outubro de 1889, quinze dias exatamente antes da proclamação da República, prevendo a queda da "monarquia que está com quarenta graus de febre, estado comatoso, convulsões epileptiformes, movimentos carfológicos e estado desesperador". A linguagem médica já começa a ser usada nos jornais locais, sinal da influência dos facultativos que residiam na cidade.

No fim do ano de 1889, o Dr. Alfredo Cláudio Rangel forma-se na Escola de Farmácia de Ouro Preto em Minas Gerais. Era filho de Antônio Rangel do Nascimento e Rita Gomes Coelho, tendo nascido a 17 de dezembro de 1865. Esteve na cidade natal em 1890, retornando depois ao sul do País, tendo residido inclusive no Uruguai. Participou da Revolução de Porto

Alegre, sob o comando de Silveira Martins, em 1894. Em 1900, fixou-se definitivamente em Sobral onde abriu a Farmácia dos Pobres que dirigiu até a data de seu falecimento.

No ano de 1890, outro ilustre sobralense doutorou-se na Faculdade de Medicina do Rio. Foi o Dr. José Antônio de Figueiredo Rodrigues, filho do Dr. João de Albuquerque Rodrigues e de Maria Luiza Figueiredo Rodrigues, nascido a 2 de outubro de 1870. Sua tese sobre "Hematozoários das aves" foi aprovada com distinção e louvor. Escreveu em alemão uma monografia sobre a espinha dorsal do orangotango, "Das Ruckenmark des Orang Utan", trabalho de aperfeiçoamento que realizou em Berlim. Clinicou em Sobral no ano de 1901.

Em 1899, a imprensa nos dá notícia sobre o Dr. Tarquinio Lopes atendendo aos doentes da cidade. Formara-se no Rio a 4 de janeiro de 1874 e era natural do Maranhão sendo filho de José Joaquim Rodrigues Lopes e Ana Francisca Coelho Lopes.

NO INÍCIO DO SÉCULO XX

E assim chegamos ao século vinte , ainda muito mal servidos sob o aspecto médico, sem hospital, sem equipamentos de enfermagem e sem recursos técnicos. O número de médicos e dentistas, porém, começou a crescer. Embora sucintamente, passo a registrar os nomes e especialidades daqueles que se dedicaram à saúde da população, como homenagem de gratidão pelos trabalhos que realizaram e benefícios que prestaram.

No jornal "A Cidade" datado de 16 de outubro de 1901, lemos a seguinte notícia: "O Dr. Figueiredo Rodrigues, preparador de Histologia na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, médico e cirurgião, especialista das moléstias das vias urinárias, com prática na Clínica do Professor Nitze de Berlim abriu seu consultório na Praça do Menino Deus, Nº. 1". Era o começo da especialização entre nós. Infelizmente, o ilustre sobralense só teve condições de permanecer na terra natal até março de 1902.

Nesse mesmo ano de 1901, mais dois médicos vieram residir em Sobral, foram eles Dr. Eduardo Borges Mamede, e o Dr. Eduardo Salgado. Com o Dr. Figueiredo Rodrigues, formavam junta médica, a primeira de que se tem notícia na cidade foi constituída para assistir ao francês, Samuel Weill, representante da firma Gradvohl & Frères, falecido e sepultado em Sobral a 28 de outubro desse ano.

Em abril de 1902 retorna a Sobral o Dr. Joaquim Anselmo Nogueira, especialista em partos, moléstia de senhoras e vias urinárias. Natural de Santana do Acaraú. Formou-se no Rio de Janeiro a 26 de dezembro de 1883. Já estivera em Sobral no ano de 1894, quando se casou pela primeira vez, exatamente no dia 8 de setembro, com Maria Carolina de Figueiredo, filha de Teotônio José de Figueiredo e Ana Cândida Rocha de Figueiredo.

"A Cidade" de 9 de julho desse ano anuncia que os médicos Anselmo Nogueira, Nemésio e Mamede vacinam na Câmara Municipal, das 8 às 9 da manhã, e acrescenta: "A linfa é de vitelo muito boa. Aconselhamos as pessoas não vacinadas que aproveitem a ocasião que é oportuna".

Ainda nesse ano de 1902, clinica em Sobral o Dr. José Francisco Jorge de Sousa, natural de Itapagé, permanecendo poucos meses na cidade.

Do ano de 1903 merece destaque a inauguração da Drogaria Guimarães, propriedade de Júlio Guimarães, que foi uma das mais modernas farmácias da cidade e que funcionou durante quase meio século.

Em abril de 1907, o Dr. Guilherme Sousa Pinto,

formado na Faculdade de Medicina do Rio, instala consultório dentário na Rua da Aurora, enquanto o Sr. José Pedro Soares se estava instalando na rua Joaquim Ribeiro. Em julho desse ano, Sobral recebe o seu ilustre filho, Dr. Manuel Marinho de Andrade, recém-formado no Rio, onde defendeu tese, no ano anterior, sobre "Da carne nas intoxicações alimentares". Homem culto e dedicado, prestou relevantes serviços à cidade natal no setor de saúde e educação. Na mesma época, o Dr. Gomes Angelim e o Dr. Joaquim R. da Frota vieram enriquecer o corpo médico sobralense, o primeiro abriu consultório na Farmácia dos Pobres. O segundo, clinicou na cidade durante vários anos, tendo se casado, a 29 de janeiro de 1910, com Agenora Ferreira Gomes, filha do Dr. Vicente Cesário Ferreira Gomes e Maria Sancha. Dr. Joaquim Ribeiro da Frota faleceu no Recife a 31 de dezembro de 1915, tendo deixado dois filhos, ambos formados em Medicina pela Faculdade da Bahia: Dr. José Gomes da Frota e Dr. Agenor Ribeiro da Frota.

A 25 de outubro de 1909, segundo notícia da imprensa local, chega a Sobral o Dr. Antônio Pompeu que, durante alguns meses, manteve consultório na Rua da Aurora. Já em agosto desse ano, Dr. Audálio Costa atende a consultas no Hotel Rufino, onde esteve hospedado.

RETORNO AO EMPIRISMO

Apesar da presença de tantos médicos, a mentalidade do povo continuava impregnada de superstições e empirismo. O jornal "A Pátria", por exemplo, em sua edição de 13 de abril de 1910, apresentava, em sua primeira página, a seguinte receita para curar a tuberculose: "Folhas recentes de alecrim (rosmaninha) 100,0; folhas recentes de salsa 20,0; rasuras de cascas

d'anta (drymis) 20,0 vinho branco generoso, 1 litro; Infunda tudo no vinho quente, ao banho maria, e filtre. Durante 8 a 10 dias use um cálice deste remédio, de 3 em 3 horas, e verá ceder a tuberculose mais adiantada". Nesse tempo, muito conhecidas também eram as "Pílulas de Leite" fabricadas por Cesário Ibiapina, que a imprensa local anunciava como "poderoso remédio contra todas as doenças da pele, que cura sífilis e previne contra as moléstias menstruais das mulheres, hidropisias, pneumonias e inflamações do baço e fígado": Era um verdadeiro pancresto que a acídia popular consumia para alívio de seus males.

SEGUNDA DÉCADA DO SÉCULO

O ano de 1911 foi prolífero em melhoramentos no setor da odontologia. Já no mês de janeiro, Dr. Aureliano de Loiola abre consultório dentário na Rua Joaquim Ribeiro e, em maio, o Dr. José Plutarco Rodrigues Lima se instala na Rua da Aurora. No mês de [illegible]bro, o Dr. Francisco Juvêncio de Andrade, com prática nos hospitais de Londres, Escócia e Paris, inaugura moderníssimo consultório usando a técnica mais avançada de sua especialidade.

Em dezembro desse mesmo ano, forma-se no Rio o Dr. Massilon Sabóia de Albuquerque, nascido em Sobral a 1º de abril de 1886. Foi um dos mais ilustrados profissionais da classe médica do Rio de Janeiro. Fundador do "Solário das Crianças", especializou-se em pediatria e publicou inúmeros trabalhos sobre o assunto.

Pela imprensa do tempo, tive conhecimento do Dr. Duarte Pimentel clinicando em fevereiro de 1916, especialista em olhos, nariz, ouvidos e garganta, mas se demorou pouco na cidade. Já o Dr. Cesar Rossas residiu por mais tempo entre nós, abrindo seu consultório

em março, na Rua Santo Antônio, dedicando-se mais ao tratamento de "sífilis e doenças internas". Em maio do mesmo ano, o Dr. José Jácome de Oliveira, transferiu-se de Santa Quitéria para Sobral, onde permaneceu até a data de sua morte ocorrida a 30 de setembro de 1933. Administrou o município sobralense, de junho de 1917 a 20 de agosto de 1920, e dedicou-se ao estudo de soluções dos problemas sanitários da cidade. Sobral lhe deve muito pelo muito que fez em benefício da saúde da população. Ainda nesse ano de 1916, deve-se registrar a presença do Dr. Carlito Magalhães Pompeu que instalou seu consultório e, por mais de meio século, trabalhou no exercício de sua profissão de cirurgião-dentista.

A primeira parteira diplomada a servir em nossa cidade, foi Dona Francisca Rocha, formada na Maternidade Dr. João Moreira de Fortaleza, tendo começado a trabalhar em 1917. Pouco tempo depois, Dona Mariinha Paiva recebia idêntico diploma.

NOVAS EPIDEMIAS

Terrível gripe, que foi apelidada de espanhola, alastrou-se pela cidade no ano de 1918, fazendo algumas vítimas. No combate a esta pandemia destacaram-se os médicos Dr. José Jácome e Dr. Cesário Ferreira Gomes. Houve também, no mesmo ano, um número avultado de casos de sífilis, tendo organizado, pela primeira vez, um trabalho racional de profilaxia para evitar a transmissão do mal. Nesta campanha meritória trabalharam Dr. Massilon Sabóia, Dr. Rui Monte e Dr. Manuel Marinho.

A 20 de dezembro de 1918, o Dr. Luis Viana, sobralense, formou-se na Faculdade de Medicina do Rio. Re- [illegible] 1919 e permaneceu nesta região até o ano de 1926, tendo clinica-

do em Camocim, Granja, Serra da Ibiapaba e, finalmente, Sobral. Homem ilustrado e culto, escreveu assiduamente na imprensa local sobre temas da atualidade e assuntos de sua especialidade. Transferiu-se, depois, para o sul do País onde se dedicou à pediatria, com grande proficiência.

Dr. José Furtado Filho, especialista em olhos, ouvidos, nariz e garganta, abriu consultório, na Rua Joaquim Ribeiro, em abril de 1919. Em maio desse mesmo ano, o Dr. Cesário Ferreira Gomes é nomeado médico da construção do açude do Forquilha, onde deu provas de desprendimento e de amor aos pobres.

Dr. José Passos Filho, em fevereiro de 1922, instala moderno consultório dentário, dedicando-se também ao jornalismo, tendo fundado "A Imprensa", cujo primeiro número circulou a 18 de outubro de 1924.

Sobral possuiu o primeiro Laboratório de Análises Clínicas em 1922, graças à iniciativa do Dr. Benjamin Hortênsio, médico dos mais conceituados, intelectual dedicado à ciência e que foi um dos fundadores da primeira Academia de Letras de Sobral. Também letrado era o Dr. Atualpa Barbosa Lima, chefe do Dispensário da Profilaxia Rural, instalado recentemente na cidade.

O jornal "A Ordem", edição de 7 de setembro de 1923, publicou um longo comentário sobre a existência de muitos casos de lepra constatados nos subúrbios, tendo provocado grande celeuma no seio da população, tendo em vista o caráter transmissível da doença, verdadeiro terror naquela época. Entrevistas concedidas pelo Dr. Luís Viana e Dr. Rui Monte serviram para aliviar a tensão do povo já que negaram qualquer fundamento ao boato.

A SANTA CASA

O acontecimento mais importante da história da

Medicina em Sobral foi a inauguração da Santa Casa de Misericórdia, obra potentosa de Dom José Tupinambá da Frota, ocorrida a 24 de maio de 1925. A partir desta data a medicina saiu das mãos individuais, embora hábeis e abnegadas, dos grandes médicos que no passado serviram à cidade, e passou a ser serviço coletivo e instituição da comunidade. Nunca é demais ressaltar a mudança que este acontecimento produziu em benefício da saúde da população. Trabalho hercúleo, tendo em vista a falta de recursos humanos, técnicos e financeiros do tempo, a construção da Santa Casa, cuja pedra fundamental fora benta a 25 de agosto de 1912, foi esforço gigantesco que por si só bastaria para imortalizar o grande bispo sobralense. Na solenidade de inauguração, a fita simbólica foi cortada pelo Senador João Tomé, então em visita à terra natal, que magestosamente, compreendendo o alto significado daquela ocorrência, pronunciou as seguintes solenes palavras: "Abram-se as portas da Caridade". E estava inaugurado o primeiro hospital sobralense.

FONTES DE ESTUDO:

— Coleção de inventários do 2°. Cartório de Sobral.

— Inventário de Luís Quaresma — Manuscrito.

— Inventário de Caetano Gomes da Silva — Manuscrito.

— Coleção de Jornais "Sobralense", "A Ordem" e "Consciência".

— Revistas do Instituto do Ceará — Coleção.

— ARAUJO, Pe. F. Sadoc — "Cronologia Sobralense", Vol. I, Fortaleza, 1974.

— SAMPAIO, Pedro — "A Medicina no Ceará" em "O Ceará" de Raimundo Girão e A Martins Filho.

Letras Ciências e Artes

— SÉCULOS 18 e 19 —

O CURA HISTORIADOR

O primeiro documento que pode ser considerado o marco inicial da evolução da cultura e das letras sobralenses são, sem dúvida, as "Notícias da Freguezia de N. Sra. da Conceição da Caiçara", escritas em 1767 pelo Pe. João Ribeiro Pessoa, nono cura a dirigir os destinos espirituais da população da Ribeira do Acaraú. Escritas com precisão de detalhes, surpreendem o pesquisador geralmente acostumado à escassez de dados relativos à história dessa época.

As "Notícias" contêm importantes informações sobre a vida religiosa setecentista do interior do Ceará, verdadeira preciosidade histórica, realmente rara, embora sem grande valor literário considerando-se o estilo, conciso e seco, comum na pena dos cronistas de então.

O Pe. João Ribeiro foi uma das mais cultas figuras do clero que serviu ao Ceará no século dezoito, tendo dirigido a freguezia de Amontada e, a partir de 20 de dezembro de 1726, a da Caicara onde permaneceu até o dia de sua morte ocorrida a 19 de maio de 1787. Foram 25 anos de presença marcante em Sobral, na fidelidade aos seus deveres paroquiais, registrando inclusive, com seu próprio punho, todos os termos de batismos, casamentos e óbitos, em caligrafia agradável e bem cuidada, ao longo de todo o seu paroquiato. A ele se deve também a construção da atual Catedral so-

bralense, cuja pedra fundamental benzeu a 5 de novembro de 1778, monumento de arquitetura religiosa dos mais artísticos do Estado que prima pela sobriedade do conjunto harmonioso e pela proporcionalidade das linhas estruturais.

Nascido no ano de 1729 em Igarassu, Pernambuco, o Pe. João Ribeiro era filho do Dr. João Ribeiro Pessoa e de Dona Genebra de Vasconcelos Castro, das mais ilustres famílias da nobilarquia pernambuca, e tio paterno do célebre Pe. João Ribeiro Pessoa Montenegro, figura saliente da revolução de 1817. Formado no velho Seminário de Olinda no período do apogeu econômico do ciclo do açucar, quando se construíram grandes sobrados e ricas igrejas no Recife, trouxe em seu espírito para a freguezia da Caiçara a mentalidade progressista do pernambucano abastado dos tempos áureos dos engenhos de cana. Em sua companhia vieram três irmãos, o Capitão Gonçalo Novo Lira, o Capitão José Tavares Pessoa e Genebra Francisca, troncos de famílias sobralenses. Para a construção da Matriz mandou vir de Pernambuco o mestre de obras Manuel de Oliveira Miranda que a fez levantar obedecendo à planta também trazida do Recife. A Catedral de Sobral é um templo modelado no fastígio da civilização açucareira transplantado para a Ribeira do Acaraú.

As "Notícias" e a Catedral são duas obras culturais que enobrecem e elevam a simpática personalidade do seu autor, primeiro grande vulto da história [illegible]a e literária da civilização sobralense.

[illegible] "Notícias" foram publicadas na Revista do Instituto do Ceará, tomo II, 1888.

INÍCIO DOS ESTUDOS GENEALÓGICOS

Dentre as poucas manifestações culturais duran-

te o século dezoito, vale também destacar as "Memórias Genealógicas" escritas pelo Capitão mor José de Xerez da Furna Uchoa que, orgulhoso de sua ascendência nobre heráldica, resolveu transmitir para a posteridade a satisfação que sentia por se ver ligado geneticamente aos brasões d'arma da Nobreza de Castela e da Holanda. Homem austero, caráter firme e sempre fiel à palavra empenhada, Furna Uchoa salientou-se, na vida social, política e religiosa da região, como exemplo de probidade e honradez.

Nascido em 1722 em Goiana, Pernambuco, emigrou para a Ribeira do Acaraú fixando-se em Sobral onde exerceu os mais elevados cargos e faleceu a 1º de abril de 1797.

Os dados genealógicos que colheu estendem-se, na linha ascendente, até Arnaud de Holanda, filho do Barão de Rhenoburg e da princesa Margarida de Florença, irmã do Papa Adriano VI.

Homem ilustrado e viajado, Furna Uchoa visitou, por duas vezes, a Corte de França no esplendor do reinado de Luís XV. Em uma destas viagens recebeu das mãos do Duque de Choiseul duas mudas de café que trouxe e plantou no sítio Santa Úrsula de sua propriedade, sobre a serra da Meruoca, em 1747. Foram os primeiros cafeeiros plantados no Ceará.

O Pe. João Ribeiro Pessoa e o Capitão-mor José de Xerez da Furna Uchoa são as duas únicas figuras do século dezoito que merecem ser lembradas na história da cultura sobralense por serem autores de documentos escritos, que ainda hoje são consultados por fornecerem preciosas informações.

O PANFLETO DO PADRE MEDEIROS

A 6 de fevereiro de 1810 começa a circular em Sobral uma folha manuscrita, em várias cópias, redi-

gida em linguagem muito violenta, mas em estilo agradável e gramaticalmente correto, contra o Ouvidor e Corregedor da Comarca Dr. Francisco Afonso Ferreira. Este fato merece registro pela repercussão que produziu em toda a Província, tendo sido um documento procuradíssimo, na época, que aguçou vivamente a curiosidade popular. Sua autoria foi atribuída ao Pe. José Gonçalves de Medeiros, vigário de Sobral de 4 de fevereiro de 1803 a 7 de novembro de 1840, paraibano letrado, que teve um paroquiato bastante turbulento, tendo sido inclusive preso por ordem do Ouvidor Antônio Manuel Galvão que sucedeu a Francisco Afonso Ferreira. Como um dos motivos do encarceramento do vigário, Galvão se refere a "uma sátira e libelo famoso" escritos pelo sacerdote. Este documento circulou de tal maneira no meio do público que foi até considerado como marco inicial do jornalismo no Ceará. O Ouvidor João Antônio Rodrigues de Carvalho, a 31 de maio de 1817, protestou contra uma "gazeta" que circulara em Sobral e o escritor G. S. Nobre em sua "Introdução à História do jornalismo Cearense" faz referência ao fato, embora sem dados precisos para decidir se realmente se tratava de folha impressa ou apenas manuscrita. Hoje já sabemos que o libelo foi apenas um manuscrito dirigido ao Ouvidor Afonso Ferreira por via indireta, pois circulou em várias cópias entre o povo antes de chegar ao conhecimento do legítimo destinatário. Foi, com certeza, uma comunicação pública, distribuída em várias cópias que circularam em muitas mãos, merecendo constar, ao menos como curiosidade, na história do jornalismo cearense.

Sabe-se que cópias foram distribuídas na Paraíba por intermédio do Pe. Braz de Melo Muniz, irmão do Pe. José Medeiros, tendo o manuscrito chegado a ser lido na Corte, pois a Dom João VI fora enviado

um exemplar por intermédio do Ouvidor Galvão.

Na Ribeira do Acaraú, por causa da curiosidade que a linguagem violenta despertava, o próprio povo se encarregou espontaneamente de multiplicar as cópias e divulgá-las. Para se ter uma idéia do tom agressivo e da boa redação do famoso documento, transcrevo alguns tópicos: "Todos conhecem Vossa Senhoria Uma soberba factícia e ridícula, com a mais profunda ignorância, constitui o caráter singular de sua pessoa, e é para admirar que tendo todos os defeitos dos conimbrenses relaxados e libertinos, de qualquer modo que o consideremos, não lhe achamos uma só boa qualidade ou instrução que possa encobrir tantos defeitos e imperfeições. A corregedoria de V. Sia. foi como a caixa de Pandora de que sairam, como confabularam os poetas, todos os males, ficando no fundo só uma esperança, e esta foi para nós a de vermos algum dia findar um flagelo intolerável. Barbarizaria toda esta Comarca se durasse mais alguns anos. Mandados arbitrários, prisões injustas, caprichos fantasias pueris ou femininas, perfídias, uma inconstância inquieta e turbulenta, ofícios dados a pessoas indignas por contribuições secretas, monopolistas tolerados e protegidos, uma avareza sórdida e asquerosa, uma inveja, um ciume excessivo da propriedade dos cidadãos procedimento ilegais, uma escadanlosa irreligiosidade, com uma indizível, desmascarada e vil sensualidade. Não houve gênero de insolência que V. Sia. não praticasse e foi a primeira vítima o seu companheiro, o Pároco José Pereira, sacerdote de luzes e modéstia quanto V. Sia. é idiota e indecente". E por aí vai a diatribe, forte e ferina, porém escrita com estilo agradável, com frases sonoras e palavras ajustadas. Realmente um bom texto sob o aspecto literário.

O documento, pela enorme repercussão que produziu no público, merecia a fama que granjeou. Se

não foi propriamente um periódico, foi na verdade o primeiro êxito de comunicação de massa que a Província conheceu.

PRIMEIRO POETA

Durante a administração do governador Manuel Inácio de Sampaio (1812-1820), em Fortaleza eram realizadas tertúlias literárias, conhecidas por "outeiros", nas quais se destacou o sacerdote sobralense, Cônego Antônio de Castro e Silva, poeta e humanista, exímio artífice do decassílabo e excelente declamador. Publicou "Respostas ao Manifesto do ex-comandante das armas do Ceará, Conrado Jacob Niemeyer" - Rio - 1828, e a "Carta ao Redator do Semanário Constitucional" - 1832, opúsculos em que demonstrou erudição e domínio fácil das regras da lógica na polêmica. Nascido a 21 de dezembro de 1785, era filho do Cap. Antônio José de Castro e Silva e de Francisca Domingues da Silva. Sacerdote da Congregação do Oratório, faleceu em Fortaleza a 13 de julho de 1862. Foi o primeiro poeta das letras sobralenses.

A CULTURA DO PADRE MORORÓ

Um outro sacerdote, por essa mesma época, começava a se destacar no cenário das letras cearenses, antes de se envolver nas atividades políticas. Era o Pe. Gonçalo Inácio de Loiola Albuquerque Melo, mais conhecido por Padre Mororó, que nasceu no Riacho Guimarães, então termo do município de Sobral, a 24 de julho de 1778, sendo filho do Alferes Felix José de Souza Oliveira e de Teodora Maria de Jesus.

A 12 de outubro de 1816, na Matriz de Fortaleza, Pe. Mororó proferiu um brilhante sermão de Ação de Graças pela feliz união dos três reinos de Portugal

Brasil e Algarves. Admirador de Dom João VI, teceu loas à Coroa portuguesa e suscitou nos ouvintes sentimentos de irrestrita vassalagem e pronta obediência às autoridades lusas. O orador demonstrou raros dotes oratórios e causou viva impressão no atento auditório. Daí em diante, começaram a ser conhecidos o vigor de sua inteligência e a solidez de sua cultura. O texto da memorável prédica foi publicado no Rio de Janeiro, em 1818. A Revista do Instituto do Ceará, ano de 1924, p. 568-578, publicou uma longa carta do Pe. Mororó, datada de 24 de setembro de 1817, em que defende o mesmo Dom João VI das acusações de covardia por se ter transferido para o Brasil e justifica a cobrança dos tributos.

Apesar do respeito que prestava ao Rei, escreveu uma "Ode à Revolução de 1817", dedicada ao Ouvidor Antônio Rodrigues de Carvalho.

Inédita ficou a "Memória sobre a carnaúba", em que deu provas de possuir profundo conhecimento de botânica. Em 1824, redigiu todas as Proclamações assinadas por Tristão Gonçalves e Pereira Filgueiras, tendo sido ainda o redator do "Diário do Governo", primeiro jornal cearense, "órgão do partido patriota que tornou-se republicano". Foi arcabuzado a 30 de abril de 1825, por ordem da comissão militar que esmagou a Confederação do Equador. Sacramento Blake, em seu Dicionário Bigliográfico Brasileiro, assim resumiu suas qualidades de letrado: "Homem de vasta erudição, possuia além dos conhecimentos das matérias eclesiásticas, os de física e de história natural e foi poeta lírico, compondo com igual perfeição, tanto na língua vernácula, como em latim; orador sacro, escritor e jornalista político, jurisconsulto e botânico.

Injustamente esquecido pelos historiadores da literatura cearense, Padre Mororó merecia constar com maior destaque na bibliografia de nossas letras.

AS MEMÓRIAS DO PROFESSOR

Por volta de 1840, o professor Manuel Ximenes de Aragão escreveu suas "Memórias", precioso documento que foi publicado na íntegra, no tomo 27, páginas 47 a 157, da Revista do Instituto do Ceará. João Brígido, curioso investigador da história cearense, recebeu os originais das mãos do próprio autor, quando este ja velho e cego no fim da vida, lhe fez a valiosa doação. Capistrano de Abreu, conhecendo o valor desta rica e rara propriedade da história e das letras cearenses, pessoalmente a conduziu para ser cuidadosamente guardada nos arquivos da Biblioteca Nacional.

O autor forneceu valiosas informações sobre seu tio Padre Mororó com quem conviveu durante muitos anos; sobre o cangaço na época dos Melos e Mourões; sobre a guerra dos balaios de que foi testemunha; sobre a fabricação, nos sertões, de moedas falsas de cobre conhecidas por xenxéns; sobre uma operação cirúrgica praticada a sangue frio na vila de Quixeramobim; sobre o flagelo das secas causando fome, sede e morte em Sobral e adjacências; sobre suas atividades de magistério. sobre suas viagens pelo sertão; sobre sua ascendência genealógica, paterna e materna, desde a ocupação das terras às margens do rio Groaíras, além de curioso comentários, sociológicos e psicológicos, tirados de suas próprias observações.

O professor Manuel Ximenes de Aragão nasceu na Serra do Rosário, município de Sobral, a 7 de outubro de 1807, sendo filho de José Francisco de Aragão e Raimunda Francisca Xavier de Matos, casados a 15 de julho de 1800.

As "Memórias", embora escritas sem qualquer intenção literária, possuem trechos redigidos em estilo correto e agradável, merecendo figurar na história

das letras do Ceará.

PRIMEIRO ROMANCISTA

A 13 de abril de 1814, nasce em Sobral o romancista João Adolfo Ribeiro da Silva, filho de Francisco Ribeiro da Silva e de Maria Carolina da Silva Ribeiro. Formado em Ciências Jurídicas na Faculdade de São Paulo, foi Juiz Municipal de Sobral, onde faleceu a 8 de fevereiro de 1884. Em 1861, o jovem João Adolfo começa a escrever o romance "Carlos", história de amor de um estudante que, durante as férias, na casa paterna sobre a Serra da Meruoca, revê sua amada Amélia que conhecera, antes de partir para o Recife onde estava cursando Direito, desde o tempo da infância transcorrida "a bela cidade de Sobral que se estende graciosa e hospitaleira no meio dos imensos descampados do sertão". O enredo, simples, quase infantil, retrata fielmente a ambiência familiar patriarcal do interior cearense no meado do século dezenove. Leiamos, por exemplo, este trecho: "Amélia fez doze anos e Carlos, dezesseis. A afeição da menina tinha chegado quase à adoração. Se olhava para Carlos, fazia-o com tanta doçura que não se o poderia exprimir. Se pegava em um objeto qualquer pertencente a Carlos parecia empregar nisto todos os cuidados de sua alma. Tudo quanto vinha do moço lhe parecia belo. Se estavam reunidos e Carlos ia sair, pedia-lhe com tanta ternura que voltasse logo, parecia tão feliz ao pé dele, como se ele fosse o elemento vital de sua felicidade. A vida de Amélia perto de Carlos era um constante sorriso".

A obra que tem o mérito de ser pioneira da ficção em nossas letras, foi editada no Rio de Janeiro, em 1874, depois de ter sido publicada em folhetins no "Jornal do Recife" e no "Diário de São Paulo".

João Adolfo escreveu também o romance "Psiquê", de fundo psicológico, tendo por cenário o Rio de Janeiro provinciano e que ali foi publicado no ano de 1875. Em "Psiqué" aparece o escritor mais amadurecido e refinado, com mostras de filósofo, procurando penetrar no âmago dos sentimentos e nas profundezas do coração humano. Apenas um fragmento para exemplificar: "Ela me esperava sempre Eu a distinguia, no primeiro olhar, envolta de trevas como um mistério e semelhando a princípio uma aparição do mundo das sombras, até que a sua natureza luminosa se destacou na escuridão. Caía-me o mesmo olhar orvalhado de sonhos; depois, caía-me a mesma flor enlaivada de sentimento, e eu me ia cantando as hosanas da criação. ...A natureza humana, no vigor de suas aparições, tem uma riqueza de afetos, tal opulência de crenças que constitui o lado pitoresco e grandioso do espírito É dessas mil irradiações do belo que se destransa a saudade como o íris das venturas volatizadas nos tempos desaparecidos. A saudade, sentimento lustral do coração. São pedaços esparsos do passado recomposto no futuro. É a transubstanciação permanente da vida interior. Feliz a existência que deixou um ponto de apoio para a alma nos anos estéreis em que, como as águias dos polos, não se tem sol para fitar".

Os romances "Carlos e Psiqué", obras raras da literatura cearense das quais o escritor Otacílio Colares guarda cuidadosamente dois exemplares, deveriam ser republicados, pelos méritos do pioneirismo que possuem.

Em 1872, João Adolfo publicou violento libelo, contra as pregações que o jesuíta Pe. João Berti pronunciou na Matriz de Sobral, sob a epígrafe de "O jesuitismo em Sobral - Cartas de Orígenes a Abeillard", e, em 1880, editou uma biografia elogiosa do Senador Francisco de Paula Pessoa. João Adolfo Ribeiro da Silva, cronologicamente, é o primeiro romancista de vulto das letras sobralenses.

ARTE MUSICAL

A partir de 1845, o estudo da música começou a tomar vulto em Sobral. O fato se deveu à chegada do maestro Galdino José Gondim, natural de Canindé, que, a convite do Major Ângelo José Ribeiro Duarte, veio organizar uma orquestra. É bem verdade que desde 1813, Sobral já possuía sua aula de canto orfeônico, dirigida pelo professor Eugênio José da Silva, e, em 1824, possuira sua primeira banda de música organizada por Joaquim José da Silva Chaves. Era esta, composta de poucos instrumentos de sopro e corda, salientando-se o insubstituível zabumba, responsável pela correta marcação do ritmo. Apesar da precariedade do pessoal e dos instrumentos, a bandinha do maestro Silva Chaves, durante muito tempo, fez furor nas festas religiosas e sociais da Ribeira do Acaraú.

Bem melhor era a orquestra do maestro Galdino Gondim que, com o correr do tempo, foi se aperfeiçoando para atingir o apogeu sob a direção de Zacarias Tomás da Costa Gondim, em 1879. Maestro Zacarias Gondim foi exímio compositor e escritor sobre assuntos musicais. Publicou os seguintes trabalhos: "Música e dança indígenas", "Traços ligeiros sobre a evolução da música no Brasil" na Revista do Instituto do Ceará - 1903, "Música popular ou nacional", "Apreciação ao Hino do Ceará", "Origem dos instrumentos músicos", além de vários artigos sobre música sacra. Nascido em Sobral a 29 de dezembro de 1851, foi professor de Música no Liceu do Ceará e Deputado Provincial.

De 1889 a 1913, a banda do maestro Galdino Gon-

dim passou às mãos de seu filho Raimundo Donizetti, pai de treze filhos, dos quais cinco se tornaram compositores notáveis. Foram eles: Raimundo, João, Wagner, Francisco e Mozart. Dignas de destaque são as melodiosas e sentimentais valsas de Mozart Donizetti e as marchas de seu irmão Raimundo, diretor do Teatro Amazonas por longos anos, obras primorosas que foram editadas no Rio de Janeiro. Os irmãos Donizetti formam a mais relevante expressão da arte musical que Sobral viu nascer.

Em 1886, estabeleceu-se em Sobral o português Antônio Fortunato Mouta, musicista integrante de uma companhia dramática que visitava a cidade. Como a banda do maestro Galdino Gondim era composta de elementos do Partido Liberal, a liderança do Partido Conservador resolveu contratar maestro Mouta para organizar a sua, que se chamou "Euterpe Sobralense". A rivalidade entre ambos, se por um lado fomentava intrigas e até cenas de pugilato em praça pública como aconteceu por mais de uma vez, por outro, concorria para aprimorar a qualidade, já que cada uma desejava superar sua rival. Cada partido épolítico fundou também o seu próprio clube recreativo, cujas festas eram animadas pelas respectivas bandas de música. O "Recreio Sobralense" pertencia aos liberais e o "Cassino", aos conservadores. Maestro Mouta foi substituído por José Pedro de Alcântara musicista talentoso e inspirado compositor, que tudo fez para manter um elevado padrão artístico nos seus dirigidos.

Entre os compositores sobralenses, além dos já mencionados, merecem destaque o maestro Acácio Alcântara, nascido a 7 de setembro de 1899, e Galdino Araújo, nascido a 13 de novembro de 1887. O primeiro, pianista e autor de inspiradas composições sacras e profanas, e o segundo, grande talento artístico, criador de valsas e música ligeira de alta qualidade, tendo várias composições impressas em Belém do Pará. Por serem possuidores de verdadeira criatividade artística e terem sempre permanecido na cidade natal, Acácio Alcântara e Galdino Araújo devem ser considerados os mais autênticos compositores sobralenses.

O HISTORIADOR FIGUEIRA DE MELO

Em 1850, vem a lume no Rio de Janeiro o volumoso livro de 600 páginas, "Crônica da Rebelião Praieira em 1848 e 1849", de autoria do sobralense Dr. Jerônimo Martiniano Figueira de Melo, escrito quando o autor chefiava a polícia de Pernambuco por ocasião dos fatos que narra. Obra de fôlego, é fonte imprescindível de consulta para quem deseja conhecer em profundidade as causas, próximas e remotas, daquela revolução pernambucana. Não menos valioso para consulta é o seu "Ensaio sobre a estatística política e civil da província de Pernambuco", publicado em Recife, no ano de 1853. Político de alta projeção, primeiro cearense a obter a Grã Cruz de Cristo, Figueira de Melo governou as províncias do Maranhão e Rio Grande do Sul, foi Ministro do Supremo Tribunal Federal, Senador do Império, além de titular de muitos outros elevados cargos. Publicou ainda vários discursos e relatórios, dando conta das altas funções que exerceu. Defendeu com denodo, na imprensa e no parlamento, o bispo Dom Vital por ocasiã da chamada questão religiosa. Senador Figueira, como ficou conhecido, nasceu em Sobral a 19 de abril de 1809 e faleceu, na corte, a 20 de agosto de 1878.

NASCE DOMINGOS OLÍMPIO

Nesta altura merece registro o nascimento de Do-

mingos Olímpio. O imortal criador de "Luzia-Homem", romance paradigma das secas na feliz expressão de Agripino Grieco, nasceu na Rua da Vitória fazendo esquina com a rua da Aurora, a 18 de setembro de 1850, sendo filho do Capitão Antônio Raimundo Cavalcante e Rita Carolina Ferreira Braga. Maior figura das letras sobralenses, Domingos Olímpio escreveu ainda os romances "Almirante" e "Uirapuru" publicados em folhetins na revista "Os Anais" do Rio de Janeiro, da qual foi fundador. Dramaturgo, cronista político e jornalista, deixou imensa produção nos jornais de Belém, Fortaleza e Rio de Janeiro, além de numerosos trabalhos inéditos. Faleceu a 6 de outubro de 1906, no Rio.

VISCONDE DE SABÓIA, CIENTISTA E FILÓSOFO

No Rio de Janeiro, na revista "O Acadêmico", n. 5, ano de 1856, é publicado o primeiro trabalho científico do Visconde de Sabóia sob o título de "Duas palavras sobre os progressos em embriologia". Foi o marco inicial de numerosa e valiosa produção. Inovador do ensino médico no Brasil, introdutor do ensino da odontologia no País e Diretor da Faculdade Nacional de Medicina, o Visconde de Sabóia foi também o primeiro cirurgião de seu tempo.

Seus inumeráveis estudos científicos e filosóficos, publicados em vernáculo e francês, o tornam o maior polígrafo sobralense. Entre suas produções destacamos o "Traité théorique et pratique de la science et l'art des Accouchements", volumosa obra ilustrada de 824 páginas publicada em Paris no ano de 1873, e que serviu de livro de texto em várias faculdades de medicina da França. "A Vida Psíquica do Homem", ensaio filosófico sobre o materialismo e o espiritualismo, editado no Rio em 1903, lhe fez merecer, na opinião de

Leonel Franca, um dos primeiros lugares na galeria das obras filosóficas brasileiras. Visconde de Sabóia nasceu, em Sobral, a 13 de abril de 1835, filho do Coronel José Sabóia e de Joaquim Figueira Melo, e faleceu, em Petrópolis, a 18 de março de 1909.

PRIMEIROS PASSOS DO JORNALISMO

A partir de 14 de agosto de 1864, dia em que circulou o primeiro número do jornal "Tabira", periódico político liberal, Sobral começou a participar das lides da imprensa. Seu proprietário, Manuel da Silva Miragaia, natural de Teresina, montou sua tipografia na Rua da Vitória. O nome indígena dado ao periódico bem demonstra a intenção de criar uma imprensa nativa, sem pretender concorrer com ninguém, dentro das limitações que o meio impunha. Nesse mesmo ano circulou também "A Sociedade", de efêmera duração. De janeiro de 1865 a dezembro de 1866, também aos domingos, circulou regularmente "O Sobral", todos sob a direção de Miragaia. Merece destaque especial "A Consciência", impresso com ótima feição gráfica, inclusive a cores, e que desapareceu em setembro de 1867 quando Miragaia foi obrigado a desistir da arte tipográfica por motivo das dificuldades financeiras que teve de enfrentar valorosamente até finalmente se considerar vencido.

Somente sete anos após, precisamente a 3 de maio de 1874, surgiu o "Sobralense", cujo primeiro redator foi José Rodrigues dos Santos, a quem sucedeu Zacarias Tomás da Costa Gondim. Dizia-se "neutro entre os partidos" e pretendia divulgar "ciência, letras arte e comércio". Em 1876 foi comprado pelo artista José Ferreira Lemos, autodidata admirável, homem dotado de raras habilidades, sendo pintor ator e jornalista. É autor da tela a óleo representando a "Últi-

na Ceia" que se encontra exposta na capela do SS Sacramento da Catedral. A ele são atribuídas catorze telas representando a Via Sacra, das quais algumas estão expostas no Museu Diocesano. Pintor Lemos, como ficou conhecido, casou-se a 8 de novembro de 1876, com Ana Carolina de Aguiar, viúva de Luís Antônio Pereira de Aguiar. Sua esposa era filha de Augusto Carlos de Sabóia e de Maria Carolina de Sabóia, e ele, filho de Francisco José de Lemos e de Geracina Zeferina de Lemos. Posteriomente transferiu-se para a Amazônia onde deixou muitas telas a óleo.

Depois do "Sobralense", a cidade nunca mais deixou de ter sua imprensa, chegando mesmo a possuir jornal diário, embora de rápida duração, como foi o caso de "A Cidade" de Álvaro Ottoni, fundado em 1897. Durante o século dezenove, Sobral possuiu 29 periódicos.

PRESIDENTES DE TRÊS PROVÍNCIAS

Na década de 60, um jovem estudante sobralense brilhava na Faculdade de Direito de Recife. Era João Tomé da Silva, filho do Comendador João Tomé da Silva e de Dona Maria da Penha Frota. Formado em 1864, publicou, no ano imediatamente posterior, sua tese de doutorado que resolvia a seguinte questão: "O Direito deriva-se da obrigação?" A defesa foi um sucesso e garantiu imediatamente ao seu autor uma cadeira na famosa escola recifense. Em 1870, um outro trabalho de sua autoria granjeia merecida fama pela erudição e segurança na argumentação. Foi um ensaio que teve por título: "O recurso à Coroa é ofensivo da liberdade e da independência da Igreja?" Notável também foi a "Memória histórica sobre a Faculdade de Direito do Recife", publicada em 1872.

Possuidor de raros dotes de liderança, Dr. João Tomé governou, com muita eficiência, as províncias do Espírito Santo, Santa Catarina e Alagoas. Estadista em plena mocidade, honrou o governo e a cátedra. Nascido em Sobral a 25 de janeiro de 1834, faleceu no Recife, com 41 anos de idade, a 4 de abril de 1884.

Também presidente de três províncias foi o primoroso poeta Dr. João Capistrano Bandeira de Melo, nascido em Sobral a 23 de outubro de 1811, filho do Capitão Jerônimo José Figueira de Melo e de Maria do Livramento Monte. Admirador da obra poética de Lamartine, Bandeira de Melo compôs poesias românticas, em versos soltos, "verdadeiros primores de sentimento e arte". Suas primeiras produções foram publicadas no Recife em 1867. Dos livros impressos no Rio destacam-se: "Jocelin e Laura", 1875; "Um episódio", 1876; "O túmulo", 1879; "Rodolfo", 1879 e "A Canção", 1880. Publicou ainda os discursos de posse nos governos de Alagoas, Paraíba e Minas Gerais. Foi também Deputado Geral, Senador e Conselheiro do Império, tendo falecido na Corte a 30 de maio de 1881.

O PRIMEIRO TEATRO

No ano de 1866 começaram as atividades da arte dramática em Sobral. Por iniciativa de José Raimundo Maravalho, Antônio Francisco de Paula e José Teodomiro Lopes de Alcântara foi criado o "Club Melpômene" com a finalidade principal de instalar um teatro na cidade. Nasceu assim o "Teatro Apolo" em cuja ribalta foi apresentado o primeiro espetáculo no dia 26 de maio de 1867, rendendo 248 mil réis que foram empregados na conclusão da capela de Nossa Senhora das Dores, então em construção. A 14 de julho do mesmo ano, com dependências totalmente lotadas, foi encenado o drama "O triunfo da virtude", de auto-

ria de Manuel Leite Machado. O velho "Teatro Apolo" permaneceu ativo até 1910 e foi palco de gloriosas atividades. Nele trabalharam jovens de grande talento, como Domingos Olímpio, Farias Brito, Luís de Miranda, o pintor Lemos, o jornalista Miragaia e tantos outros. Ficaram conhecidas as palestras que o Padre João Francisco Ramos, talentoso poeta e erudito orador, pronunciou durante o ano de 1871 sobre assuntos da atualidade.

Ao pequeno "Apolo" sucedeu o magestoso Teatro São João, cuja pedra fundamental foi lançada a 3 de novembro de 1875 por iniciativa da "União Sobralense", entidade que se organizou com a finalidade de promover o desenvolvimento cultural da cidade. Com exceção do "Santa Isabel" do Recife, o Teatro São João é o mais antigo do Nordeste em funcionamento ininterrupto.

O BARÃO DE SOBRAL

Em São Paulo, no ano de 1870, foi publicada a tese de doutorado de José Júlio de Albuquerque Barros, Barão de Sobral. Tratou do seguinte assunto: "Se o Estado, por cujo território passa um rio que oferece navegação de alto bordo e que tem mais ribeirinhos, pode chamar-se proprietário daquela parte do rio que corre dentro de sua jurisdição e império". Redator-chefe do jornal "Reforma" do Rio de Janeiro, o Barão de Sobral escreveu inúmeros artigos em que demonstrou variada erudição e vastos conhecimentos em jurisprudência e administração. Clóvis Beviláqua, em artigo sobre juristas cearenses, assim se expressou: "A esses nomes é de justiça acrescentar o de alguns autores que, sem deixarem obras de direito, conquistaram na administração pública e na magistratura, autoridade e renome. Lembro o Barão de Sobral, mem-

bro da Organização do Código Civil, em 1889, e Ministro do Tribunal Federal por ocasião de sua primeira organização". Governou as províncias do Ceará e Rio Grande do Sul, tendo publicado circunstanciado relatório sobre sua administração.

O Barão de Sobral nasceu a 11 de março de 1841, sendo filho do Dr. João Fernandes Barros e de Luiza Amélia de Albuquerque Barros. Faleceu no Rio a 31 de agosto de 1893.

UM JORNALISTA EXALTADO

Outro sobralense que muito se distinguiu nas letras no Sul do País, foi o Padre João Scaligero Maravalho, fundador do semanário "Estrela" e redator-chefe de "O Apóstolo". Lutador intemerato, viu-se perseguido e ameaçado de morte pelos jacobinos que empastelaram seu jornal a 7 de março de 1897, tendo sido obrigado a fugir para a Europa. De retorno à Pátria, restaurou o periódico voltando a escrever artigos violentos contra o regime monárquico. No Ceará, antes de partir para o sul, publicara "O companheiro fiel do cristão", 1872, e "O século atual e o dogma da infalibilidade", 1872, bem como uma tradução do livro "O cristianismo" de Verger, em dois volumes.

Padre Maravalho nasceu a 23 de junho de 1845, sendo filho de Rufino Alves Maravalho e de Francisca Rufina Pessoa.

UM POETA ESQUECIDO

Na edição do dia 4 de outubro de 1871 do jornal "Cearense" de Fortaleza, apareceu um longo epicédio, em versos heptassílabos, exaltando a valentia e os méritos do General Sampaio. A sonoridade das frases, a beleza dos versos e originalidade das idéias logo

despertaram a atenção da intelectualidade da província. Quem seria o autor destas sextilhas tão eloquentes? Soube-se então tratar-se de um humilde soldado sobralense, voluntário da guerra do Paraguai de onde retornou mutilado de uma perna. Era João Ribeiro de Carvalho, filho de Francisco Ribeiro da Silva e de Maria Ribeiro de Carvalho. Recebeu a proteção do Barão da Ibiapaba de quem se tornou comensal. Publicou ainda "A Cruz" e "Desalento", poemas de frases másculas e sonoras, com ritmo impecável e tônicas precisas. Foi poeta popular, mais visivelmente inclinado para o estilo épico e inspirado de ardente patriotismo. Alguns de seus versos nos fazem lembrar Castro Alves, na melhor fase condoreira. Por serem hoje raridades, transcrevo algumas das 31 sextilhas de louvação a Sampaio:

"Quero cantar respeitoso
o vulto mais glorioso,
o mais distinto perfil
do soldado brasileiro,
do cearense guerreiro
que enobreceu o Brasil.

Zombou do fogo e das balas,
dos projéteis entre as alas
ei-lo garboso a sorrir.
Leão, lutou contra a sorte
como se o anjo da morte
não o pudesse ferir.

Qual Josué inspirado
que, ao sol no ocaso tombado
alguns instantes prendeu,
assim o filho do Norte
mandou esperar a morte,
adiantou-se e venceu.

Ante ele todos tremem,
os canhões troando fremem
ante a voz de seus pulmões,
bradando aos filhos do Norte
aquele guerreiro forte
honraria a mil nações.

Ele dorme, em se acordando
contra o inimigo avançando
será da bravura o raio!
Do caixão quebre-se a tampa
que o espaço estreito da campa
conter não pode a Sampaio".

Além de poeta, Ribeiro de Carvalho foi aplaudido orador muito solicitado para falar nos comícios políticos da Fortaleza provinciana.

UM CRIMINALISTA RESPEITADO

Grande figura da cultura jurídica do Brasil foi o Dr. Vicente Alves de Paula Pessoa, nascido em Sobral a 2 de março de 1828, filho do Senador Paula e de Francisca Carolina de Paula Pessoa. Deixou obras notáveis de direito, principalmente de direito penal em que granjeou extraordinária autoridade, impondo-se sua opinião para firmar jurisprudência na época. A maioria de suas obras foi escrita em Sobral onde exerceu as funções de juiz de direito durante onze anos. Publicou os seguintes livros: "Elemento servil", Rio, 1875; "Código criminal do Império", Maranhão, 1879; "Reforma Judiciária", Maranhão, 1880; "Código de Processo Criminal", Rio, 1880.

Ministro do Supremo Tribunal da Justiça, Conselheiro e Senador do Império, Vice-presidente das pro-

víncias do Rio Grande do Norte e Ceará, chefe do partido liberal do Ceará, foi o Senador Paula Pessoa uma personalidade marcante na história política e cultural da província. Dentro de sua especialidade, foi, a seu tempo, a maior sumidade jurídica de todo o País. Faleceu, na cidade natal, a 31 de março de 1889.

PRIMEIRO HIPÓDROMO DA PROVÍNCIA

Sobral possuiu o primeiro hipódromo da Província e um dos primeiros do Brasil. A 31 de dezembro de 1871, último domingo do ano, a cidade presenciou a inauguração oficial do Jockey Club de Sobral. Correram cinco páreos de animais dentro de uma programação organizada á moda inglesa, com cavalos classificados por nome, cor, idade, altura em polegadas, naturalidade, inteiro ou castrado, vencedor, tempo da corrida de trezentas braças e proprietário. O programa foi impresso e publicado, com todos os detalhes, na edição de 31 de janeiro de 1872 do jornal "Cearense" de Fortaleza. O primeiro páreo teve como vencedor o cavalo Flecha, castanho, 8 anos, 52 polegadas de altura, natural de Aracatiaçu, castrado, com tempo de 59 segundos e foi inscrito por Francisco Ferreira de Melo. Mereceu destaque também o animal Surubim, natural de Sobral, castrado, com tempo de 59 segundos no percurso de trezentas braças, inscrito por José Inácio Alves Parente.

O glorioso Jokey Club sobralense foi obrigado a paralisar suas atividades durante a seca de 1877. Corridas realmente organizadas como as do ano de 1871 só foram reiniciadas a 19 de outubro de 1893, dia em que foi fundado o Derby Club Sobralense, ainda hoje um dos mais ativos do Nordeste.

CAMPANHA ABOLICIONISTA

A 24 de junho de 1870 foi fundada a "Sociedade Manumissora Sobralense", tendo por finalidade trabalhar pela libertação dos escravos. O primeiro presidente desta sociedade foi o Dr. Tomás Antônio de Paula Pessoa e as reuniões eram realizadas nos primeiros e últimos domingos de cada mês. Teve o mérito de despertar a população para a necessidade de reagir contra a desonra da escravatura.

A 19 de fevereiro de 1883 foi criado o "Club Abolicionista Sobralense", iniciativa do professor Vicente Ferreira de Arruda, cuja inauguração oficial se realizou no dia 15 de julho do mesmo ano, no Teatro São João. Graças aos esforços desta sociedade, a 19 de dezembro foram alforriados 117 escravos. A escravatura, porém, só foi oficialmente extinta no município de Sobral a 2 de janeiro de 1884.

Passou à história a solene sessão realizada pela "Sociedade Manumissora Sobralense" no dia 22 de janeiro de 1871 presidida pelo Dr. Tomás Antônio e na qual usaram da palavra, por ordem, os ilustres sobralenses Dr. Virgílio de Morais, Dr. João Adolfo Ribeiro da Silva, Dr. Antônio Sabino do Monte, Dr. Francisco de Paula Pessoa Filho e o jovem acadêmico Domingos Olímpio. Foi improvisado um leilão, cuja renda serviu para alforriar cinco escravos.

Figura de destaque na campanha da abolição no Ceará foi a ilustre dama Maria Tomásia, filha do Cel. José de Xerez Furna Linhares e de Ana Filgueira de Melo. Maria Tomásia nasceu em Sobral a 6 de dezembro de 1826 e faleceu em 1902. Foi presidente da "Sociedade das Senhoras Libertadoras", tendo liderado, com muito brio e entusiasmo, a participação da mulher cearense na luta pela abolição.

UM ENGENHEIRO NO SENADO

Grande nome da engenharia brasileira foi o Dr. João Ernesto Viriato de Medeiros, considerado, na época, o maior especialista em viação férrea do País. Doutor em matemáticas pela Academia Militar onde se formou a 27 de fevereiro de 1850, defendeu tese perante o Imperador dissertando sobre "o método dos limites e dos infinitamente pequenos". Engenheiro, publicou estudos sobre "Estradas de ferro para Minas Gerais", Rio, 1865 e "Estrada de ferro de Porto-Alegre à Uruguaiana, Rio, 1877, obras em que demonstrou saber, talento e experiência no assunto. Muito batalhou também para conseguir a construção da Estrada de Ferro de Sobral. São também de sua lavra três estudos científicos sobre as secas do nordeste assinados sob o pseudônimo de Serrano. Cavaleiro da Ordem de São Bento de Aviz, foi Deputado Geral e Senador do Império, tendo representado o governo em várias comissões oficiais na Europa e na América do Norte. Filho do Cel. Antônio Viriato de Medeiros e de Maria Jerônima Figueira de Melo, nasceu em Sobral a 23 de junho de 1823 e faleceu no Rio a 27 de junho de 1900.

UM POETA MÍSTICO

Chorado por toda a cidade, a 26 de junho de 1877 faleceu em Sobral com apenas 25 anos de idade, o jovem poeta Vicente Getúlio de Andrade Pessoa. Bondoso de índole, possuidor de nobre coração, místico e romântico, encheu os dias de sua rápida juventude compondo versos de um lirismo sentimental e comovente. Foi o primeiro poeta genuinamente sobralense, nativo e ligado à terra. Dedicou-se ao comércio

desde os primeiros anos da adolescência, mostrando-se honesto e eficiente. Alma sedutoramente pura, deixa transparecer em seus versos sentimentos de amor à vida, verdadeiros hinos à beleza da natureza que encanta e ao dom da fé que lhe fez descobrir o sentido da existência.

Suas poesias foram publicadas na imprensa de Sobral e Fortaleza, destacando-se "O riso da moça", "Uns olhos", "Deus", "O despertar" e "Surrexit". São versos suaves e místicos, nascidos de um coração amoroso e cândido que fazem lembrar Casemiro de Abreu. A inspiração lhe vem natural e espontânea estruturando a frase docemente e formando um ritmo cadenciado e melodioso. Um primor de arte poética e de beleza humana. Vicente Getúlio nasceu em 1852, sendo filho do Prof. Emiliano Frederico de Andrade Pessoa e de Maria Adelaide da Frota. O jornal "Sobralense", edição de 1º. de julho de 1877, soube muito bem sintetizar o seu rápido peregrinar neste mundo: "Poeta moço, cheio de vida e de aspirações, viu cedo tombar-lhe no ocaso a estrela da existência. Vicente Getúlio nasceu, cantou e morreu".

UM JURISTA NATIVO

Figura exótica, genial e extraordinária, foi Luis de Miranda. O romancista Domingos Olímpio, que desde jovem o conheceu na intimidade, assim o descreve: "Destaco o jurisconsulto da ordem de Luis de Miranda, maravilha do próprio esforço, fruto da florescência espontânea do cérebro genial que eu conheci simples artista, entre as fagulhas da forja ofegante e as sonoridades da bigorna, no recinto esfumarado de uma tenda de ferreiro e interpretando sobre o cenário do Teatro Apolo, nas horas de lazer, grandes figuras dramáticas".

Órfão de mãe aos três anos, muito pobre, desde a puberdade foi obrigado a se empregar em uma oficina de ferreiro para poder sobreviver. Autodidata, devorou, em sôfregas leituras, os livros da biblioteca do Dr. Jaguaribe, então Juiz de Direito de Sobral, que lhe serviu de Mecenas. Adquiriu assim profundos conhecimentos jurídicos, tendo sido jornalista, tabelião, advogado provisionado e jurisconsulto dos mais eminentes. Escreveu, entre outras, as seguintes obras: "Custas forenses", Rio, 1879; "Guia teórico e prático dos tabeliães, escrivães e oficiais do registro", Rio, 1880; "A idade em suas relações jurídicas", Fortaleza, 1885. Durante muitos anos manteve "Página jurídica" no jornal conservador "Pedro II" de Fortaleza. Advogado com vasta clientela, orador notável e poeta de rara inspiração, foi vulto proeminente no cenário intelectual do Ceará durante as duas últimas décadas do Império. Sua conduta um tanto boêmia deu-lhe ares de popularidade tornando-se um homem comentado e discutido. Possuidor de profunda cultura, foi um dos mais famoso jurisconsultos da Província. Filho de Manuel da Costa Farrapo e de Maria Jerônima da Conceição, nasceu em Sobral a 17 de novembro de 1836 e faleceu em Fortaleza a 15 de maio de 1905.

DEFENSOR DOS DIREITOS AUTORAIS

Em 1872 doutorou-se na Faculdade de Direito do Recife o Dr. José Austregésilo Rodrigues Lima. Depois de um curso brilhante, defendeu tese com o seguinte título: "O direito de propriedade literária tem os mesmos fundamentos e limites da propriedade natural". Publicada na capital pernambucana em 1877, a tese do Dr. Austregésilo teve a mais retumbante repercussão nos meios literários. Sabendo-se que a primeira lei no Brasil sobre direitos autorais só foi assinada, pelo Presidente Prudente de Morais, a 1º. de Agosto de 1898, as idéias defendidas pelo Dr. Austregésilo, vinte anos antes, lhe creditaram o mérito de um pioneirismo invejável e honroso.

Redator da "Província", órgão do partido liberal Pernambucano, o ilustre sobralense destacou-se como jornalista dos mais combativos. Publicou ainda: "A noção de moeda não tem relação necessária com a de valor intrínseco econômico", Recife, 1878, e "A disposição do art. 5º. da Constituição não pode ser alterada por lei ordinária", Recife, 1879. Colaborador eficiente em vários governos provinciais de Pernambuco, foi professor da Escola Normal, secretário do governo, inspetor da instrução pública, membro da intendência do Recife e presidente do Instituto dos Advogados.

Filho de José Rodrigues Lima e de Úrsula Balbina de Sousa Lima, nasceu a 2 de maio de 1839 e faleceu a 26 de maio de 1894.

DE JORNALISTA A MINISTRO DA GUERRA

Político dos mais notáveis, jornalista e orador, foi o Conselheiro Rodrigues Junior. Chefe do Partido liberal no Ceará, ocupou quase todos os cargos de destaque da Província e do Império. Deputado provincial, deputado geral, vice-presidente do Ceará, conselheiro do Império e Ministro da Guerra no Gabinete Lafayette. Jornalista destemido, admirado pelos seus mas muito combatido pelos conservadores, redigiu o "Cearense" por muitos anos. Orador de vastos recursos, publicou os 'Discursos pronunciados na Câmara dos Deputados", Rio, 1880 e 1887.

Bacharel em Direito pela Academia de Olinda, advogou em Sobral tendo trabalhado intensamente pelo desenvolvimento cultural de sua terra. Foi um

dos incentivadores da construção do Teatro São João e um dos que primeiro lutaram pela abolição da escravatura negra na cidade natal.

Filho de Antônio Joaquim Rodrigues e de Ana de Albuquerque Rodrigues, nasceu a 12 de março de 1837 em Sobral e faleceu em Fortaleza a 14 de maio de 1904.

BISPOS CULTORES DAS LETRAS

Sobral se orgulha de ter sido berço de três sumidades do episcopado nacional. O dinamismo apostólico, a vasta cultura humanística e o zelo na fé são qualidades comuns que exornam as ricas personalidades de Dom Jerônimo Tomé da Silva, Dom José Lourenço da Costa Aguiar e Dom José Tupinambá da Frota. Como neste trabalho nos restringimos ao século dezenove, falaremos apenas sobre os dois primeiros.

Dom Jerônimo nasceu a 12 de junho de 1849, filho do Comendador João Tomé da Silva e Maria da Penha Frota. Doutor em Filosofia (1869) e Teologia (1873) pela Universidade Gregoriana de Roma, cidade onde se ordenou sacerdote a 21 de dezembro de 1872. Como professor do Ginásio Pernambucano do Recife, escreveu "Manual Filosófico" e "Manual Retórico e Poético", obras didáticas publicadas em 1886 que primam pela sequência lógica dos conceitos e pela leveza do estilo. Também no Recife fundou o jornal "Aurora" e publicou os notáveis discursos fúnebres que pronunciou por ocasião da hecatombe do "Vitória" e das exéquias do Visconde do Rio Branco.

Na Cidade Eterna foi sagrado Bispo a 26 de outubro de 1890 tendo exercido o episcopado em Belém do Pará e, a partir de 12 de setembro de 1893, em Salvador da Bahia como arcebispo-primaz do Brasil. Publicou uma dezena de Cartas Pastorais em que demonstrou a vastidão de sua cultura e as qualidades de bom conhecedor do vernáculo. Faleceu a 19 de fevereiro de 1924, cercado da admiração e do carinho do povo bahiano. De Dom Jerônimo Tomé da Silva escrevi uma longa biografia que foi publicada no "O Povo" de Fortaleza, edição de 4 de maio de 1977.

Episcopado não menos brilhante foi o de Dom José Lourenço da Costa Aguiar, primeiro Bispo do Amazonas. Nascido a 9 de agosto de 1847, era filho do comerciante Boaventura da Costa Aguiar e Joana Virgínia de Paula Aguiar. Ordenado sacerdote em Fortaleza a 30 de novembro de 1870, foi cura da Catedral e redator-chefe da "Tribuna Católica. Em 1876 transferiu-se para Belém do Pará onde exerceu várias funções eclesiásticas e políticas. Homem de imprensa, foi redator da "Boa Nova", "Constituição" e "Diário do Grão Pará. Foi deputado provincial no Ceará e no Pará, e deputado geral na Corte na última legislatura do Império quando se distinguiu na campanha abolicionista. Doutorou-se em direito civil e econômico na Universidade Santo Apolinário de Roma. Sagrado Bispo a 11 de março de 1894 em Petrópolis, inaugurou a diocese do Amazonas.

Tupinólogo e indianista, publicou um catecismo em língua nehengatu,, "Christu Muhencaua Curimaan uara Arama", Petrópolis, 1898. e por ocasião de sua posse como sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro pronunciou um erudito discurso sobre o estudo e o ensino da língua nativa dos aborígenes da Amazônia. Publicou também "Discursos", pronunciados na Câmara dos Deputados, Imprensa Nacional, Rio, 1887, e "Sermão Fúnebre" proferido nas exéquias do Papa Leão XIII na catedral do Amazonas. Faleceu a 5 de junho de 1905 em Lisboa para onde fora em missão cultural

CRONISTA DA TERRA

A 28 de [illegible] de 1887 circula pela primeira vez o semanário "A Ordem", órgão do partido conservador, o me[illegible]nal que Sobral possuiu no século XIX. Era dirigido por João Vicente Franca Cavalcante, nascido a [illegible] de junho de 1852, era filho do Cap. Vicente Cândido Cavalcante e Filadelfa da Franca e Silva. Autodidata apaixonou-se pelo jornalismo informativo fazendo de seu periódico "um órgão dos interesse sociais". Dedicou-se ao estudo da história da cidade tendo coletado fatos que dispôs em ordem cronológica e que foram publicados sucessivamente em várias edições de seu jornal sob o título de "Notas para a História de Sobral". Muito interessante o trabalho que publicou sobre a "Sedição ou Rebelião em Sobral" recordando os acontecimentos de 1840 que tentaram a deposição do Presidente Alencar. O Barão de Studart, reconhecendo o valor destes estudos, os fez publicar na Revista do Instituto do Ceará, edição de 1906 e 1909, respectivamente.

O Jornalista José Vicente faleceu a 14 de fevereiro de 1898, tendo então a direção do jornal passado às mãos de seu filho Antenor Cavalcante.

UM GÊNIO ESQUECIDO

Figura infelizmente quase esquecida das letras cearenses é o genial Bias Mendes, inteligência fulgurante e polimorfa, poeta, filólogo, estudioso da história e da sociologia americana, desaparecido prematuramente aos 25 anos de idade. Nascido em Santana do Acaraú a 30 de junho de 1868, veio residir em Sobral com a idade de dois anos.

Depois de estudar as primeiras letras em Sobral,

partiu em 1868, para Pernambuco onde concluiu o curso preparatório para a Faculdade de Direito. Resolveu porém vajar para o Sul do País tendo se matriculado na Academia de Direito de São Paulo onde cursou apenas o primeiro ano letivo. Atacado de tuberculose pulmonar, foi obrigado a regressar a Sobral para a companhia de seus pais, dedicando-se a escrever poesias, estudos filológicos e encardenar livros. Algumas de suas produções literárias foram publicadas na imprensa sobralense da época. Indianista e tupinólogo, sonhou com criar uma cultura nativa e autóctone rompendo com as influências européias, principalmente francesas e inglesas.

O seu estilo e os arroubos de seu gênio chegam quase à ira quando defende a autonomia da cultura americana e a necessidade de libertar dos grilhões estrangeiros a civilização brasileira. Sem ser chauvinista, lutou para mostrar que o Brasil tem raizes próprias capazes de nutrir uma língua, uma literatura e uma arte profundamente nacionais.

Conhecedor da história das Américas, escreveu "Americaba", poema épico, com mais de 3.000 versos, dedicado a todos os povos indígenas do novo mundo. Infelizmente inédito, e ao que parece desaparecido, o poema dividia-se em três partes. Na primeira havia uma descrição da natureza americana e das civilizações primitivas até à invasão dos europeus. Na segunda, chora o poeta o cativeiro dos americanos e descreve as civilizações do norte e do sul até à emancipação da raça vermelha. Por fim, canta a liberdade dos Americanos, os heróis modernos e libertadores dos povos, encerrando com uma apoteose das dezenove nações do continente. Alguns versos do poema, decassílabos soltos escritos em estilo áspero e contundente, foram transcritos por Deusdedit Mendes em artigo publicado no jornal "O Estado" de For-

taleza, edição de 26 de fevereiro de 1950.

Admiráveis são as "Poesias Esparsas" e "Cantigas de Cabloco", versos folclóricos que aguardam uma benfazeja mão que os recolha das edições da imprensa sobralense, da época em que foram publicadas, para os reunir em volume. "Estudos Americanos" é uma obra póstuma, publicada na Bahia em 1905, que descreve a história, os costumes e a língua dos indígenas e explica alguns brasileirismos mais usuais.

Cheios de ternura são os versos dedicados aos filhos de Caiçara e que cantam a Cunhãzinha, a Lenda de Ubajara, Ipucaba Tupã, Jaibara, Sanhaçu, Tritu ras, Queixumes, Saudade e Mágoa.

Talento plasmado no cadinho do estudo perserverante e do sofrimento bem aceito, Bias Mendes foi uma inteligência fulgurante que lutou até o último momento, apesar de escondido na solidão do interior da província , marcado por enfermidade irreversível, para defender a independência da civilização e da cultura autenticamente aborígenes.

Bias Mendes previu que bem cedo tombaria vencido pela morte precoce e deixou esta previsão expressa numa quadra de versos comoventes que chegaram até nós guardados na memória de seus familiares:

"Sou muito moço ainda, mas em breve
cadáver frio à campa baixarei,
e como a rosa desabrocha e morre
no começo da vida morrerei."

Realmente foi assim. No Livro de Óbitos Nº.10, fl. 102, da municipalidade de Sobral, encontramos a notícia lacônica e fria: "Aos 25 de julho de 1893, na catacumba Nº. 48 do cemitério São Francisco, foi sepultado o adulto Manoel Bias Pereira Mendes, natural da parochia de Santana, solteiro, filho de Antônio

Pereira Mendes de Vasconcelos, com 25 anos de idade Faleceu hoje de uma hemoptise."

Não parece ter exagerado quem afirmou à beira de sua tumba: "Bias Mendes foi um gênio que caiu sobre a terra".

ESPECIALISTA EM DIREITO COMERCIAL

Conhecedor profundo da ciência jurídica, principalmente do Direito Comercial em que se especializou, foi o Dr. Virgílio Augusto de Morais. Nasceu em Sobral a 21 de dezembro de 1845, sendo filho de Manoel Francisco de Morais e de Carlota Maria da Glória. Depois de aprender as primeiras letras na cidade natal, cursou em Recife o curso secundário do Ginásio Pernambuco e a Academia de Direito onde se graduou em 1867. Retornando ao Ceará foi Promotor de Justiça, Procurador da Fazenda, Diretor de Instrução Pública e Professor. No magistério distinguiu-se no Liceu do Ceará onde lecionou Inglês e na Faculdade de Direito onde pontificou como catedrático de Direito Comercial. Foi sócio fundador da Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará.

Redigiu a "Gazeta Forense" e publicou inúmeros trabalhos referentes aos assuntos profissionais que se acham espalhados nos jornais da época ou guardados nos cartórios. Advogado criterioso, possuia numerosa clientela.

Faleceu em Fortaleza a 6 de maio de 1914, cercado da admiração e do respeito da sociedade cearense.

AS PESQUISAS DO MARECHAL ALCINO

De todos os filhos de Sobral que seguiram a carreira das armas apenas um, até hoje, conseguiu chegar à culminância do marechalato: foi o ilustre e culto

Mal. Filinto Alcino Braga Cavalcante. Nascido a 3 de agosto de 1862, irmão mais moço do romancista Domingos Olímpio, era filho do Cap. Antônio Raimundo Cavalcante e Rita Carolina Ferreira Braga. Depois de estudar as primeiras letras na cidade natal, sentou praça no Exército a 9 de janeiro de 1879 matriculando-se na Escola Militar do Rio de Janeiro. Formou-se em Engenharia Militar, sendo também bacharel em Matemática e Ciências Físicas disciplinas que lecionou durante vários anos na Escola Militar do Rio.

Profundo conhecedor da história brasileira, teve participação ativa na Revolução de 1930 e escreveu os comentários e o texto de um projeto de Constituição, publicado em 1933, que propôs ao novo governo. São de sua autoria dezenas de artigos publicados na revista "Cultura Política" sobre temas de História do do Brasil.

Como membro da Comissão do Amapá e chefe da comissão brasileira de exploração do alto Araguari, redigiu estudos e relatórios, em francês e vernáculo, tratando dos limites de fronteira do Brasil com a Guiana Francesa. Sobre o assunto publicou "Comission Brèsilienne d'Exploration du Haut Araguary" Paris, 1896 e "O rio Apurema e os lagos até o Amapá", Rio, 1896.

Traçou várias cartas geográficas do Amapá determinando os limites precisos do território brasileiro naquela região.

Reformado como marechal a 5 de julho de 1923 depois de brilhante carreira no exército, dedicou-se aos estudos históricos cujos frutos foram os profundos artigos publicados em várias revistas especializadas no País.

Vale salientar o estudo que escreveu sobre "Conquista da Amazônia" e que vem publicado na revista "Cultura Política, nº. 43, p. 122-137.

UM ARTISTA DA PALAVRA

Em 1898 aparecia no Rio de Janeiro, editado na Tipografia Aldina, um livro de sonetos com o sugestivo título de "Salmos". Alguns destes sonetos são um primor de poesia. Dois anos depois, vem à lume "Crítica e Polêmica", livro sério, cheio reflexões filosóficas e cuidadosamente escrito. Foram duas obras que deram início à produção literária do Dr. José Getúlio da Frota Pessoa, polígrafo sobralense, que tanto como poeta quanto como prosador distiguiu-se pela beleza do estilo e pelo domínio fácil da palavra escrita.

Jornalista, sociólogo, pedagogo e polemista primoroso, Frota Pessoa produziu obras de reconhecido mérito.

Nascido a 2 de novembro de 1875, era filho de Emiliano Frederico de Andrade Pessoa e Maria Adelaide da Frota Pessoa. Aprendeu as primeiras letras com seu próprio pai, notável professor público em Sobral. Em 1891 seguiu para Fortaleza onde continuou seus estudos, transferindo-se para o Rio onde foi matriculado na Escola Politécnica. Não sentindo vocação para Engenharia, retornou ao Ceará tendo se graduado na Faculdade de Direito. Participou de atividades políticas e, além de inúmeros artigos em jornais, publicou nesse tempo as seguintes obras: "Os impostos de cabotagem no Ceará", Rio, 1906; "Contra os furtadores", Rio, 1906; "O açude Quixadá", 1906; "Impostos inconstitucionais", 1906, e "Oligarquia do Ceará", Rio, 1909, sendo esta última um violento libelo contra o governo de Nogueira Acióli. São também de sua lavra "A Judéia Brasileira", Rio, 1911 e "A Intervenção no Ceará", Rio, 1914.

Foi secretário do Interior e Justiça no governo Franco Rabelo, findo o qual transferiu-se novamente para o Rio de Janeiro. Trabalhou na Diretoria da

Instrução Pública, sendo dessa época suas obras pedagógicas entre as quais se destacam: "A Educação e a Rotina", Rio, 1924; "Divulgação do Ensino Primário", 1928 e "A Realidade Brasileira", 1931.

Frota Pessoa faleceu em 1951, no Rio, deixando marca imperecível em nossos fastos políticos e literários.

GRANDE MISSIONÁRIO

Padre Ibiapina empreendeu em quase todo o Nordeste uma obra gigantesca de educação e de assistência social. Sem recursos humanos e financeiros, movido apenas pela força de seu idealismo, procurou preparar, nas províncias nordestinas, a transição do patriarcado rural decadente para a sociedade urbana que, em seu tempo, começava a se organizar.

A intenção primeira de sua atividade missionária foi impregnar de cristianismo as vertentes mais destacadas por onde corriam os veios da nova forma de civilização que se implantava, entre nós sobre as cinzas da família tutelar rural e do trabalho escravo. Dominava-o a visão luminosa da aurora do novo mundo social que nascia, marcado pelo ideal do trabalho livre e pelas influências do processo de urbanização que crescia. Dentro deste contexto, não é exagerado o juízo de Gilberto Freire considerando o Padre Ibiapina "do ponto de vista do catolicismo ou cristianismo social, a maior figura da Igreja no Brasil".

Criou vinte e duas "Casas de Caridade" espalhadas em cinco províncias do Nordeste. A de Sobral foi inaugurada a 28 de novembro de 1862 com a bênção do prédio oficiada por ele próprio.

Como deputado geral, advogado, magistrado e sacerdote distinguiu-se pelo profundo senso de responsabilidade que sempre marcou sua personalidade.

Padre Ibiapina nasceu na "Fazenda Olho d'Agua do Riacho das Jaibaras, município de Sobral, a 5 de agosto de 1806, sendo filho de Francisco Miguel Pereira Ibiapina e Teresa Maria de Jesus. Faleceu a 19 de fevereiro de 1883, em Santa Fé, Paraíba.

No jornal "O Povo" de Fortaleza, edição de 17 de junho de 1977, publiquei a sua biografia e procurei mostrar a importância social de seu trabalho missionário.

O TEATRO SÃO JOÃO

Desde 14 de julho de 1867, pelo menos, quando foi encenado o drama "O Triunfo da Virtude" de autoria de Manuel Leite Machado, já existia em Sobral o Teatro Apolo situado na antiga Rua da Gangorra. Aí, o Clube Melpômene exercitava as vocações literárias da juventude sobralense daquela faustosa época. O adolescente Domingos Olímpio, nascido em 1850, era espectador assíduo das encenações no Apolo. Quando em 1870 viajou para Olinda com o fim de cursar a Academia de Direito, já levava consigo a inclinação para o teatro, obtida no torrão natal. Tanto é assim que, ainda como estudante em Olinda, escreveu o drama "A Perdição" que foi encenada pela primeira vez a 12 de setembro de 1874 pelo Recreio Familiar do Teatro São Pedro de Alcântara.

Enquanto o afamado romancista de "Luzia Homem" fazia o curso de Direito, de 1870 a 1873 em Recife, em Sobral o Teatro Apolo continuava a prestar seus serviços à cultura. Em 1874, o Dr. Domingos Olímpio regressa para a terra natal, já bacharel em Ciências Jurídicas, e na cidade-berço encontra em plena atividade os ilustres colegas Dr. Antônio Joaquim Rodrigues Junior, Dr. José Júlio de Albuquer-

que Barros e Dr. João Adolfo Ribeiro da Silva. O primeiro, o célebre Conselheiro Rodrigues Junior, ganharia prestígio político no Partido Liberal que o levou a exercer as elevadas funções de ministro de Estado no Ministério Lafayette e de Conselheiro do Império. O segundo, que recebeu o merecido título de Barão de Sobral foi Presidente do Ceará e do R. G. do Sul e Procurador Geral da República. O terceiro, grande magistrado e exímio literato, publicou várias obras de valor, entre elas os romances "Carlos", escrito em 1861 e publicado em 1874 e "Psychê" publicado no Rio de Janeiro em 1875.

Não é de admirar que estes quatro ilustres sobralenses, residindo ao mesmo tempo na cidade natal e dotados de tanto talento, resolvessem incentivar os homens ricos da terra a organizar uma sociedade que tomasse a peito a tarefa de construir uma obra cultural que projetasse a cidade e pudesse continuar o trabalho pioneiro do acanhado Teatro Apolo que, pelas limitações físicas de sua sede, não tinha condições de expandir. Surgiu, assim, a idéia da fundação da "União Sobralense", sociedade de caráter cultural, cujos estatutos foram logo elaborados no início de 1875. De pronto foram vendidas as ações patrimoniais e a primeira diretoria ficou assim constituída: Dr. Antônio Joaquim Rodrigues Junior, Presidente; Dr. João Adolfo Ribeiro da Silva, Vice-Presidente; Domingos José de Sabóia e Silva, Ernesto Deocleciano de Albuquerque e João Frederico Ferreira Pimentel, Adjuntos; Zacarias Tomás da Costa Gondim, Secretário e José Clementino do Monte, Tesoureiro.

Na primeira sessão ordinária da novel sociedade nasceu a idéia de se construir uma grande e confortável casa de espetáculo com o nome de Teatro São João, nos moldes do Teatro Santa Isabel do Recife, tão conhecido dos idealizadores do empreendimento.

Em ofício lido na vereação do dia 31 de maio de 1875, a União Sobralense solicitava da Câmara Municipal licença para a construção do prédio na Praça Menino Deus, com planta de João José da Veiga Braga, sendo o requerimento deferido por unanimidade.

No local escolhido havia três casinhas de taipa, habitadas por pobres operários. Era necessário desapropriá-las e neste sentido a sociedade, em ofício lido na vereação de 14 de junho, pedia que a Câmara fizesse os atos legais da desapropriação a custa do cofre municipal. Os vereadores indeferiram a súplica "pela razão de que tinha aplicação mais justa a fazer da verba destinada a tal fim e de que a providência pedida podia ser praticada pela associação do teatro, visto estar estas casas no terreno onde deve construir o teatro, e em tal caso o negócio torna-se quase que particular". E o sisudo e austero Presidente da Câmara, o Coronel Joaquim Ribeiro, mandou "que assim fosse respondido o ofício".

Diante deste inesperado indeferimento, os responsáveis pela União Sobralense não tiveram outra alternativa senão adquirir os casebres por compra, para demolição.

Vencido este primeiro obstáculo, os cuidados se dirigiram para a preparação da festa do lançamento e bênção da pedra fundamental que se realizou na manhã do dia 3 de novembro de 1875, quarta-feira, em cerimônia dirigida pelo Dr. Rodrigues Junior. O Pe. João José de Castro, coadjutor da Matriz, realizou a bênção litúrgica na forma do Ritual. Na ocasião, o Dr. Domingos Olímpio, em vibrante e inspirado discurso, mostrou a importância cultural do acontecimento. O Paraninfo da festa foi o ilustrado sobralense, Dr. Vicente Alves de Paula Pessoa, juiz de Direito, e os trabalhos da construção foram imediatamente iniciados sob a orientação do mestre de obras,

Isidoro Gomes da Ponte.

Durante todo o ano de 1876, os serviços continuaram em ritmo acelerado, sofrendo paralizações sucessivas durante todo o ano de 1877 por motivo da terrível seca que assolou a província. Nesse ano seco de triste memória, a situação sanitária e econômica da cidade foi das mais vexatórias. Epidemias, fome desemprego tornaram-se problemas sérios para as autoridades e para a população, conforme se pode ver lendo a imprensa local da época. O jornal "Sobralense", cuja coleção quase completa se encontra arquivada no Centro de Pesquisas Históricas e Geográficas da UVA e foi por nós folheado ,apelava insistentemente, em suas edições semanais, para os poderes públicos da Província no sentido de enviar verbas para construção de obras que propiciassem oportunidades de emprego a milhares de retirantes que, provenientes das diversas localidades da região, perambulavam pelas ruas da cidade.

Em sua edição de 4 de março dizia o periódico: "Está muito adiantada a construção do edifício para o teatro, entretanto consta-nos que brevemnte serão paralizadas as obras, por falta de dinheiro". Apesar das dificuldades o trabalho continuou.

Chegaram verbas para construção de uma escola pública na Praça Imperial, da Cadeia Pública onde se celebrizou a operária Luzia Homem protagonista do notável romance de Domingos Olímpio, de novo Cemitério e da reforma do teto da Matriz. A cidade vivia assim momentos de abatimento moral provocado pela seca e de agitação febril pelo avultado número de operários nas várias construções.

Se as verbas do poder público acelelaram as demais construções, o teatro entregue a particulares, não pôde acompanhar o mesmo ritmo. Mas, apesar das ingentes dificuldades que teve de enfrentar, foi

inaugurado festivamente no dia 26 de setembro de 1880, domingo, às 8 horas da manhã, com a encenação da comédia-drama "A honra de um taverneiro", em três atos, seguida de uma chistosa comédia, em em um ato, intitulada "Meia hora de Cinismo". Dizia o anúncio publicado no "Sobralense": "Depois que a orquestra tiver executado uma linda synphonia será representada, pela primeira vez nesta cidade, a muito aplaudida comédia-drama".

O editor do jornal, José Ferreira Lemos, o conhecido pintor Lemos, sobralense, autor da tela Ceia Larga que se encontra na capela do Santíssimo Sacramento da Catedral, fazia a seguinte advertência: "Reiterando o apelo que dirigimos à generosidade do povo sobralense, no sentido de concorrer ao espetáculo com que uma plêiade de jovens vai hoje estreiar na cena dramática, nós recomendamos à autoridade dos dignos pais de família o cuidado de proibir dentro do recinto do teatro o uso do fumo e daquela algazarra infernal que tão tristemente recorda a platéia do antigo teatro. A ordem e a decência que um auditório civilizado deve guardar nos espetáculos públicos são os motivos que determinam a nossa respeitosa recomendação".

A peça foi encenada sob autorização do Delegado de Polícia Francisco Luís Vasconcelos e a "União Sobralense" pagou 85 mil réis de imposto pela abertura do teatro. Entre os atores, todos sobralenses, destacamos Antônio Montalverne, Domingos Bessa, Miguel Cialdini, Raimundo Braulino, Raimundo Arruda, Diomedes, José Vicente Franca Cavalcante, pintor Lemos, entre outros. Os ingressos foram cobrados a dois mil réis em poltrona numerada e um mil réis nas gerais. A renda foi em favor das obras da Matriz.

Aí está, em dados sucintos, a história do nascimento do Teatro São João de Sobral, empreendimen-

to gigantesco da sociedade sobralense que tantas vocações literárias despertou e tanta alegria proporcionou à população da cidade. Orgulho de cada um de nós e expressão vigorosa do valor de nossos antepassados.

FONTES DE ESTUDO:

— Arquivo da Cúria Diocesana de Sobral.

—Manuscritos do Centro de Pesquisas Históricas de Sobral.
— Coleção ds jornais "Sobralense", "Gazeta de Sobral" e "A Ordem".
— Revistas do Instituto do Ceará — Coleção
— Studart, Barão de — "Dicionário Biobibliográfico Cearense" — 3 volumes
— Blake, Sacramento — "Dicionário bibliográfico brasileiro" — Rio, 1893. 3 volumes.
— Martins, Mons. Vicente — "Homens e Vultos de Sobral, 1941.
— Freyre, Gilberto — "Sobrados e Mucambos" — 1º. tomo — Rio, 1967.
— Barreira, Dolor — "História da Literatura Cearense". 4 volumes.

Os Passos da Educação

No cenário do Ceará, desde os tempos coloniais, a comunidade sobralense sempre se destacou no setor da educação. Marcar os passos desta liderança através dos tempos é a pricipal finalidade deste estudo que, infelizmente, pelas limitações que se impõem tem que se restringir a um rápido esboço e a um quadro de generalidades. O único valor que este trabalho possa ter é servir de roteiro a quem desejar, no futuro, fazer um estudo mais profundo e detalhado sobre o assunto.

Encravada na Ribeira do Acaraú, a atual cidade de Sobral nasceu e cresceu bafejada pelas forças civilizadores que penetraram do litoral para estes sertões através do Rio Acaraú, única via de acesso ao homem branco nos tempos coloniais. Animava os primeiros colonizadores o desejo de se instalar em locais apropriados e próximos dos rios, onde pudessem tomar posse das terras para nelas construir os meios necessários à própria sobrevivência. Daí a necessidade primeira que sentiam de cuidar de seus gados e lavoura, Explica-se assim a natural negligência em zelar pela educação dos filhos e agregados, O cuidado com as atividades pastoris e agrícolas, geralmente muito absorventes por causa da adversidade do meio, era tido como mais importante do que o zelo pela instrução e pelo estudo. Eis por que as Ordenações do Reino preciaavam de exigir rigorosamente que os pais e tutores se responsabilizassem

pelo ensino dos filhos. Aos genitores cabia a obrigação de prestar contas perante os juízes de órfãos, trienalmente, sobre a instrução que era proporcionada aos filhos.

O ENSINO COLONIAL

A instrução ficava assim restrita ao âmbito familiar, exigindo-se como conteúdo mínimo o ensino de "ler, escrever, contar e os rudimentos da doutrina critã". A situação era agravada pelo fato de muitos pais e tutores serem analfabetos, como se pode ver dos autos de contas prestadas aos juízes de órfãos por ocasião da elaboração dos inventários. Nem por isso se eximiam do dever de responder se o órfão sabia "ler, escrever, a doutrina cristã e em que ofício se aplicava". Quando do sexo feminino, a filha devia receber instrução de tal maneira que aprendesse também a "coser, fazer renda e tudo no mais que se faz necessário saber uma mulher para o governo de uma casa". Era apenas isto o conteúdo do ensino e da educação. Mais prático do que teórico, mais formativo do informativo, mais de preparação para a vida do que de treinamento para o desenvolvimento da inteligência, mais das mãos do que da mente.

Até meado do século dezoito não havia, entre nós, as mínimas condições sociais e econômicas que permitissem a instalação de escolas e tornar rendável a profissão do magistério. Somente no final da sétima década desse século, exatamente a 13 de setembro de 1768, foi que o Presidente do Ceará, Antônio José Vitoriano Borges da Fonseca, preocupado com a dificuldade que sentia de encontrar quem quisesse se dedicar ao magistério por causa da baixa remuneração, determinou, em Portaria, que os

vencimentos dos mestres não podiam ser inferiores "a um alqueire de farinha anualmente para cada rapaz ou moça que frequentasse as aulas". Cada chefe de família, ainda nos termos da Portaria, não teria obrigação de contribuir com mais de dois alqueires, no caso de mandar mais de duas pessoas para a escola. Na falta de farinha, o pagamento se faria com outro gênero alimentício de valor correspondente.

Como se vê, a mentalidade reinante era a de que a obrigação de ensinar cabia exclusivamente aos pais, tendo o poder público o dever apenas de fixar os vencimentos dos professores. Vivia-se, na prática, em um regime tipicamente patriarcal. Esta mentalidade só começou a mudar, e muito lentamente, depois da Carta Régia de 5 de novembro de 1772 que instituiu o "Subsídio Literário", imposto a ser cobrado das vendas de aguardentes e "bebidas espirituosas", com o fim de custear a instrução pública nas colônias portuguesas.

Se excetuarmos a trabalho educativo dos jesuítas na Serra da Ibiapaba, nos períodos de 1656 a 1662 e de 1691 a 1759, tempo em que estiveram à frente da Missão de Viçosa, não houve, em toda a região norte da Província, qualquer tentativa de abrir escola até a metade do século dezoito. Encontrei uma referência sobre uma escola existente na Fazenda Tucunduba, da qual os meninos frequentemente fugiam, no inventário de Manuel Ferreira Fontele, falecido a 30 de abril de 1761.

PRIMEIROS PROFESSORES

Quem primeiro se dedicou ao magistério na Ribeira do Acaraú, embora de maneira esporálica e rudimentar, foi o Pe. Antônio dos Santos Silveira

que, no ano de 1723, chegou à Fazenda Caiçara como escrivão do Curato e se instalou em terras compradas ao Coronel Sebastião de Sá, à *margem direita* do rio Acaraú, local em que hoje se encontra a cidade Santana, cuja capela, por ele construída, foi inaugurada a 9 de agosto de 1739. Infelizmente por motivo das perseguições que lhe moveu Antônio Gonçalves de Araújo, superintendente das explorações de minas, Pe. Silveira, ameaçado de morte por não querer vender suas terras ao dito superintendente que afirmava haver muita prata naquele local, teve que deixar a Ribeira do Acaraú, retirando-se, a 15 de novembro de 1751, para Pernambuco onde veio a falecer pouco tempo depois. Dotado de boa formação humanística, Padre Silveira, durante os quase trinta anos que permaneceu nesta região, ministrou aulas particulares, nos ócios que lhe sobravam dos trabalhos sacerdotais, a filhos dos fazendeiros mais abastados, sem ter contudo mantido escola regular.

Com relação à povoação da Caiçara, berço de Sobral, o Pe. Antônio Tomás da Serra foi o pioneiro da educação, reservando parte de seu tempo ao ensino de "ler, escrever e contar" a crianças e adultos. Natural de Goiana, Pernambuco, onde nascera no ano de 1711, era filho de Manuel da Serra Cavalcante e Isabel Alvares Castro. Durante muito tempo serviu de coadjutor ao Cura da Freguezia da Caiçara e de capelão da Merucca, viajando por estes sertões em constantes desobrigas. Passou os últimos anos de sua vida lecionando na Vila de Sobral e na Capela da Meruoca onde veio a falecer a 13 de agosto de 1787, sendo sepultado, no dia seguinte, na Matriz de Sobral. Em seu inventário, feito em Sobral a 24 de setembro de 1787, consta, entre seus bens, uma palmatória no valor de 320 rêis. Era o único

material didático que possuia.

A PRIMEIRA ESCOLA

Estes dois padres não foram professores profissionais, pois ensinavam mais como obrigação de ministério sacerdotal do que propriamente como magistério, pelo que não lhes cabe glória de terem sido os primeiros fundadores de escolas. Esta honra deve ser atribuída ao preto Manuel Gomes Correia do Carmo que desde 1761, pelo menos, mantinha "sua escola de ensinar meninos" nesta "Povoação da Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Acaraú", tirando o sustento do trabalho de alfabetizar. Foi ele, realmente, o fundador da primeira escola existente na Caiçara. Natural de Olinda onde nascera em 1723, era homem de cor, filho natural de Antônia Gomes, preta forra, escrava do Cônego mestre-escola Bernardo Gomes Correia, cujos sobrenomes herdou. Deixando a proteção do integrante do Cabido da Catedral de Olinda, emigrou para o Ceará, residindo inicialmente em Amontada onde passou rápida temporada. Posteriormente fixou residência definitiva na Povoação da Caiçara, em cuja Matriz se casou a 17 de julho de 1870, já em avande Maurício de Azevedo da Conceição e filha natuçada idade, com Germana de Sá e Oliveira, viúva ral de Domingas Vasconcelos, escrava do Coronel Francisco Ferreira da Ponte. Menino filho de escrava, inteligente e arguto, passou sua infância em casa do mestre-escola olindense com quem aprendeu as primeiras letras e assimilou o método de ensino que diariamente presenciava na escola do senhor de sua mãe. Esta convivência lhe inspirou a vocação de ensinar, transportando-a para a Caiçara, berço de Sobral. Evidentemente seus alunos não eram os

filhos das famílias de destaque, já que os preconceitos raciais do tempo da escravatura impediam que um preto fosse preceptor de um branco. Com isso cresce o mérito deste primeiro educador e demonstra o senso comunitário da raça negra que solidariamente se unia e tomava consciência de suas próprias responsabilidades. O espírito comunitário entre os pretos era muito maior do que entre os colonizadores portugueses, egoístas e interesseiros. Foi ainda este mesmo espírito de solidariedade que levou os pretos da velha Caiçara a solicitar do Visitador Pe. Veríssimo Rodrigues Rangel a licença para construir a capela de Nossa Senhora do Rosário dos Pretinhos, a 31 de agosto de 1760, hoje colocada no centro comercial de Sobral. Com a escola e a capela próprias, os escravos, por si mesmos, cuidavam da instrução humana e da orientação religiosa de seus filhos, dando assim exemplo edificante da vida comunitária e de participação social. A primeira escola de Sobral foi obra pioneira dos pretos, e a eles é justo prestar nossa homenagem. Quando, a 5 de julho de 1773, a povoação da Caiçara passou à categoria de Vila Distinta e Real, a escola do Mestre Manuel Gomes Correia do Carmo era ainda o único estabelecimento de ensino existente na localidade. Somente por volta de 1780 não antes, foi aberta a primeira escola para os brancos dirigida pelo Tenente Manuel Correia Marques de Sá.

A escola em Sobral começou assim por esforço da iniciativa particular, não compreendido infelizmente pelos colonizadores lusos sumamente atarefados na manutenção de suas fazendas de criar e nem apoiado pelo poder público totalmente alheio ao problema. Por outro lado, mesmo depois da instituição do "Subsídio Literário", os rendimentos para os cofres públicos eram bastante escassos,, insuficientes para manter um mestre régio. Acresce que o Conselho Ultramarino, por onde transitavam todos os negócios da Colônia, era bastante absorvido e praticamente sufocado pelo acúmulo de casos para resolver. Não lhe sobrava tempo para tratar dos problemas da educação e nem os administradores do Reino tinham qualquer interesse em desenvolver culturalmente suas colônias.

INÍCIO DO ENSINO PÚBLICO

A 2 de dezembro de 1782, os camaristas decidiram, em vereação, enviar uma carta ao ouvidor geral e corregedor da comarca, André Ferreira de Almeida Guimarães, solicitando a nomeação de um mestre régio para ensinar Gramática Latina "aos filhos dos moradores desta vila e suas circunvizinhanhanças". Este pedido só obteve deferimento mais de dez anos depois.

A primeira escola pública mantida pelo "Subsídio Literário", só foi criada no último decênio do século, tendo sido nomeado para dirigi-la o Pe. Manuel Francisco Rodrigues da Cunha por Provisão Régia datada de 18 de maio de 1793. Nosso primeiro professor público recebia ordenado de 240 réis anuais e permaneceu em Sobral até o final do mandato de seis anos. Expirado este prazo, Pe. Manuel Francisco resolveu deixar a vila e viajar para Pernambuco. Na petição que dirigiu ao Bispo de Olinda, Dom Azeredo Coutinho, se dizia "presbítero do Hábito de São Pedro e professor de Gramática Latina na Vila do Sobral, comarca do Ceará Grande" e explicava que "pela ânsia de vir beijar os firmes e sagrados pés de V. Exa. Revda: e de vir tirar nova Provisão para o exercício de seu magistério, em cumprimento das respectivas ordens de V. Exa. pu-

blicadas a este respeito, declara substituindo o seu lugar um dos seus alunos mais adiantados, Gonçalo Inácio de Loiola Albuquerque, sem embargo de lhe negar esta graça, em outro tempo concedida, o Corregedor da comarca respectiva, pelo cordatíssimo motivo declarado e porque o suplicante conhece que lhe não deve substituir outra pessoa sem que nisto preceda beneplácido de V. Exa. Revda. e receberá mercê". A petição recebeu o seguinte despacho: "Como pede, não sendo muito dilatada a ausência do suplicante. Palácio do Recife, oito de julho de mil setecentos e noventa e nove. Dom José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho".

O jovem Gonçalo Inácio, conhecido posteriormente pelo nome de Padre Mororó quando das aventuras da Confederação do Equador, assumiu a função, mas a exerceu por pouco tempo, uma vez que não recebeu provisão. Também não temos notícia de que o Pe. Manuel Francisco tenha regressado a Sobral.

Provisão Régia de 22 de agosto de 1803 nomeia o Pe Manuel Pacheco Pimentel, paraibano de Pedra de Fogo, para assumir a direção da escola pública. Homem ilustrado, prestou brilhantes serviços à comunidade sobralense, coadjuvado por seu auxiliar, o professor João José Noronha, que recebera provisão de nomeação datada de 15 de março de 1804. Padre Pacheco Pimentel exerceu o magistério até o fim do ano de 1808, quando foi nomeado vigário da freguezia de São Gonçalo da Serra dos Cocos. O povo sobralense, não esquecido dos benefícios recebidos, por maioria de votos do seu colégio eleitoral, o elegeu Deputado Provincial no pleito realizado a 4 de janeiro de 1829. Ameaçado de morte por parte dos bandidos comandados pelo Melos e Mourões que não receberam seu apoio no termo de sua freguezia onde cometiam as maiores arbitrariedades, teve que fugir para Pernambuco em companhia do seu sobrinho o Tenente-Coronel João da Cunha de Alecrim. Logo que a fúria do banditismo começou a decair, o padre-mestre retornou a Sobral onde faleceu a 26 de outubro de 1840.

O professor João José Noronha assumiu a direção da escola pública, na ausência do Padre Manuel Pacheco, permanecendo na função até 15 de janeiro de 1810, quando foi nomeado o professor Francisco Inácio da Costa, sargento-mor do 1º. Batalhão de Milícias. O ensino até então era restrito às primeiras letras e a noções de Latim.

PRIMEIRA ESCOLA DE MÚSICA

No ano de 1813, Eugênio José da Silva abre uma escola particular de música, desenvolvendo o gosto pela arte musical, apesar da falta de instrumentos adequados que o obrigava a se restringir ao ensino do solfejo e ao ensaio de cantos sacros. Seus méritos foram reconhecidos, e a 29 de abril de 1815 foi nomeado por Provisão Real. Era natural de Recife e casado com Ana Joaquina da Conceição.

O PROFESSOR QUE SE TORNOU OUVIDOR

A 1º. de junho de 1815, o advogado Antônio Joaquim de Moura é nomeado professor de primeiras letras da escola pública de Sobral. Foi mestre consciente de suas responsabilidades e formador da juventude da época, tendo deixado seu nome ligado à rua em que residia, conhecida no tempo por rua do Moura. Posteriormente, foi político de projeção na Província. De idéias conservadoras, por ocasião dos movimentos da Confederação do Equador, sob

protesto veemente de Tristão Gonçalves, foi eleito Procurador da Câmara de Sobral. Demitido sumariamente, permaneceu em Sobral até quando foi surpreendido pela nomeação que lhe expediu o Presidente José Felix de Azevedo e Sá para exercer as altas funções de Ouvidor e Corregedor Geral da Comarca do Ceará, cargo este que assumiu a 16 de novembro de 1825, em substituição a Antônio José da Rocha Lima que também se encontrava em Sobral quando foi deposto.

O Ouvidor Joaquim de Moura, conscientemente oposto aos ideais da Confederação do Equador, serviu aos novos governos conservadores, tendo sido eleito Deputado Provincial para a segunda legislatura (1830-1833), com 96 sufrágios do colégio eleitoral sobralense.

O ENSINO NOS ALBORES DO IMPÉRIO

Nos últimos anos que antecederam à Independência, o desenvolvimento de Sobral estava a exigir melhoramentos de sua instrução pública, uma vez que a única escola existente já não podia atender à demanda da população crescente. Grande número de jovens havia paralisado seus estudos, pois já tinham atingido o último grau de instrução ministrado na vila. Os filhos dos pais mais abastados começam então a emigrar para meios mais adiantados em busca de melhor formação cultural, o que motivou o êxodo de muitos sobralenses que se formaram na Europa e nas escolas de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro e que tanto se distinguiram nas ciências e nas letras, no clero e nas armas, na medicina e na magistratura, como verdadeiras glórias nacionais.

A instrução já era tão insuficiente para atender às necessidades locais que a Câmara se sentiu

na obrigação de se dirigir diretamente à Corte de Lisboa, em ofício datado de 18 de dezembro de 1821, solicitando a nomeação de mais dois mestres régios para a Vila, sendo um especializado em segundas letras, "com ordenados suficientes e que fossem convidadas pessoas de letras e virtudes para-se encarregar destes ministérios ao bem público". Como se vê, os camaristas sobralenses já se preocupavam com a melhoria qualitativa do corpo docente, exigindo inclusive a boa formação moral do professorado público. Infelizmente esta pretensão da Câmara não pôde ser atendida, já que a 7 de setembro de 1822 foi declarada a Independência do Brasil, tirando toda a jurisdição de Lisboa sobre o novo Império. A brusca mudança política por que passou a nação abria novos caminhos e exigia novas orientações educacionais que, evidentemente, só poderiam ser traçados vagarosamente.

O PADRE-MESTRE REVOLUCIONÁRIO

A 21 de agosto de 1824, cinco dias antes do Grande Conselho que proclamou a República do Equador em Fortaleza, Frei Alexandre da Purificação, franciscano pernambucano, ex-lente de teologia do Convento de São Bento de Olinda, exaltado adepto daquele movimento libertário, foi nomeado professor de Latim de Sobral. Prestou juramento, a 13 de setembro do mesmo ano, perante a Câmara. Nesta mesma vereação, os camaristas juraram fidelidade ao sistema democrático representativo do Império determinando a fixação de editais exigindo do povo lealdade à Confederação do Equador. Frei Alexandre incentivou a explosão do movimento na vila de Sobral, levantando a população com sua palavra desassombrada e eloquente. A vila em peso aderiu ao

movimento. A exaltação do religioso custou-lhe a condenação à pena de morte, sendo porém absolvido pelo Decreto Imperial de 23 de julho de 1825 que lhe concedeu anistia.

O CARÁTER DO PROFESSOR GREGÓRIO

As atividades políticas do exaltado franciscano, tendo em vista o fracasso do movimento a que aderira com todas as forças de seu entusiasmo, obstacularam sua continuação no exercício do magistério, sendo sumariamente demitido. Para lhe preencher a vaga, o novo Presidente da Província, José Felix de Azevedo e Sá, oficiou à Câmara de Sobral mandando que se publique edital abrindo concurso público para a escolha do novo titular de aula de Gramática Latina da vila sobralense. O ofício foi lido na sessão ordinária de 26 de junho de 1825. Realizado o concurso, dele saiu vencedor o professor Gregório Francisco Torres e Vasconcelos que imediatamente prestou juramento e tomou posse do cargo.

Temendo que as idéias liberais permanecessem vivas na escola, *cumprindo ordens severas emanadas* da Capital da Província, a Câmara nomeou o Capitão Antônio Furtado do Espírito Santo para exercer as funções de inspetor de ensino. O professor Gregório, porém, nunca envolveu assuntos de política partidária em suas atividades de magistério, tanto foi assim que logo granjeou a total confiança da Câmara. Com a morte do Capitão Antônio Furtado, ele mesmo foi escolhido para substituí-lo no cargo vago, tomando posse a 12 de julho de 1834. A partir desta data, curiosamente passou a exercer as funções de inspetor e professor simultaneamente. O mestre Gregório Francisco merece um destaque especial na história da educação de Sobral, por

ser homem de muitos méritos e vasta cultura. Foi escrivão e vereador da Câmara em várias legislaturas e, posteriormente, Deputado Provincial. Figurou inclusive na lista sêxtupla para a escolha de Senador do Império, da qual saiu nomeado o nosso conhecido Senador Paula a 23 de dezembro de 1848. Professor Gregório nasceu a 17 de novembro de 1785 na Fazenda Flores, sertão de Santa Quitéria, filho primogênito do matrimônio de Gregório José Torres e Vasconcelos e de Isabel Pinto de Mesquita.

Sua mãe, filha do Sargento-mor João Pinto de Mesquita e de Teresa de Oliveira, era sobrinha do Capitão Antônio Rodrigues Magalhães, proprietário da Fazenda Caiçara, berço de Sobral. Dona Isabel Pinto de Mesquita contraíra um primeiro matrimônio irregular, realizado na Serra dos Cocos, com Folinardo Caetano Cesar de Ataíde, homem já casado em Recife e que fugira para o Ceará apresentando-se com este falso nome que encobria o verdadeiro que era José Luís Pestana. Com esta farsa, conseguiu contrair novas núpcias com Isabel. Descoberta a trama, foi condenado pelo Santo Ofício e teve o casamento anulado. Isto permitiu que Isabel contraísse novas núpcias, a 12 de junho de 1783, com Gregório José, natural de Tejucupapo, filho legítimo do Capitão Eugênio Gomes Torres e de Isabel Quitéria Pessoa de Vasconcelos.

Homem íntegro e de muito caráter, o professor Gregório Franciso assumiu na Câmara de Sobral atitudes másculas e destemidas. Como prova de sua coragem, basta lembrar a reação que teve contra um ato de prepotência do Presidente José Martiniano de Alencar que demitiu arbitrariamente o juiz de direito de Sobral Dr. Bernardo Rabelo da Silva Pereira, substituindo-o pelo Dr. João Fernandes Barros, nomeado ilegalmente a 5 de agosto de

1835. Dez dias depois, o professor vereador Gregório Francisco pede a palavra durante a vereação de 15 de agosto e assim se expressa com a gravidade de homem honrado e mestre abalizado: "A demissão do Juiz de Direito desta Comarca, Bernardo Rabelo da Silva Pereira, , é ilegal porque sendo firmado na disposição do art. 31 das Instruções para execução do Código de Processo, este apenas autoriza os presidentes para dar contas ao Governo Central da nomeação que houver feito de qualquer juiz de direito para esta ou aquela comarca, e não para demiti-los, e como tal era ilegal a nomeação do novo juiz, João Fernandes Barros. Sendo ilegal a ordem do Presidente José Martiniano de Alencar, e como a lei reputa criminosa qualquer pessoa que cumpra ordens ilegais, era de parecer que esta Câmara não reconhecesse como juiz de direito o Bacharel João Fernandes Barros, mandando lavrar editais para serem publicados nos julgados deste município a fim de não reconhecerem dito bacharel como juiz de direito desta comarca e que se oficiasse ao presidente da província comunicando a determinação da Câmara". Diante de tal argumentação, serena e séria, os vereadores foram unânimes em aprovar o parecer do ilustre professor. E tudo foi cumprido religiosamente.

Por ofício datado de 21 de agosto do mesmo ano, o Presidente Alencar, cioso de seu poder, determina que todos os vereadores sobralenses, que compareceram à sessão do dia 15 do mesmo mês, fossem imediatamente demitidos e substituídos pelos novos vereadores suplentes por ordem decrescente da votação que tinham obtido. Não satisfeito apenas com esta arbitrariedade, o Presidente Alencar por ato de 7 de dezembro de 1835, transfere o professor Gregório para a vila do Icó onde assumiria a

cadeira de Gamática Latina. O professor não aceitou a transferência e permaneceu em Sobral lecionando gratuitamente em sua prestigiada escola. Alencar sustenta a nomeação do juiz de direito, determinando que o Dr. João Fernandes Barros assuma imediatamente o cargo e preste juramento perante a nova Câmara, o que realmente aconteceu na vereação do dia 21 de agosto do mesmo ano. O novo juiz, natural de Goianinha, Rio Grande do Norte, era filho do português Bento José Fernandes Barros e de Ana Rita Ferreira Barros e contraiu núpcias em Sobral, a 29 de junho de 1840, com Luiza Amélia de Albuquerque, filha do Capitão José Gomes de Albuquerque e de Rosa Maria de Albuquerque. Deste último matrimônio nasceu o Dr. José Julio de Albuquerque Barros, Barão de Sobral, que governou o Ceará e o Rio Grande do Sul. Para provar que realmente o professor Gregório Francisco tinha razão basta dizer que o aviso de 14 de novembro de 1838 expedido pelo Governo Central declarou nula a nomeação do Dr. Fernandes Barros. A justiça foi restabelecida e o professor foi reimpossado no cargo, a 9 de janeiro de 1840, por ordem do Presidente da Província, João Antônio de Miranda.

Os camaristas sobralenses souberam reconhecer os méritos do professor Gregório Francisco, injustiçado pelo Presidente Alencar, como ficou patenteado pela solidariedade que sempre lhe foi dada. A 22 de agosto de 1836, por exemplo, em sessão extraordinária, a Câmara, por unanimidade, defere requerimento do mestre "no qual pedia se lhe atestasse se é verdade que em tudo cumpriu com o rigoroso trabalho de seu magistério; se é verdade que sempre deixou a aula substituída por pessoa apta para o competente trabalho todas as vezes que saiu a seu negócio para fora ou dentro desta comarca; se é

verdade que de sua aula saírem alunos adiantados; se é verdade ser pessoa proba, mansa, pacífica e de conduta regular tanto moral, civil como religiosa, e os vereadores foram unânimes em que se lhe atestasse o que pedia".

Entre os seus "alunos adiantados" destacava-se o jovem Tomás Pompeu de Sousa Brasil, seu sobrinho, que chegara a Sobral a 23 de fevereiro de 1834, com 16 anos de idade, tendo estudado durante mais de dois anos com o seu tio professor.

Tomás Pompeu viajou depois para Olinda onde se fez sacerdote e advogado. Retornando ao Ceará, militou na política tornando-se nacionalmente famoso no tempo em que exercia mandato no Senado do Império. Senador Pompeu, quando estudava em Sobral, a 20 de julho de 1836, solicitou da Câmara atestado de pobreza e de boa conduta, no que foi atendido. Seu tio, o admirável professor Gregório Francisco, a quem Sobral muito deve, faleceu a 13 de abril de 1868 e foi sepultado na Matriz sobralense deixando viúva sua mulher Antônia Gregorina que, por sua vez, expirou a 12 de janeiro de 1887, com 92 anos de idade.

O PAI DO GENERAL TIBÚRCIO

Além da escola pública dirigida pelo professor na vila de Sobral, havia uma outra sediada na Barra do Acaraú sob a direção do mestre Francisco Ferreira de Sousa, filho de Francisco Ferreira de Sousa e Rosa Maria do Carmo. Prestou juramento perante à Câmara de Sobral a 15 de março de 1831. Posteriormente foi transferido para a escola pública de Viçosa. Casou-se, na Fazenda Salgado, a 23 de novembro de 1833, com Margarida Ferreira do Nascimento, viúva de Alexandre José da Silveira e

filha de Manuel José do Nascimento e Cosma Maria do Livramento. Do matrimônio do professor Francisco Ferreira de Sousa com Margarida Ferreira do Nascimento nasceu, a 11 de agosto de 1837, em Viçosa, o General Tibúrcio, glória do exército brasileiro.

SOB O REINO DA PALMATÓRIA

Além destas duas escolas que funcionavam no município de Sobral, um novo estabelecimento de ensino foi aberto na vila pelo professor José Inácio dos Santos, homem severo e rígido, que se tornou conhecido pela disciplina que procurava impor aos seus alunos. Apesar de ser considerada indispensável material didático, a palmatória do professor José Inácio tornou-se célebre pela timidez que provocava aos estudantes de então. Muito cioso de suas obrigações, o professor José Inácio, em janeiro de 1837, solicitou da Câmara atestado sobre a assiduidade com que assistia aos seus alunos, todos os dias úteis, das 7 horas da manhã até as 11,30 hs., e das duas da tarde até às cinco e meia. Era pela ameaça do castigo de sua palmatória que o ríspido professor conseguia colocar na mente de seus alunos as leis da moral cristã, as regras da sintaxe, as contas da taboada e as cinco declinações do Latim. Certa vez, chegou ao extremo da severidade, que a Câmara de vereadores se sentiu obrigada a interferir protestando publicamente, na sessão de 15 de abril de 1831, contra o exagero de "trinta palmatoradas, em um só dia" na mão do aluno Inácio, filho do Cap. Antônio Gomes Parente e Inês Madeira de Vasconcelos. Este jovem estudante casou-se, a 28 de maio de 1838, com Antônia Purcina Linhares, filha do Coronel JoaquimJosé Alves Linhares e Maria da Purificação Vasconcelos e foi tronco de ilustrada família sobra-

lense.

O professor José Inácio dos Santos era natural do Icó e casado com Maria José do Sacramento. Deste casal nasceu Antônio José Pereira Aguiar, também professor, e que foi secretário da Câmara durante várias legislaturas. Professor Pereira Aguiar casou-se, a 28 de maio de 1833, com Rosa Joaquina de Aguiar, filha de Inácio de Castro e Silva e Rosa Maria do Nascimento, e faleceu a 24 de maio de 1841, com 32 anos de idade.

A severidade do professor José Inácio não deixava de ter os seus admiradores, havendo pais que faziam questão de lhe confiar a educação dos filhos por entender que a dura disciplina era propícia à eficiência da aprendizagem. Por este motivo, a escola do sisudo mestre era frequentada por grande número de alunos. No ano de 1833, por exemplo, contava com uma matrícula de 125 alunos, conforme consta da relação que enviou a Câmara e foi lida na sessão de 14 de fevereiro.

A PRIMEIRA COMISSÃO FISCALIZADORA

Os camaristas de Sobral, principalmente depois de terminadas as agitações políticas decorrentes das guerras de consolidação da Independência que agitaram a Província, foram assumindo gradativamente suas responsabilidades em zelar pela boa ordem e pelo bem público, também com relação ao setor da instrução, como bem prova o fato de se ter constituído uma Comissão para inspecionar as escolas então existentes no termo da Vila. Na sessão de 13 de abril de 1832, os vereadores nomeiam o Pe. Francisco Gomes Parente e o Capitão Francisco Xavier de Miranda Henriques para exercerem, respectivamente, as funções de inspetor em Sobral e na

Barra do Acaraú, duas únicas localidades onde havia ensino público. A medida visava ao aprimoramento da educação e a atender ao pedido do Presidente José Mariano de Albuquerque Cavalcante que se esforçou pela melhoria da instrução pública na Província. Todos os professores tinham a obrigação de enviar, semestralmente, relação detalhada de todos os alunos matriculados para controle e aprovação da Câmara. A importância da educação já começava a ser sentida pela população. No dia 9 de outubro de 1833, por exemplo, chega à Câmara um ofício do Juiz de Paz de Meruoca solicitando providências para a criação de uma escola de primeiras letras naquele distrito.

OS MÉRITOS DO PADRE FIALHO

Exatamente por ocasião do despertar desta nova mentalidade foi que surgiu a figura respeitável e veneranda do grande educador sobralense Padre Antônio da Silva Fialho. Na sessão extraordinária da Câmara realizada no dia 17 de agosto de 1836 prestou juramento e assumiu a cadeira de Gramática Latina, nomeado que fora por ato do Presidente da Província, José Martiniano de Alencar, assinado a 9 do mesmo mês e ano. Padre Fialho nasceu em Sobral a 9 de abril de 1800, filho do português Luís da Silva Fialho e Inês Maria de Jesus. Era neto paterno de Antônio da Silva Fialho e de Maria José de Sá, e materno, do Capitão Antônio Alvares de Sá e Isabel de Barros. Foi mestre da juventude sobralense durante mais de quarenta anos. Gostava de trocar os sobrenomes de seus alunos por outros estrangeiros, nascendo daí os apelidos de Montalverne, Donizetti, Verginaud, Cialdini, e outros, que passaram a ser adotados por novas famílias sobralenses.

Por motivo por nós ignorado, o Presidente Manuel Felizardo de Sousa e Melo, nos dias finais de seu governo, baixou portaria transferindo o Padre Fialho para a escola pública do Icó, a 8 de fevereiro de 1839. Esta determinação desgostou profundamente o mestre que não aceitou a transferência, sendo apoiado pelos políticos e homens de bem de Sobral que tudo fizeram para que ele permanecesse na vila. Para regozijo de todos, a população tomou conhecimento de que o Major Facundo, então no exercício interino da presidência da Província, o reintegrava na cadeira de Sobral por força da Portaria assinada a 17 de outubro de 1840.

Cumpridor consciente de seus deveres, Padre Fialho não tinha nem mesmo tempo suficiente para cuidar de sua saúde. Certa vez, embora contra sua vontade, se viu obrigado a solicitar licença de dois meses, por ordem médica. O Dr. João Francisco Lima, médico natural do Maranhão e radicado em Sobral, passou-lhe o seguinte atestado: "João Francisco Lima, Doutor formado em Medicina pela Universidade de Sale dos Estados Unidos da América, membro efetivo da Sociedade de Sciencias e Artes de Connecticut, do Instituto de História Natural de Sale, Et cetera, et cetera. Certifico que o senhor Padre Antônio Fialho da Silva padece de um Simons expers, acompanhada de Parosmia e Paracusia e outros desarranjos do sistema nervoso, assim como de uma Procteca Marisca com obstinada Constipação de Ventre, em consequência do hábito sedentário a que seu emprego o tem obrigado. Estes numerosos achaques teem ultimamente por maneiras afetado sua saúde geral que sem a diligente assistência do Facultativo teria talvez terminada sua existência. O que acima digo, atesto ser verdade. Sobral, quatro de março de mil oitocentos e quarenta e três. João Francisco Lima". Este médico que prestou grandes serviços à comunidade sobralense, casou-se, a 17 de abril de 1842, com Irene Ermelina da Glória, viúva do Coronel Vicente Alves da Fonseca, sogro do conhecido Senador Paula. Nos últimos anos de sua vida, sofria das faculdades mentais.

Padre Fialho, apesar da precariedade de sua saúde, faleceu setuagenário a 24 de julho de 1872, sendo sepultado na Capela de Santo Antônio por ele construída, situada na rua que hoje traz o seu nome. Ainda é lembrado pelo povo sobralense, graças aos méritos de exímio educador e profundo humanista.

SISTEMA DE LANCASTER

Desde o começo do século, na Inglaterra e nos Estados Unidos principalmente, estava em moda o Sistema Lancaster que consistia em utilizar monitores nas escolas. Os próprios alunos mais adiantados transmitiam aos seus colegas os ensinamentos recebidos do mestre. Este sistema, conhecido também como "ensino mútuo", foi tornado obrigatório no Ceará por força do Regulamento nº. 8 de 14 de junho de 1837 assinado pelo Presidente Alencar. Em Sobral o sistema não obteve o sucesso esperado por absoluta falta de preparação de seus executores.

A 10 de setembro de 1838, por provisão do Presidente Manuel Felizardo de Sousa e Melo é nomeado, interinamente, a professora Maria Caetana da Silva para a cadeira de primeiras letras destinada exclusivamente ao sexo feminino.

O ENSINO QUANDO SE CRIOU A CIDADE

Pela Lei nº. 119 de 12 de janeiro de 1841 assinada pelo Presidente Alencar, a Vila Distinta e Real de Sobral é elevada à categoria de cidade, com o pomposo nome de Fidelíssima Cidade Januária do Acaraú. Sendo o título de cidade, dentro da organização administrativa da época, uma simples denominação honorífica sem qualquer aumento de atribuições e competências jurídicas, o fato em nada influiu no setor da instrução pública da nova cidade.

Um ofício do então vigário interino, Pe. Francisco Antônio de Melo, dirigido a José Joaquim Coelho, Presidente da Província, mostra com alguns detalhes a situação do ensino na recém-criada cidade. Interessam-nos particularmente os seguintes tópicos: "direi que a educação pública, de que depende todo bem e segurança da Religião e do Estado, ocupará as primeiras linhas deste meu ofício. Ela, Exmo. Sr., se acha nesta cidade em grande atrasamento, porque tendo sido a cadeira de instrução primária desta cidade sempre ocupada por sujeitos pouco hábeis, talvez por não haverem mesmo outros mais aptos para o magistério público, não se tem inteiramente satisfeito a expectação pública nesta parte, acontecendo vagar já há dias a cadeira de primeiras letras desta cidade pelo falecimento do ex-professor Antônio José Pereira de Aguiar, assás tem sofrido o público a falta de continuação deste ramo de instrução elementar. Acha-se provida a cadeira de primeiras letras de meninas. O dito professor de Gramática Latina desta cidade acha-se na assiduidade de seu emprego, satisfazendo plenamente as vistas do público. Em relação ao exposto direi mais que a população desta cidade cresce progressivamente, e que seria de grande vantagem que se criasse um Estabelecimento proporcionado ao número e à população dos alunos de instrução primária desta cidade, em que pudessem frequentar, com melhor desenvolvimento e amplitude, visto não haver nesta cidade casas próprias que possam acomodar o número de alunos que atualmente frequentam a aula pública, e algumas que estão ocupadas por seus proprietários, além do fornecimento de utensílios necessários e vestuário que necessitam os filhos de pais pobres que desejam dar educação a seus filhos. Talvez para o futuro se faça necessária a criação das cadeiras de Lógica e Geometria nesta cidade, pois fora das primeiras letras e gramática latina, não existem outras mais".

Apesar do rabuscado da linguagem, o ofício do vigário, datado de 26 de junho de 1841, mostra claramente a verdadeira situação da instrução pública, totalmente insuficiente para atender à grande demanda de matrículas. Foi para minorar a situação expressa nesse relatório que o Presidente José Joaquim Coelho nomeou o professor José Eleutério da Silva, natural de Limoeiro, Pernambuco, ""para a cadeira de primeiras letras da Fidelíssima Cidade Januária do Acaraú", conforme Portaria datada de 31 de agosto do mesmo ano. O mestre José Eleutério foi, posteriormente transferido para Granja onde faleceu a 27 de outubro de 1893. Era casado com Maria Zeferina da Silva. Para a aula feminina foi também nomeada a professora Silvana Teodora da Silva.

O ENSINO DA MÚSICA

No ano de 1844 chega a Sobral, procedente de Canindé, o maestro Galdino José Gondim, Filho do professor Zacarias Vieira da Costa e de Maria Luiza Gondim. A convite do Major Angelo José Ribeiro

Duarte assumiu a direção da primeira Banda de Música da cidade, tendo ensinado a arte musical durante mais de vinte anos, despertando vocações e formando artistas. Graças a ele, o gosto pela música difundiu-se pela *cidade*. A partir desta data, dezenas de pianos foram adquiridos pelas famílias sobralenses que enchiam de música as ruas provincianas da cidade. O maestro Galdino Gondim casou-se, a 8 de junho de 1850 em Sobral, com Maria Clara de Araújo, *filha de José Joaquim de Araújo* e de Francisca Clara de Araújo, tendo deixado uma família de bons musicistas. Faleceu a 8 de novembro de 1915. Seu filho Zacarias Tomás da Costa Gondim escreveu vários trabalhos sobre a evolução da Música no Brasil.

POUCO ANTES DO LICEU

A 19 de dezembro de 1846 foi nomeada a professora Maria Mendes Falkenstein para reger a cadeira de primeiras letras do sexo feminino. Natural de Fortaleza, a nova mestra era filha de José Mendes Pereira e de Inácia Mendes de Castro, sendo casada com o alemão Francisco Carlos Falkenstein, natural de Oldensburg. Maria Mendes foi, posteriormente, transferida para Maranguape.

Para a cadeira masculina de primeiras letras foi nomeado o professor Manuel Gomes de Castro Paiva, por ato do Presidente Casemiro Sarmento datado de 22 de fevereiro de 1848. Exerceu suas funções até 31 de dezembro de 1851 quando foi substituído pelo professor Zacarias Vieira da Costa que, por sua vez, fora removido de Canindé onde lecionava desde de 12 de janeiro de 1831. O professor **Castro Paiva**, jornalista e poeta, publicou varios trabalhos na imprensa sobralense. A 28 de fevereiro de 1852 foi nomeado para lecionar Francês e Inglês no Liceu do Ceará. Criado

pela Lei 304 de 15 de julho de 1844, o Liceu do Ceará veio trazer novos *rumos* ao ensino de toda a Província, tornando-se modelo para as demais escolas cearenses. O artigo 8º da Lei 501, de 24 de dezembro de 1849, determinava que não mais poderia ser criada qualquer escola na Província sem prévia licença do Presidente, *ouvido o Diretor do Liceu*. Este dispositivo se por um lado restringia a iniciativa particular, por outro lado, concorria para o aprimoramento do ensino, já que as permissões só eram dadas a professores devidamente examinados e aprovados *nas matérias que pretendiam lecionar*.

A cidade de Sobral chega à segunda metade do século dezenove com a seguinte situação de matrícula nas escolas públicas: 171 alunos, sendo 36 na cadeira de Latim do Padre Fialho, 92 na cadeira masculina do Professor Castro Paiva e 43 na cadeira feminina da professora Maria Mendes Falkenstein.

SOBRALENSES COMANDAM O ENSINO DA PROVÍNCIA

Merece menção o fato da eleição das Comissões da Assembléia Provincial do Ceará para o biênio 1852-1853, realizada a 2 de setembro de 1852, durante o governo do Presidente Almeida Rego, quando foram escolhidos os três membros componentes da Comissão da Instrução Pública, tendo saído eleitos três Deputados sobralenses, a saber, Pe. Dr. José Antônio Pereira Ibiapina, Dr. Domingos José Pinto Braga Filho e Dr. Antônio Domingues da Silva. Nas mãos destes três sobralenses, durante aquele governo, esteve a sorte da instrução pública do Ceará. Foi por influência deles que se procurou organizar a instrução e estabelecer os vencimentos dos professores segundo a importância das escolas que foram divi-

didas em três categorias. A Lei nº. 612 de 15 de novembro de 1852 estabeleceu esta gradação, sendo que a instrução primária de Sobral para o sexo masculino foi considerada de primeira categoria, e a de sexo feminino, de segunda categoria.

Em alguns documentos referentes ao ano de 1852 encontramos o nome do professor João de Sousa Neves, ensinando primeiras letras em sua residência particular. Era filho de Ricardo de Sousa Neves e de Margarida Ximenes Aragão. Casou-se, a 30 de novembro de 1850, com Ana Antônia de Sousa, filha de Rufino Furtado de Mendonça e de sua primeira mulher Maria Quitéria de Jesus.

O PROFESSOR ARRUDA

Nesta altura de nosso estudo, merece destaque especial a figura admirável do professor Vicente Ferreira de Arruda, maior vulto de educador de Sobral do século XIX. Nascido a 4 de abril de 1834, iniciou suas atividades de magistério aos 20 anos de idade, instalando sua escola particular no início do ano de 1854. Era filho de Amaro José de Arruda e de Rita Umbelina do Nascimento. Durante mais de meio século lecionou humanidades e a ele a cidade deve a formação de muitos de seus filhos ilustres. Casou-se, a 24 de maio de 1854, com Guilhermina Gomes Coelho, filha do Capitão Antônio Gomes Coelho e de Rita Gomes Coelho. Foi nomeado em 1874 para substituir o Padre Fialho na direção da cadeira pública de Gramática Latina, o que fez sem desmerecer a fama e a competência de seu antecessor e antigo mestre. Seu nome é hoje merecidamente lembrado na denominação de uma Escola de 1º. Grau e de uma praça no centro da cidade. Com sua morte ocorrida a 13 de janeiro de 1898 ficou extinta a escola pública de Latim. Suas filhas, Rita Maria e Aurélia, verdadeiras herdeiras da profissão paterna, exerceram o magistério por muitos anos.

Nesse mesmo ano de 1854, quando o Professor Arruda começava sua carreira no magistério, a professora Maria Teresa Pedreira Lins prestou juramento perante a Câmara para assumir o cargo de regente da cadeira de primeiras letras para meninas. Dona Maria Teresa era casada com o pernambucano Luis Figueira de Albuquerque Lins, conhecido pela alcunha de Pacheco, alfaiate de renome, de cujo consórcio nasceu um filho único, Jesuino de Albuquerque Lins, tronco de ilustre descendência.

UM PROTESTO DA CÂMARA

Por Provisão de 23 de março de 1855 o Presidente da Província, Pe. Dr. Vicente Pires Mota, nomeia o professor José Bezerra de Menezes Junior para reger interinamente a cadeira de instrução primária do sexo masculino. Esta nomeação não foi bem acolhida pela Câmara Municipal. Pouco mais de dois anos depois, exatamente a 2 de junho de 1857, os vereadores enviam ofício ao Presidente Joaquim Mendes da Cruz Guimarães solicitando revogação da nomeação feita pelo ex-presidente Pires da Mota, exigindo "providências terminantes em prol da instrução primária do sexo masculino nesta cidade, porque o atual professor interino que a rege menospreza as suas obrigações, tanto quanto é indiferente ao clamor público em geral, e em particular aos consternados pais de família. Além do que, já uma só aula não pode abranger o avultado número de jovens devidos aos primeiros rudimentos". Não satisfeitos com este ofício, os camaristas enviam outro, no dia seguinte, ao Diretor da Instrução Pública da Província,

Dr. Pedro Ferreira da Silva Guimarães, vazado nos seguinte termos: "Mais de 2 anos há decorrido que a escola pública desta cidade é exercida pelo professor interino José Bezerra de Menezes Filho. Mais de dois anos portanto se tem passado que este ramo do serviço público sofre sob a direção de tão fatal internidade. Prescindindo da incapacidade e reconhecida inhabilitação deste professor para o magistério público, a escola constantemente tem estado ao abandono, empregando-se ele em serviços inteiramente estranhos às suas obrigações ,de sorte que entre os pais de família se há levantado um justo clamor contra a culpável negligência de um empregado desleixado que nada sabe das matérias de ensino e que portanto é incapaz de dirigir a educação da mocidade, tanto que seus próprios parentes não se atrevem a confiar seus filhos ao ensino da escola pública, tendo-os em escola particular, porque reconhecem que nenhum aproveitamento podem ter seus filhos, naquela. A este estado deplorável da instrução pública desta cidade, não deve por certo ser indiferente esta Câmara, a qual desejando que ela seja confiada a um professor que reuna à morigeração a habilitação para o ensino, se dirige nesta ocasião a V. Sia. como primeiro interessado pelo melhoramento da instrução pública da província, para que se digne tomar na devida consideração a presente representação, ficando V. Sia. certo de que na escolha de semelhante professor, longe de ser um bem para esta cidade, será a maior das calamidades. Importa o mesmo que não termos escola pública, e os costumes da mocidade continuados pelo contágio de semelhante professor correrão risco. Deus guarde V. Sia.. José Camilo Linhares, Presidente.

Tendo em vista a grande procura das escolas particulares, o vigário Pe. Dr. Francisco Jorge de

Sousa tenta abrir uma escola paroquial, tendo neste sentido dirigido ofício à Câmara, lido na vereação de 8 de abril, de 1854, solicitando o empréstimo de quatro bancos do Conselho para acomodar os alunos. O presidente da Câmara determina que se responda pela negativa, "por não poder dar destino aos bens do Conselho além do que marca o seu Regimento".

A 15 de maio de 1855, o sobralense Pe. Dr. Justino Domingues da Silva é nomeado inspetor das escolas públicas de Sobral, cargo que procurou exercer com muito desvelo e dedicação.

PRIMEIRA ESCOLA NOTURNA

Do ano de 1857, temos a registrar duas leis assinadas pelo Presidente da Província, Dr. João Silveira de Sousa. Uma, datada de 11 de agosto, criando a primeira escola noturna da cidade a ser dirigida pelo professor Emiliano Frederico de Andrade Pessoa, emérito educador. A segunda, datada de 25 do mesmo mês e ano, instalando nova escola de primeiras letras a ser dirigida interinamente pelo professor José Raimundo Pessoa.

Por esse tempo foi aberta nova escola particular, graças à iniciativa do português Joaquim Frederico da Costa Rubim. Este mestre, em ofício que dirigiu à Câmara no dia 11 de janeiro de 1860, solicita atestado no qual se faça constar "seguir o suplicante à risca os preceitos do método de Castilho, do qual é professor, e se tem desempenhado cabalmente a árdua tarefa do magistério". Foi professor de Domingos Olímpio.

Destacado conhecedor do método de alfabetização de Castilho, mixto de soletração com solfejo, cuja toada macia e monótona permaneceu durante decênios no ouvido da população, o professor Costa

Rubim faleceu na guerra do Paraguai combatendo como bravo soldado. É digno de nota que o método de Castilho, conhecido como "Leitura Repentina para em poucas lições se ensinar a ler como recreação de mestres e discípulos", foi divulgado no Rio de Janeiro pelo próprio A. F. de Castilho em março de 1855 e, dois anos após, já era adotado em Sobral.

Como as escolas particulares começavam a granjear fama entre a população, os professores das escolas públicas sentiram-se na obrigação de ter que melhorar seus métodos de ensino e de facilitar o ingresso de novos alunos para aumentar a matrícula. Neste sentido, o vereador Professor Arruda, em ofício dirigido à Câmara, no dia 12 de outubro de 1860, solicita "que esta se dirija ao Presidente da Província para que tome providências no sentido de localizar as duas aulas de instrução primária, respectivamente na Praça da Matriz e na do Rosário, uma vez que atualmente está uma muito próximo da outra, dificultando a locomoção dos alunos". O apelo foi atendido prontamente.

A CASA DE CARIDADE

No dia 28 de novembro de 1862 é inaugurada solenemente a "Casa de Caridade", por iniciativa do ilustre sobralense, Pe. Dr. José Antônio Pereira Ibiapina que se encontrava em sua terra natal pregando missões. A obra do genial missionário tinha por objetivo educar moças órfãs que deveriam aprender a costurar, cozer, cerzir, bordar cuidar de doentes e louvar a Deus pela oração. Invenção, original na época, de atingir a educação integral pelo aperfeiçoamento simultâneo da inteligência, das mãos e do coração. A primeira superiora desta Casa de Caridade foi a Irmã Ana de Jesus Ribeiro que se desdobrou em

esforços para receber as primeiras alunas. Esta instituição educacional, localizada na Rua Santo Antônio, funcionou ininterruptamente até o ano de 1896. As dificuldades financeiras por que atravessou foram, pouco a pouco, amortecendo o ânimo de seus dirigentes. No provimento da Visita Pastoral realizada em Sobral por Dom Joaquim José Vieira, datado de 15 de junho de 1885, assim se refere ao estabelecimento: "Existe nesta cidade uma Casa de Caridade fundada pelo imortal apóstolo Padre Ibiapina. Esta casa, porém, está reduzida a uma religiosa que tem a seu cargo a educação de nove órfãos. Seria para desejar que pessoas esclarecidas tomassem a peito a instrução e educação desses e outros órfãos que procurassem abrigo na referida casa. Entretanto reconhecemos que a falta de recursos não permite atualmente ampliar o estabelecimento e montá-lo com um pessoal numeroso nas condições de prestar e receber benefícios" Apesar de todas as dificuldades, a Casa do Padre Ibiapina resistiu heroicamente tendo, durante 38 anos, prestado incalculáveis benefícios à educação.

O ENSINO SERIADO

O programa da instrução pública do ensino primário era bastante precário e rudimentar sem qualquer seriação, e consistia em educação moral e religiosa, leitura e escrita, noções essenciais de gramática nacional, princípios de aritmética com prática das quatro operações com números inteiros e quebrados, decimais e complexos, bem como sistema legal de pesos e medidas da Província e do Império. E era só. No ensino para o sexo feminino havia ainda trabalho de agulha e de prendas domésticas. Além disso, não havia qualquer organização do sistema escolar provincial. A primeira tentativa de instituir um sistema

de ensino para a Província foi realizada pelo Presidente Lafayette Rodrigues Pereira que, assinou a Resolução nº. 1.138 de 5 de dezembro de 1864, dividindo a instrução pública em distritos literários fiscalizados por um inspetor. Sobral se tornou sede de um destes distritos.

Em junho de 1866, chega a Sobral um jovem idealista com a intenção de abrir uma escola particular com um ensino moderno e atualizado. Chamava-se Manuel Teófilo da Costa Mendes e procedia de Fortaleza. Na Capital, com a ajuda de seu irmão João de Araújo da Costa Mendes, havia fundado o Ateneu Cearense a 8 de janeiro de 1863. Desejava estender sua experiência ao interior da Província. Seu ideal era criar um colégio modelar na cidade de Sobral, prolongamento de seu Ateneu existente em Fortaleza. Envidou todos os esforços para que a comunidade sobralense apoiasse sua iniciativa e acreditasse em sua realização. E assim, no dia 2 de agosto de 1863, com grande solenidade, é inaugurado o "Colégio Nossa Senhora da Conceição", sob o aplauso e o carinho da população. Foi o primeiro estabelecimento de ensino da cidade a funcionar em regime de seriado. Infelizmente sua duração foi efêmera. Funcionou apenas dois anos, e já em janeiro de 1869, o professor Costa Mendes retornava a Fortaleza por não se ter adaptado ao clima do sertão. A cidade lamentou profundamente o fechamento de seu colégio, mas conservou a gratidão ao mestre idealista e pioneiro

Também efêmera foi a escola particular, especializada em educação feminina, fundada pelas três irmãs Emiliana Semíramis, Angélica Olindina e Maria Carolina Moura Ribeiro. Inaugurada em julho de 1866, fechou suas portas em dezembro do ano seguinte.

RELATÓRIO DE GURGULINO DE SOUSA

A situação do ensino público em Sobral, nesta época, pode ser detalhadamente descrita graças às informações contidas no Relatório que o Diretor Geral da Instrução Pública, Cristóvão Gurgulino de Sousa, apresentou ao Presidente da Província, Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque, a 30 de setembro de 1868. Havia na cidade sete escolas, a saber:

1) — Aula de Latim do Padre Fialho, com 20 alunos;
2) — Escola de Primeiras Letras, masculina, do professor Montezuma Peixoto Leão, com 102 alunos;
3) — Escola de Primeiras Letras, feminina, da profesora Maria Teresa Pedreira Lins, com 95 alunos;
4) — Escola de Primeiras Letras, masculina, do professor Emiliano Frederico de Andrade Pessoa, com 80 alunos;
5) — Escola de Primeiras Letras, feminina da professora Ana Joaquina de Andrade Parente, com 69 alunas;
6) — Escola Particular de ensino primário, do professor Vicente Ferreira de Arruda, com 110 alunos;
7) — Escola Nossa Senhora da Conceição, do professor Manuel Teófilo da Costa Mendes, com 90 alunos.

A matrícula total era de 568 alunos, a mais numerosa de todo o interior da Província. De todas estas escolas uma das mais frequentadas era a do professor Montezuma Peixoto Leão que, pelos dotes pedagógicos que possuia, tinha a preferência dos

pais de família mais abastados. Ensinou ele em Sobral de 1867 a 1871, ano em que teve que se retirar para Fortaleza, desgostoso por ter sido injustamente acusado de um crime de defloramento de uma menor, escrava de Antônio Quixadá. Inocente, como provou na imprensa de Fortaleza, e atingido em sua honra, não mais se sentiu em condições de retornar a Sobral, transferindo-se para a escola pública de Baturité.

Nesse ano de 1868 era Inspetor do Distrito Literário de Sobral o Dr. José Gomes da Frota que Substituia o Dr. Tomás Antônio de Paula Pessoa. Não sendo remunerada, a função de inspetor era negligentemente exercida, limitando-se os inspetores a passar atestados de frequência dos professores quando estes requeriam pagamento de seus ordenados.

O Dr. Francisco de Paula Pessoa Filho, ilustre médico sobralense, publicou no jornal "Cearense", edições de 5, 7, 11 e 16 de julho de 1871, um profundo estudo de sua autoria sobre "O ensino secundário e sua reforma na Província". As idéias aí defendidas foram objeto de discussões e tiveram grande repercussão na esfera governamental.

O COLÉGIO DOS JESUÍTAS

A 31 de agosto de 1871, chegou em Sobral o Bispo do Ceará, Dom Luis Antônio dos Santos, em visita pastoral. Impressionou-se com o desenvolvimento da cidade e com o grande número de jovens e crianças sem ter mais condições de prosseguir seus estudos. Sentiu a urgente necessidade da criação de um grande colégio e pensou em entregar a direção aos padres jesuitas. Com esta intenção, escreveu ao Padre Francisco Egano, superior da Companhia de Jesus em Pernambuco, o qual mandou a Sobral

o Padre João Berti com o fim de ver de perto as condições locais e as possibilidades da construção do colégio. Padre João Berti chegou a Sobral no dia 15 de abril de 1872. Durante todo o mês de maio fez pregação diária na Matriz, mostrando profunda erudição. Infelizmente, o estilo agressivo e moral zante de seus sermões irritou os poderosos da terra. Profligou as idéias modernistas condenadas pelo Syllabus de Pio IX e condenou veementemente o indiferentismo religioso e os maus costumes. Procurou entrar em contato com as autoridades locais para conseguir terreno e recursos para a construção do colégio com capacidade para receber de 800 a 1.000 alunos. A grandiosidade do empreendimento, muito acima das condições e possibilidades do meio, levou ao descrédito da população. O juiz municipal, Dr. João Adolfo Ribeiro da Silva, irritado pelo pregação polêmica do Padre Berti e pelo exagero de seu plano em construir o colégio, escreveu um panfleto virulento com o seguinte título: "O Jesuitismo em Sobral. Cartas de Orígenes e Abeillard". Era uma violenta sátira contra as idéias do pregador. Foi o bastante para que o projeto não mais se concretizasse, perdendo a região uma grande oportunidade para acelerar o desenvolvimento de sua educação. Quatro anos após, Dom Luis inaugurava o Seminário do Crato sob a direção dos padres lazaristas. O colégio de Sobral, porém, fracassou.

O PRIMEIRO GINÁSIO SOBRALENSE

Nem por isso o ânimo empreendedor do sobralense se abateu. O ensino de Segundas Letras era uma necessidade para a população e urgia criá-lo. **A glória desta realização coube aos professores José Joaquim Praxedes e Francisco Pedro Sampaio que**

em março de 1876, inauguraram o "Ginásio Sobralense", primeiro estabelecimento de ensino secundário que a cidade possuiu. Os primeiros exames de admissão foram realizados no dia 19 de junho do mesmo ano e entre os candidatos que se inscreveram se encontrava o menino Raimundo de Farias Brito que viera de São Benedito em busca de melhor instrução. O grande filósofo brasileiro prestou brilhante exame de latim e francês, sendo matriculado no mesmo dia. Residia ele, já alguns meses, em casa de sua tia Laureana Bravo que mantinha, na Rua do Apolo, pequena escola particular de alfabetização.

Em ofício datado de 1º. de junho de 1872 a Câmara solicita do Presidente da Província, João Wilkens de Matos, que autorize a transferência da escola do professor Emiliano Frederico de Andrade Pessoa para um prédio mais amplo, uma vez que está funcionando em uma pequena casa onde reside o professor com sua família e "os alunos ficam acumulados em um corredor, sem comodidade e com o perigo de contrair a epidemia de febres que grassa na cidade". Realmente os prédios escolares deixavam muito a desejar no que se refere à higiene, salubridade e segurança. Sentindo a gravidade do problema, a Câmara, na vereação de 16 de setembro de 1872, resolveu nomear uma comissão composta do Ten.-Cel. Jerônimo José Figueira de Melo, Major João Mendes da Rocha e Ten. Antônio Ferreira da Rocha, com o fim de adquirir donativos para a construção de uma escola pública.

ATUAÇÃO DO BARÃO DE SOBRAL

Nesse mesmo ano de 1872 veio residir em sua terra natal o Dr. José Júlio de Albuquerque Barros Formado pela Faculdade de Direito do Recife em

1861, tendo defendido tese em São Paulo, chegou a Sobral já com uma vasta experiência no campo da política e da educação. Diretor da Instrução Pública no governo Lafayette e do Liceu do Ceará para cujo cargo fora nomeado a 14 de dezembro de 1867, Dr. José Júlio terminara o mandato de Deputado Provincial, eleito representante do Partido Liberal para a 13ª. legislatura (1867-1870), destacando-se já no mundo social e político da Província. Sua presença em Sobral foi benéfica pelo incentivo que sempre procurou dar às letras e à educação. Por sua iniciativa, a 18 de fevereiro de 1877, foi criado o "Gabinete de Leitura de Sobral" que, apesar de pequena duração, deixou influência marcante na formação intelectual da gente sobralense. Funcionava no andar térreo da Câmara e possuia uma boa biblioteca, tendo recebido livros diretamente da França e da Inglaterra, além de periódicos trazendo as últimas novidades culturais da Europa. Com isto, nasceram vocações literárias, como foi o caso de Domingos Olímpio, e o gosto pela arte dramática que se concretizou na construção do imponente Teatro São João, continuacão natural do pequeno Teatro Apolo e do Club Melpômene onde se exibiam frequentemente dramas e comédias. Nessa época, Sobral se tornou um núcleo de alto nível cultural.

Infelizmente, o Dr. José Júlio teve que se despedir do torrão natal, chamado pelo Imperador para governar a Província do Ceará que, devido à prolongada seca, passava por séries dificuldades. O ilustre sobralense governou a Província de 8 de março de 1872 a 2 de julho de 1880. Durante seu governo, pela Lei 1.790 de 28 de dezembro de 1878, determinou importante reforma na instrução pública, criando os Conselhos Escolares e organizando as cadeiras primárias em fixas e ambulantes. A ele também o

Ceará deve a fundação da Escola Normal. Faleceu no Rio de Janeiro a 31 de agosto de 1893, tendo governado também o Rio Grande do Sul. O Gabinete de Leitura, fechado no tempo da grande seca, só foi reaberto a 25 de abril de 1886 por iniciativa do Dr. Petronilho de Santa Cruz Oliveira, magistrado alagoano em serviço na cidade, quando o Capitão Antônio Montalverne pronunciou brilhante discurso em nome da Câmara Sobralense. O Gabinete mantinha também uma escola primária.

IRONIA DA CÂMARA

Na vereação de 23 de novembro de 1872, o bacharel João Felipe da Cunha Bandeira de Melo prestou juramento para assumir o cargo de Inspetor Literário de Sobral. Uma semana depois, a Câmara envia violenta representação ao Presidente da Província atentando contra permuta do professor José Prisco Rodrigues Lima, de Santo Antônio do Aracatiaçu para Sobral, que devia substituir o professor Francisco Alves Linhares que, por sua vez, iria de Sobral para Aracatiaçu. Os camaristas afirmavam que o Professor José Prisco não tinha "conhecimentos necessários para reger uma escola em Sobral" e diziam ironicamente: "Nossa Senhora da Conceição não pode acolher com alegria a quem Santo Antônio repele com prazer". Apesar da reação da Câmara, o professor José Prisco Permaneceu no cargo. Tanto foi assim que, a 15 de abril de 1879, solicitou permissão para transferir sua escola para o Largo do Rosário, uma vez que duas escolas públicas situadas na Praça da Matriz dificultava a locomoção dos alunos. Na petição alegava que a tal permissão já tinha sido deferida ao seu antecessor José Madeira de Matos Neto que não a tinha cumprido.

O zelo da Câmara não chegava a ser irrepreensível, pois nem sempre atendia às necessidades materiais das escolas públicas. No início do ano de 1874, por exemplo, foi preciso um veemente protesto do Inspetor Literário para que os camaristas providenciassem a entrega do material solicitado pela professora Ana Joaquina de Arruda Parente que eram "duas resmas de almaço fino transparente que se preste a colorir traslado, duas caixas de penas para cursivo e bastardo, quatro garrafas de tinta preta e uma dúzia de caneta de ferro". Os livros didáticos que a Câmara deveria fornecer eram os de 1ª. e 2ª. leitura, catecismos do Bispo do Ceará, Camões ou Lusíadas (Sic), Livros do Povo e Gramática Portuguesa de Salvador Henriques. Para a aula pública de Aracatiaçu o professor Josias Ferreira de Menezes em ofício datado de 28 de maio de 1874, solicitava "um quadro do Senhor Crucificado, um relógio, uma mesa para professor, seis cadeiras de palhinha para o professor, autoridades e pessoas que vierem visitar a escola, quatro bancos inclinados e uma tábua invernizada de preto com esponja e giz".

A 15 de dezembro de 1874, foram realizados exames de admissão para a escola particular da professora Rufina Teresa de Jesus, solenidade esta assistida pelo Pe. Dr. Jerônimo Tomé da Silva e pelo Dr. João Francisco do Monte.

Na Vereação de 11 de março de 1876 o Dr. Domingos Olímpio presta juramento para assumir o cargo de Inspetor Literário em substituição ao Dr. João Felipe da Cunha Bandeira de Melo.

PRIMEIRO PRÉDIO ESCOLAR

O jornal "O Sobralense", em sua edição de 19 de agosto de 1877, noticia que a Câmara Municipal no-

meou uma Comissão composta dos senhores Major Miguel Francisco do Monte, João José da Veiga Braga e Domingos Bessa Guimarães para se encarregar da contrução de um prédio, com dinheiro doado pelo médico sobralense Dr. Francisco de Paula Pessoa Filho, para nele funcionar uma escola pública. A doação montava a 500 mil réis e fora feita a 16 de abril de 1872 e somente então seria aplicada. Esta escola devia ser construída em uma das praças desta cidade "nela empregando-se de preferência os artistas e operários mais necessitados durante a seca atual, ficando a Comissão encarregada da escolha do local e de fazer levantar a planta, sendo lembrada a Praça Imperial em um dos seus lados do poente ou do norte" A Praça Imperial é a atual Duque de Caxias. O mesmo jornal, na edição de 2 de setembro do mesmo ano, publicou o seguinte comentário sobre o assunto: "Quando soubemos que a Câmara resolvera a construção da escola, não podemos conter um gritozinho de satisfação. Estão cerca de vinte pobrezinhos ganhando o pão pelo trabalho. Mas, a escola vai criar uma dificuldade: nenhum dos professores públicos quer a subida honra de exercer as funcões no futuro edifício. Dizem uns que deve ser designado para a escola o Sr. Emiliano que mora mais perto. Este alega que a honra pertence de direito ao professor da primeira cadeira e que Deus o livre de usurpar alheios direitos. O professor da primeira cadeira, dizem outros, não tem boa figura para um edifício feito a capricho, pois é muito feio. O Sr Praxedes, por sua vez, declara que está excelentemente colocado e que escolheu sua residência a pedido de muitas famílias que, naturalmente, protestarão contra sua retirada. De modo que será talvez preciso decidir o negócio por sorte. Estes professores são comodistas. E barrigudos, acrescenta o Major Custódio". O jornal refe-

rese ao português Custódio José Correia da Silva que faleceu em Sobral a 8 de janeiro de 1879, com 84 anos de idade. Na vereação de 15 de abril de 1878, a Comissão entregou a chave do prédio ao Presidente da Câmara.

AS AULAS DO PADRE RAMOS

Em janeiro de 1878, o Pe. João Francisco Ramos, coadjutor da Matriz de Sobral, sacerdote natural de Aracati e ordenado a 21 de setembro de 1870, homem devotado às letras, poeta e bom jornalista, abre uma escola particular de Latim e Francês em sua própria residência na Rua Padre Fialho. O aluno matriculado para estudar línguas, não necessitava pagar acréscimo para ter direito a frequentar as aulas de geografia, anunciava uma propaganda publicada em primeira página da imprensa local. Padre Ramos deixou suas produções literárias esparsas em vários jornais de Sobral, Fortaleza, São Luís do Maranhão e Rio de Janeiro. De Sobral foi transferido para Coreaú, onde foi vigário, e para Caxias do Maranhão, onde faleceu no ano de 1885. Ficaram conhecidas as palestras que Padre Ramos pronunciava frequentemente no Teatro Apolo sobre assuntos da atualidade e em que demonstrava rara erudição.

Por Portaria de 7 de agosto de 1879, a professora Maria Carolina da Silva Brandão foi nomeada para reger a segunda cadeira de primeiras letras do sexo feminino, cargo que assumiu a 9 de setembro do mesm ano. Para a cadeira do sexo masculino foi nomeado, em maio do mesmo ano, o professor Joaquim de Andrade Pessoa em substituição ao professor Frederico Emiliano que se aposentara no início de janeiro.

DIFICULDADES FINANCEIRAS

A 12 de abril de 1881, o Presidente da Câmara, Com. João Tomé da Silva, envia relatório à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, no qual sucintamente descreve a situação do ensino em Sobral. Diz textualmente referido documento: "Para a instrução primária há seis escolas públicas do sexo masculino e três do sexo feminino, bem como três particulares, sendo uma do sexo masculino e duas do sexo feminina. Existe também uma aula de Latim". Eram, ao todo, treze escolas. Destas, algumas eram dirigidas por bons mestres, como era o caso do professor Macambira que, posteriormente, foi transferido para lecionar em Meruoca.

As escolas particulares sofriam de sérias dificuldades financeiras e a população foi alertada para o problema pela imprensa local. "A Gazeta de Sobral", por exemplo, em sua edição de 24 de novembro de 1881, publicou vibrante editorial de primeira página incentivando a criação de "Caixas Econômicas Escolares" em cada estabelecimento de ensino da cidade a fim de dar condições de melhoria do sistema de ensino local e "criar nos alunos o hábito da economia que semeia em seus espíritos o germe de uma virtude, cujos efeitos são talvez incalculáveis". "Convencidos das vantagens que as Caixas Econômicas Escolares tendem a proporcionar àqueles no meio dos quais elas tornam-se estáveis, não podemos deixar de solicitar em favor de sua fundação, prosseguia o editorialista, a generosa e patriótica intervenção dos cavalheiros aos quais incumbe a direção das escolas desta cidade ". Realmente, nessa época, a taxa de inflação era muito elevada e o custo do ensino subia. O professor Frederico Emiliano que, aposentado do ensino público, continuou a lecionar em sua es-

cola particular, publicou no mesmo jornal um aviso em que dizia que "de janeiro em diante, o preço de suas lições, tanto de primeiras letras como de cada um dos preparatórios que ensina, será de quatro mil réis mensais". "A Gazeta de Sobral" fez campanha para despertar o problema da situação financeira do professorado local, e para tentar uma solução urgente. Na edição de 15 de dezembro do mesmo ano, publicou a seguinte advertência: "Ao Exmº. Sr. Vice-Presidente da Província. Há já nove longos meses que o professor público desta cidade, Joaquim de Andrade Pessoa, não recebe os seus ordenados. Quererão matá-lo de fome?" Como se vê, o problema da má remuneração do professorado não é de hoje. É na verdade um mal crônico, ainda não resolvido.

A 6 de outubro de 1884 chega a Sobral a professora Maria Olímpia Feijó de Araújo, nomeada para reger a cadeira do sexo feminino, abrindo sua aula na Rua Senador Paula. A 3 de dezembro do mesmo ano é encerrado o ano letivo nas escolas públicas tendo falado na ocasião os professores José Joaquim d'Oliveira Praxedes e Maria Carolina da Silva Brandão. O ato foi presidido pelo Dr. Antônio Ibiapina, Inspetor Escolar, ladeado dos professores Manuel de Castro Paiva e Filomeno Ribeiro Leitão.

Em prédio cedido pelo sobralense Tobias Laureano Figueira de Melo, Comendador do Império residente no Rio, foi inaugurada uma moderna escola particular a 8 de fevereiro de 1885. O Pe. Filomeno Gomes Coelho, coadjutor da Matriz, benzeu as novas instalações, tendo na ocasião usado da palavra o Tenente-Coronel Francisco Antônio de Xerez o acadêmico José de Xerez e o Inspetor Literário Dr. Antônio Ibiapina.

O jornal "A Ordem", edição de 20 de novembro de 1887, anunciava com grande destaque a próxima

inauguração do Colégio N. Sra. da Conceição, iniciativa do professor João Carvalho de Almeida, com mensalidade de dois mil réis, aceitando alunos pensionistas e meio-pensionistas com preço a combinar, bem como internato semi-internato e externato. A iniciativa não teve, infelizmente, muito êxito e o Colégio funcionou durante muito pouco tempo.

Nesse ano de 1885 foi realizado um recenseamento escolar na cidade, tendo sido registrados 3.725 analfabetos para uma população de 5.605 habitantes. Referido recenseamento, conforme notícia publicada no jornal "A Ordem" de 13 de novembro, foi feito pela Delegacia de Polícia local.

PROFESSOR ESTRANGEIRO

No mês de setembro de 1888, o professor José Joaquim d'Oliveira Praxedes foi nomeado escriturário da Estrada de Ferro, lotado em Camocim, tendo deixado o magistério nesta cidade. Foi substituído pelo professor João Joaquim Mendes da Rocha. Este professor foi demitido a 24 de outubro, tendo assumido interinamente, em seu lugar, o jovem José Alcides Gomes que regeu a cadeira até a nomeação do professor Josias Ferreira de Meneses que, transferido para Meruoca, assumiu a 1o. de julho de 1889 e exerceu o magistério com muita proficiência durante muitos anos. A 2 de maio desse mesmo ano, o Inspetor Escolar, Dr. Vicente Cesário Ferreira Gomes, nomeia o cidadão Antônio Furtunato Mouta, português de nascimento, para reger a terceira escola pública. A imprensa local censura o ato do Inspetor, alegando ser proibido a estrangeiros exercer cargos públicos. O Império estava em agonia e as idéias republicanas tomavam conta do entusiasmo de todos. Nestas fases pré-revolucionárias, geralmente um espírito de estrei-

to nacionalismo invade as mentes mais exaltadas, daí ter a Câmara sobralense se insurgido contra a nomeação do português Mouta.

NOS ALBORES DA REPÚBLICA

Vinte dias depois da Proclamação da República, na euforia da notícia alvissareira que chegava, a "Gazeta de Sobral", em editorial publicado a 5 de dezembro de 1889, convoca as autoridades locais para que, sob o novo regime, lute tenazmente contra o analfabetismo e a discriminação reinante nas escolas públicas onde "a instrução é apenas aproveitada pelas classes mais abastadas" e alerta a população para que faça instruir seus filhos "colocando o livro ao lado das ferramentas do operário.

A professora Carlota Amélia Batista de Lima foi a primeira mestra a ser nomeada sob o regime republicano. Substituiu a Maria Olímpia Feijó de Araújo que foi transferida para Camocim.

ÚLTIMA ESCOLA DO SÉCULO

Data importante na vida educacional da cidade foi a inauguração do "Externato Luís Felipe" ocorrida a 24 de fevereiro de 1897, sob a direção do ilustrado mestre Luís Felipe Silva. Durante quase meio século, a escola do severo professor Luís Felipe formou gerações de sobralenses que se destacaram nas mais diversas profissões. Nascido em Sobral a 23 de agosto de 1879, era filho de Severino José da Silva e Maria Francisca de Aguiar. Merecidamente, seu nome é lembrado no atual Grupo Escolar Luís Felipe pertencente à rede oficial do Estado. A criação deste novo e modelar estabelecimento de ensino encerrou com chave de ouro os grandes feitos educacio-

nais do século dezenove em Sobral.

INICIATIVAS NO SÉCULO XX

As primeiras escolas fundadas no século vinte, foram inauguradas em janeiro de 1902. Foram elas, o Colégio São João, fundado pelo Dr. Alexis Barbosa Morin, e o Colégio Santa Úrsula, criado pelo Cônego João de Lira Pessoa. Ambas tiveram vida efêmera porque seus diretores tiveram que se transferir de Sobral, mas possuíram um corpo docente ilustrado, destacando-se os professores Pe. Fortunato Alves Linhares, Dr. Carlos Monte e o jornalista Carlos Rocha Com a extinção destas duas escolas, o Pe. Fortunato Alves Linhares abriu o Externato São Luís, sob sua direção, tendo sido inaugurado no início do ano de 1907. Figura proeminente na galeria dos grandes sobralenses, Mons. Linhares foi exemplo de educador, tanto em sua escola particular, como nos demais estabelecimentos de ensino em que exerceu seu magistério. Já no fim da vida, mesmo cego, continuava a espargir as luzes de sua inteligência e de sua cultura aos inumeráveis admiradores e amigos que o visitavam. O Externato São Luís funcionou ininterruptamente até o fim de 1925 ano que seu fundador passou a se dedicar ao magistério no Seminário Diocesano.

No ano de 1908, surgiram mais dois colégios particulares: o Externato José Júlio dirigido pelo Pe Manuel de França, e o Externato Nossa Senhora da Assunção, fundado por Dona Mocinha Rodrigues. O primeiro teve curta duração e o segundo foi um estabelecimento modelar que merece destaque especial nesta resenha histórica.

Fundado a 10 de janeiro, o Colégio Assunção,

como era então chamado, foi um modelo de escola e se manteve sempre dentro de um padrão de alto nível pedagógico, em que a instrução se aliava às mais eficientes atividades educativas. Foi o colégio da elite preferido pelos abastados da terra. Dona Mocinha Rodrigues, cujo nome verdadeiro era Maria Jesuína de Albuquerque Rodrigues, durante quase quarenta anos dirigiu seu modelar estabelecimento de ensino, merecendo o respeito e a veneração dos sobralenses pelo inestimável benefício que prestou à educação de nossa gente. Figura proeminente de educadora, seu nome ficará eternamente lembrado no coração do povo e nos anais da história sobralense.

A 20 de outubro desse mesmo ano de 1908, na Praça São Francisco, o Padre Antônio Lira Pessoa de Maria instalou o Externato Imaculada Conceição, ensinando pela manhã às meninas e à tarde, aos meninos.

Em 1910 encontramos já em pleno funcionamento a Escola São Vicente de Paulo mantida pela Sociedade Vicentina e dirigida pelo professor Raimundo Fialho.

A OBRA EDUCACIONAL DE NEWTON CRAVEIRO

Em 1914 o Governador Benjamin Barroso nomeia o professor Newton Craveiro para o cargo de Inspetor Escolar. Jovem de grande talento e profundo conhecedor da Escola Nova que começava a ser conhecida entre nós por influência do professor Lourenço Filho, tudo fez para melhorar o padrão de ensino da cidade. Para renovar os métodos pedagógicos nas escolas cearenses. Newton Craveiro escreveu um livro didático que se tornou célebre em todo o Brasil e que se intitulava "João Pergunta". O êxito desta obra foi

enorme. Escrito em linguagem simples e atraente. "João Pergunta" deliciava as crianças com as histórias infantis e os ensinamentos adaptados à idade dos alunos. Em 1923, quando Sobral se tornou sede da 3ª. Região do Ensino, já em uma tentativa pioneira de descentralização da política educacional do Ceará, o ilustre educador sobralense foi nomeado Delegado do Ensino, quando demonstrou sua grande capacidade de organização. Homem de idéias e de realizações, Newton Craveiro muito trabalhou para conseguir abrir onze novas escolas e modernizar o ensino. Pessoalmente, ministrou 152 aulas-modelo, durante o ano de 1923, para aperfeiçoar o professorado público local. Organizou seis Caixas Escolares, numa obra verdadeiramente de pioneiro no campo da educação. Pedagogo, jornalista e sociólogo, Newton Craveiro foi uma das mais precoces inteligências e uma das mais vastas culturas da cidade.

UMA ANTECIPAÇÃO DO MOBRAL

Pela Bula "Catholicae Religionis Bonum" assinada a 10 de janeiro de 1915, o Papa Bento XV criou a Diocese de Sobral. Seu primeiro Bispo, Dom José Tupinambá da Frota, homem dinâmico e empreendedor, seria o mais qualificado tipo de educador do povo sobralense. É imensa sua obra no setor da educação. Menos de um ano após sua posse ocorrida a 23 de julho de 1916, Dom José convocava as figuras mais representativas da cidade com o fim de instalar o "Comitê Municipal contra o Analfabetismo" que foi organizado no dia primeiro de abril de 1917, em reunião realizada no Palácio Episcopal, cuja finalidade era mobilizar recursos humanos e financeiros para extinguir a peste do analfabetismo na cidade. Foi uma idéia pioneira que faz lembrar o MOBRAL, em ter-

mos reduzidos, antecipado de cinquenta anos. Por influência deste comitê, foram inauguradas a Escola Dom José, no bairro da Fortaleza, a Escola Dr. José Sabóia, no bairro Cruz das Almas, o Externato Gondim dirigido por Antônio Gondim Lins e a Escola pública Mixta sob direção da professora Dinorah Gondim Lins.

O FRACASSADO LICEU DE SOBRAL

No setor do ensino público, nem sempre à altura do ensino particular, vale ressaltar a criação do Grupo Escolar Professor Arruda e do Liceu de Sobral. O primeiro foi criado em 1916 e, a partir de 26 de maio de 1937, começou a funcionar em prédio próprio construído no Governo Meneses Pimentel, na Praça Duque de Caxias. O segundo, iniciativa benemérita e audaz do Dr. João Tomé de Sabóia e Silva, ilustre sobralense que Governou o Estado do Ceará no quadriênio 1916-1920, foi solenemente inaugurado às 9 horas da manhã do dia 25 de março de 1919, sendo seu primeiro diretor o Dr. Rui de Almeida Monte. A 3 de julho do mesmo ano tinha início o curso noturno do Liceu sob a direção do jovem José Deusdedit Mendes. Quando se constituía a grande esperança da educação em toda a zona norte do Estado, o Liceu de Sobral foi extinto inexplicavelmente, em julho do ano seguinte, por ato odioso e antipático do Governador Justiniano de Serpa que escreveu, assim, uma página negra na história da educação de Sobral. O malogrado Liceu de Sobral, criado nos moldes do Liceu do Ceará, desaparecia abortivamente exatamente no momento em que tinha tanta necessidade de crescer. O primeiro Corpo Docente do Liceu de Sobral, nomeado pelo Dr. Moreira da Rocha, Secretário do Interior, estava assim constituído: Luis da Silva Fialho, Por-

tuguês; Dr. Mário Dias, Francês; Pe. José de Lima, Latim; Dr. Olavo Frota, Aritmética; Dr. Rui de Almeida Monte, Geometria; Pe. Fortunato Linhares Geografia; Dr. Francisco Ponte, História; Dr. José Jácome de Oliveira, História Natural; Craveiro Filho, Escrituração Contábil.

A extinção do Liceu de Sobral, antes de desanimar a iniciativa particular incentivou-a, como se pode demonstrar pelos inúmeros esforços que foram feitos para criar escolas populares que pudessem atender à classe operária sobralense frustrada em seus desejos legítimos de possuir instrução gratuita.

ESCOLAS POPULARES

Apesar destes esforços, a percentagem de analbetos foi sempre muito alta na cidade. Em estatística apresentada no dia 1º. do mês de outubro de 1918, por exemplo, por ocasião da inauguração solene da Exposição Regional Agro-pecuária e Industrial, havia apenas 708 alunos matriculados nas sete escolas públicas existentes e nos oito colégios particulares para uma população escolar dez vezes maior. Não havia capacidade física de salas escolares para absorver a enorme demanda. A população reagiu e começaram a aparecer as escolas populares gratuitas ou pagas a baixo custo. Foi neste ambiente de emergência que surgiu o Colégio Diocesano Sobralense, iniciativa de Dom José que o fez funcionar provisoriamente no prédio em construção, no bairro da Fortaleza, destinado à instalação da Santa Casa de Misericórdia. O primeiro diretor, Padre Joaquim Severiano de Vasconcelos, matriculou naquele ano 54 alunos, sendo 28 internos, 15 semi-internos e 11 externos. O "Colégio Diocesano" teve posteriormente que suspender suas atividades para dar lugar ao funcionamento da

Santa Casa inaugurada a 24 de maio de 1925. O Colégio Diocesano só foi reaberto em 1934, no bairro da betânia, como se verá.

Entre as escolas populares gratuitas ou pagas a baixo custo para atender à população operária, merecem destaque três delas que foram inauguradas durante o ano de 1921. Logo no primeiro dia desse ano, o Círculo Operário São José, fundado pelo então Cura da Sé, Pe. Eurico de Melo Magalhães, abre sua primeira escola destinada aos pobres. Duas semanas depois, a 15 de janeiro, reabre-se o Colégio São Vicente de Paulo, mantido pelo Conselho Central da Sociedade Vicentina então dirigida pelo Sr. José Lourenço Viana, grande propugnador dos ideais de Frederico Ozanam em nosso meio. Finalmente, a 24 de agosto, é fundada a Associação dos Empregados do Comércio de Sobral, iniciativa feliz de Paulo Aragão, que é a entidade mantenedora da tradicional Escola Técnica de Comércio Dom José, com grande passado de méritos pela formação profissional que proporcionou aos comerciários da cidade. A simpática e benemérita Escola Técnica de Comércio ainda hoje aí está, em pleno funcionamento, prestando relevantes serviços à comunidade.

A ESCOLA NOVA

Merece menção, a iniciativa do professor Newton Craveiro instalando o "Instituto Visconde de Sabóia" criado em 1917 e moldado no espírito e nos ideais da Escola Nova. Criticado por alguns e elogiado por outros, o método seguido pelo novo Instituto foi assunto polêmico na imprensa local da época e deixou profundas marcas na renovação do ensino sobralense. Dentro do mesmo método, lecionaram as professoras Almira Frota e Maria Carolina de Castro e Sil-

va. Os métodos pedagógicos da Escola Nova foram também adotados no Grupo Escolar Antônio Ibiapina, fundado em fevereiro de 1923, onde foi introduzido o teste de acuidade visual, obrigatório, cuja finalidade era distribuir racionalmente os alunos nas classes de aula. Foram introduzidos também "trabalhos manuais" como disciplina obrigatória, provocando violenta reação por parte dos pais dos alunos que se levantaram contra a escola, publicando enérgico protesto na imprensa em que diziam ser um absurdo "ensinar a fazer chapéus de palha em vez de ensinar a ler e escrever". Newton Craveiro, ardoroso e entusiástico defensor da reforma do ensino, procurou, pela mesma imprensa, mostrar a validade das experiências renovadoras que estavam sendo adotadas. Por este ideal lutou entre nós até o dia de seu falecimento ocorrido repentinamente a 13 de janeiro de 1926 em Juazeiro do Norte, onde estava a serviço da educação. O ilustre pedagogo sobralense, desaparecido aos 32 anos de idade, foi exemplo de autodidata esforçado, inteligente e culto, que conheceu profundamente os problemas da educação de seu Estado.

ENSINO ESPECIALIZADO

Por iniciativa do brilhante escritor e agrônomo sobralense, Dr. Raimundo Pimentel Gomes, a 15 de novembro de 1923 é inaugurada a Escola de Ensino Prático de Agricultura. O corpo docente do novo estabelecimento de ensino era composto dos médicos Dr. Luís Viana e Dr. Rui Monte e dos agrônomos Dr. Aristóbulo de Castro e o próprio fundador Pimentel Gomes.

Em janeiro de 1924 é aberta a "Escola Santa Cecília", destinada ao ensino de piano, solfejo e teoria

musical, sob a direção de Branca Rangel. Já em fevereiro desse mesmo ano, o professor Cláudio Nogueira inaugura o "Instituto de Cultura Geral", escola provida de laboratórios para estudo experimental de Física e Química. Possuia moderníssimos aparelhos, microscópios, lentes, instrumental de medidas de precisão, reagentes químicos, inclusive para pesquisas entomológicas. O gosto pela pesquisa científica foi incentivada nos gabinetes de zoologia, botânica e geologia. O Instituto do professor Cláudio Nogueira era, na época, o mais moderno e bem equipado de tódo o Estado.

DADOS ESTATÍSTICOS

No dia 7 de setembro de 1924, vem a lume um opúsculo de autoria do tabelião Antônio Joaquim Rodrigues de Almeida onde há uma descrição pormenorizada sobre a situação da rede escolar, oficial e particular, existente na cidade. O folheto tinha por título: "O Município de Sobral — Factos e Considerações". Dele colhemos os seguintes dados: "Conta hoje Sobral com trinta e seis (36) escolas primárias, sendo vinte e duas (22) estaduais, dez (10) particulares e quatro (4) municipais (na cidade), com uma frequência de quinhentos e seis (506) alunos. No município, com frequência de trezentos (300) alunos, existem catorze (14), sendo doze (12) estaduais e duas (2) municipais. Destarte, a população escolar pode ser assim distribuída: Nas escolas públicas primárias estaduais e municipais, 806 alunos; no Colégio Assunção, 200; nos outros estabelecimentos dos professores Luis Felipe, Cláudio Nogueira, Raul Monte, Francisco Frota, Pimentel Gomes, dona Nair Ibiapina, Ester Batista, e nas escolas na Associação dos Empregados do Comércio, da Irmandade São Vicente

de Paulo e do Círculo de Operários Católicos São José, 400, num total, pois, de 1.403 alunos".

SEMINÁRIO DIOCESANO

A inauguração do Seminário Diocesano, no bairro da Betânia, ocorrida a 15 de fevereiro de 1925, primeira grande obra educacional de Dom José, veio transformar o cenário da educação da cidade. Celeiro fecundo de vocações sacerdotais, durante seus 43 anos de existência, acolheu várias centenas de jovens do Ceará e dos Estados vizinhos, tendo formado alguns Bispos e mais de 150 sacerdotes, além de ter dado formação humanística básica a centenas de cidadãos que hoje espalhado por todo o Brasil exercem as mais variadas atividades profissionais.

NOVAS ESCOLAS POPULARES

Ainda nesse ano de 1925, foram inauguradas três escolas particulares, a saber: Escola da professora Alzira Pacheco Passos, Grupo Escola de Sobral sob a direção de Emília Alves de Carvalho e a aula particular de Auta Lima.

Do ano de 1926 temos a registrar a inaugur da Escola Ernesto Deocleciano, destinada aos filhos dos operários da Fábrica de Tecidos Sobral, ocorrida no mês de fevereiro, e a da Escola Remington Oficial, a 12 de setembro, destinada ao ensino de datilografia e mecanografia.

A 3 de janeiro de 1927 é reaberto o Instituto Rio Branco sob a direção do Dr. Pimentel Gomes, e, a 15 de maio do mesmo ano, começa a funcionar o Curso Secundário Sobralense por iniciativa do Dr. Rui Monte.

No dia primeiro de maio de 1928, com muita solenidade, abre-se o Instituto São Luís, criado e dirigido pelo professor Luís Jácome Filho, emérito educador.

Em janeiro de 1930, Sobral já contava com uma rede escolar numerosa. O Governo do Estado mantinha um Grupo Escolar dirigido pela professora Olga de Pontes Medeiros e cinco escolas isoladas, assim localizadas: Bairro da Fortaleza, dirigida por Hélia Azevedo Coelho; Cruz das Almas, sob a direção de Francisca Amélia Pacífica; Junco, administrada pela professora Maria Luiza Farias; Rua do Oriente, cuja diretora era Auta Lima de Alcântara e Bairro da Betânia, vaga. O Governo Municipal, por sua vez, mantinha quatro escolas, a saber: "João Tomé", dirigida por Laura Ibiapina; "Justiniano de Serpa", sob a direção de Felismina Linhares; "Matos Peixoto". administrada por Ana Coelho de Paula, e "Escola Noturna", sob a responsabilidade do professor Domingos Augusto de Moura. As escolas particulares mantinham um melhor nível de ensino, destacando-se o Seminário Diocesano, o Colégio Assunção, o Externato Luís Felipe, o Instituto São Luís e a Escola Francisco Hardy.

Nesse mesmo ano de 1930, surge o Externato Dom Bosco dirigido pelo Padre Gonçalo Eufrásio e destinado a operários. Inspirado no espírito da JOC, movimento operário nascente na Bélgica e que já começava a se espalhar pelo mundo sob a influência do seu fundador Padre Cardijn, o Externato Dom Bosco alfabetizou centenas de adultos. Dentro do mesmo ideal, o Padre Domingos Araújo, anos após, criou outra "escola jocista", nome que naquela época se dava ao movimento da JOC antes da especialização da Ação Católica.

O jornal "A Ordem", edição de 18 de março de 1931, noticiando que a professora Alice Raulino as-

sumira a direção do Grupo Escolar Sobralense, teceu severas críticas aos poderes públicos, "cuja omissão tem levado o ensino às condições mais precárias e do mais baixo rendimento".

Teve grande repercussão na cidade a conferência pública pronunciada no Teatro São João, no dia 10 de março de 1932, pelo Dr. Moreira de Sousa, Diretor Geral da Instrução Pública do Ceará, que discorreu eloquentemente sobre "o atraso pedagógico em que se encontra o ensino que se reduz à alfabetização e a noções de leitura e escrita, sendo fundamentalmente tradicional, rotineiro, verbalista, sem cunho prático de ordem social e econômica, boa talvez para formar poetas e românticos". Na oportunidade lançou a idéia da criação dos Conselhos escolares Municipais e sugeriu que Sobral tomasse a iniciativa deste pioneirismo tão necessário. Apesar de muito comentadas, as palavras do Dr. Moreira de Sousa não despertaram suficientemente as autoridades locais para transformar em realidade suas idéias.

GRANDES OBRAS DE DOM JOSÉ

Por iniciativa da Diocese, a 16 de julho de 1933, foi fundada a Liga dos Professores Católicos de Sobral que tinha por principal objetivo "congregar todos os católicos que exerçam o magistério público ou particular, em qualquer dos seus graus — primário, secundário, normal, profissional ou superior — desde que trabalhem ou residam na Diocese de Sobral". De acordo com o Artigo 4º. dos Estatutos da novel associação aprovados a 14 de outubro do mesmo ano, a Liga deveria se empenhar para "intensificar entre os seus membros a fé e a prática do catolicismo, praticar um apostolado católico social junto as pessoas

sôbre as quais possam os seus membros direta ou indiretamente exercer influência, promover o estudo das questões pedagógicas procurando orientá-los pelas boas regras da doutrina cristã e defender, quando preciso, o magistério e o ensino". Era a primeira associação de classe fundada na cidade e procurava veladamente coibir a introdução de alguns exageros pedagógicos da Escola Nova então em voga.

O ano de 1934 vem marcar dois extraordinários acontecimentos na História da Educação de Sobral: foram inaugurados o Ginásio Sobralense e o Ginásio Santana. Destinados à educação secundária da juventude masculina e feminina, respectivamente, foram os primeiros estabelecimentos de ensino secundário a conseguirem a equiparação com o Colégio Pedro II do Rio de Janeiro. Mais duas grandiosas obras nascidas do espírito dinâmico e pioneiro de Dom José Tupinambá da Frota.

O Ginásio Sobralense foi inaugurado solenemente no dia primeiro de fevereiro no bairro da Betânia, sendo seu primeiro Diretor o Pe. José Aloísio Pinto, figura proeminente da educação da cidade. O Ginásio Santana, por sua vez, teve sua festa inaugural no dia seguinte, 2 de fevereiro, sendo entregue aos cuidados da Congregação das Filhas de Santana, tendo como primeira Diretora a Sorana Tecla d'Urso. Ainda hoje, são dois estabelecimentos de ensino modelares que imensos benefícios prestaram à formação da juventude cearense.

PROFESSORES MERITÓRIOS

Com a fundação do Ginásio Sobralense e do Ginásio Santana, começaram a aparecer as aulas de preparação para os exames de admissão, sendo pioneiro o professor Manuel Pinto Filho que já em 1935

começou a trabalhar neste sentido ensinando a grande número de candidatos.

Nesta altura, é justo lembrar nomes de professores que anonimamente se dedicaram ao magistério, preparando alunos para admissão ao ginásio. Naninha Leite, Nair Ibiapina, Chiquinha Félix, Chiquita Jácome, Lucila Frota, Maria Augusta Lopes, Raul Monte, Ritinha Arruda, Melquíades Ribeiro, Chaguinha Lima, Otília Ibiapina e tantos outros, foram mestres que deram eficiente colaboração ao ensino particular da cidade.

NOVAS ESCOLAS SECUNDÁRIAS

No ano de 1942 foi fundado o Educandário São José, iniciativa da professora Honorina Passos e que posteriormente se transformou em Ginásio São José quando passou para a direção da Drª. Dinorá Tomás Ramos, sábia mestra e festejada poetisa.

A 4 de maio de 1943, surge o Patronato Maria Imaculada sob a direção das Filhas da Caridade que, dentro do espírito caritativo de São Vicente de Paulo, dedicam se desinteressadamente à educação primária dos pobres. Anexo ao prédio do Patronato, a 3 de março de 1947, é inaugurada a Escola Industrial doméstica, primeira escola profissional de 1º. Grau a funcionar na cidade.

No ano de 1945, a Academia Sobralense de Estudos e Letras, sob a orientação do Mons. Vicente Martins da Costa, faz funcionar a "Escola Ernesto Deocleciano" destinada à alfabetização de adultos e que estava localizada em casa cedida gratuitamente pela generosidade do Dr. José Saboia de Albuquerque, na Rua Joaquim Ribeiro.

Por iniciativa do Mons. José Aloisio Pinto, no bairro Sinhá Sabóia, é construído vasto edifício para abrigar a Escola Profissional São José, obra de fôlego e que funcionava precariamente desde 1943 em prédio anexo ao Colégio Sobralense. Com ensino profissionalizante, já adaptado aos dispositivos da Lei 4.024, a nova Escola Profissional foi inaugurada a 19 de março de 1967, equipada de modernas instalações mecânicas e oficinas.

COLÉGIO ESTADUAL

Na gestão do Prefeito Paulo Sanford, no ano de 1955, foi criado o Ginásio Municipal Caiçara que, posteriormente, pela Lei 4.534 de 9 de setembro de 1959 assinada pelo Governador Parsifal Barroso, se transformou em Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, hoje o maior estabelecimento de ensino de 1º. e 2º. graus da região norte do Ceará. Foi seu primeiro Diretor o Pe. José Inácio Mendes Parente. Funciona hoje em prédio amplo e moderno construído pelo Governador Virgílio Távora e mantém presentemente seis cursos profissionalizantes de 2º. grau, com matrícula média anual de mais de 2.000 alunos.

A Secretaria de Educação do Estado mantém, ainda, atualmente, as seguintes escolas de 1º. Grau: Escola Professor Arruda, na Praça Duque de Caxias; Escola Antônio Mendes Carneiro, no bairro da Expectativa; Escola Sinhá Sabóia, no bairro Dom Expedito; Escola Luís Felipe, no bairro da Saúde; Escola Jarbas Passarinho, no bairro do Junco; Escola José da Mata, na Praça General Tibúrcio e Escola Mons. José Gerardo Ferreira Gomes, no bairro Sinhá Sabóia.

ENSINO SUPERIOR

As inúmeras escolas secundárias existentes em

Sobral e cidades vizinhas estavam a exigir grande número de professores habilitados. Fazia-se, por isso, necessária a criação de uma Faculdade de Filosofia que formasse o corpo docente de toda a região. O ensino superior já se tornava necessidade urgente do meio. Em 1960 nasce a idéia da criação da primeira escola superior de Sobral. Por iniciativa da Diocese de Sobral e sob a orientação do Professor Martins Filho, então Reitor da Universidade Federal do Ceará, são tomadas as primeiras providências e o processo de pedido de autorização é enviado ao então Conselho Nacional de Educação. Pelo Decreto 49.878 de 11 de janeiro de 1961, assinado pelo Presidente da República Dr. Juscelino Kubitschek, é autorizada a funcionar a Faculdade de Filosofia Dom José, com os cursos de Letras e História. A nova Faculdade teve sua aula inaugural a 19 de março de 1961, proferida por Dom José Bezerra Coutinho, Vigário Capitular, e grande batalhador pela criação da mesma. Foi seu primeiro Diretor Mons. José Gerardo Ferreira Gomes, homem de vasta cultura humanística, falecido a 26 de abril de 1972.

Dirigida atualmente pelo Côn. Joviniano Loiola Sampaio, a Faculdade de Filosofia mantém quatro cursos reconhecidos, a saber: Letras e História (Decreto 68.855 de 2 de julho de 1971), Estudos Sociais (Decreto 81.185 de 4 de janeiro de 1978) e Ciências (Decreto 81.261 de 27 de janeiro de 1978.

Marco inicial de nova era na História da Educação em Sobral foi a criação da Fundação Universidade Vale do Acaraú — UVA — Instituída pelo Decreto Municipal nº. 214 de 23 de outubro de 1968, assinado pelo Prefeito JerônÍmo Medeiros Prado, foi organizada pelo autor desta linha tendo como finalidade manter estabelecimentos de ensino superior visando a formar os profissionais de que carece a região norte do Estado do Ceará. Sua primeira escola foi a Faculdade de Ciências Contábeis autorizada a funcionar pelo Decreto 66.764, de 19 de junho de 1970, assinado pelo Presidente Emílio Garrastazu Médice. Seu primeiro diretor é o DR. José Cordeiro Damasceno. Foi reconhecida pelo Decreto 75.233 de 16 de janeiro de 1975.

A 22 de setembro do mesmo ano, o Conselho Diretor da UVA criou o Centro de Pesquisas Históricas e Geográficas de Sobral que está sob a direção do Pe. João Mendes Lira.

Logo no ano seguinte, pelo Decreto 68.623 de 17 de maio de 1971 é autorizada a funcionar a Faculdade de Engenharia Operacional, cujo primeiro Diretor foi o Dr. Antônio Leite dos Santos. Foi reconhecida pelo Decreto 76.498 de 22 de outubro de 1975. No dia 27 de abril de 1972, finalmente, o Conselho Estadual de Educação emite parecer favorável ao funcionamento da Faculdade de Obstetrícia, autorizada pelo Decreto 75.269 de 23 de janeiro de 1975.

Com três Faculdades mantidas sob sua responsabilidade e com a integração física da Faculdade de Filosofia, contando já com mais de 1.500 alunos, a Fundação Universidade Vale do Acaraú já se constitui um núcleo universitário, dinâmico e atuante, em pleno sertão cearense.

A criação da UVA inspirou iniciativas diversas no setor da educação. Para comprovar esta verdade, basta ressaltar a inauguração de cinco novos Ginásios, em um só ano, no território do Município de Sobral. Exatamente no princípio de março de 1969, ano subsequente à criação da UVA, iniciaram suas atividades o Ginásio de Aplicação, o Ginásio Cledoveu de Arruda, o Ginásio Coração de Jesus,

além de dois Ginásios criados nos distritos de Jaibaras e Forquilha. Três destes nasceram por iniciativa da Fundação Maximiano Linhares Figueredo. A penetração do ensino secundário na zona rural é fato digno de registro pela nova mentalidade que desperta na população do interior do município. No ano de 1970 começam a funcionar os Ginásios de Aracatiaçu e Taperuaba, também na zona rural.

Com a sua Universidade em organização onde já são ministrados 8 cursos de ensino superior, com os seus 10 cursos profissionalizantes de 2º. grau e seus 13 ginásios, além de quase duas centenas de escolas de 1º. grau, públicas e particulares espalhadas por todo o município, Sobral lidera incontestavelmente todo o interior cearense no setor da educação.

Os dispositivos da Lei 5.692 de 11 de agosto de 1971, que dispõe sobre o ensino de 1º. e 2º. graus, já começam a ser aplicados nos estabelecimentos de ensino da cidade, despertando novas esperanças e abrindo caminhos novos para a educação. A criação de um Conselho Municipal de Educação já está amadurecendo, podendo brevemente ser uma realidade que transformará a política educacional do município.

Por seu passado glorioso, por seu presente dinâmico e por seu futuro promissor, a História da Educação de Sobral é digna de figurar entre as mais nobilitantes páginas da própria História do Ceará.

FONTES DE ESTUDO:

— COLEÇÃO DOS JORNAIS "SOBRALENSE", "GAZETA DE SOBRAL, "A CIDADE", "A ORDEM", "A LUCTA" E "CORREIO DA SEMANA".

— CASTELO, PLÁCIDO — "HISTÓRIA DO ENSINO NO CEARÁ", Fortaleza.

— REVISTAS DO INSTITUTO DO CEARÁ.

— COLEÇÃO DE INVENTÁRIOS ARQUIVADOS NO CARTÓRIO DE SOBRAL.

— LIVROS DE ATA DAS SESSÕES DA CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL.

— COLETÂNIA DE OFÍCIOS EXPEDIDOS E RECEBIDOS PELA CÂMARA MUNICIPAL DE SOBRAL

Comissões Científicas

Não poderia deixar de constar na história da cultura sobralense um relato, embora sucinto, de algumas expedições científicas que no passado foram enviadas à cidade com os mais diversos objetivos.

Sobral foi visitada por algumas comissões científicas, nacionais e estrangeiras, algumas delas de alto nível e de grande importância para o desenvolvimento da ciência.

Já tratamos, nas páginas 37 e 38, da Comissão Médica de 1791. Resta falar ainda sobre a Imperial Comissão Científica e as comissões dos astrônomos ingleses, americanos e brasileiros que vieram observar o eclipse solar de 29 de maio de 1919 de cujos estudos resultou a comprovação da Teoria da Relatividade de Einstein.

A IMPERIAL COMISSÃO CIENTÍFICA

No ano de 1858 nasceu no seio do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, do Rio de Janeiro, a idéia da organização de uma Comissão Científica com a finalidade de estudar as riquezas e curiosidades do norte do Brasil. O autor da proposição, o Comendador Manuel Ferreira Lagos, recebeu o apoio dos demais membros daquele Instituto, tendo sido organizada, por ordem do Imperador, a primeira expedição que iniciaria os estudos no Ceará. A

Comissão, presidida pelo Dr. Francisco Freire Alemão, foi dividida em cinco seções: geológica chefiada pelo Dr. Guilherme de Capanema, zoológica pelo Com. Manuel Ferreira Lagos, botânica pelo próprio Dr. Freire Alemão, astronômico-geográfica pelo Dr. Giácomo Raja Gabaglia e, finalmente, etnográfica pelo poeta Gonçalves Dias.

Os cientistas partiram do porto do Rio de Janeiro no dia 26 de janeiro de 1859 no vapor "Tocantins", chegando em Fortaleza no dia 4 de fevereiro. Estiveram em atividade no Ceará durante mais de dois anos. O regresso definitivo ao Rio ocorreu no dia 13 de julho de 1861, pelo vapor "Cruzeiro do Sul".

A Comissão, conforme as cinco seções, visitou quase todo o interior cearense em atividades as mais diversas e em meio às mais difíceis e variadas peripécias. Em síntese, os resultados não foram os esperados embora houvesse muita seriedade nas pesquisas.

ATUAÇÃO EM SOBRAL

A região de Sobral foi visitada pelas epuipes da seção de botânica e de astronomia-geografia. Todos os documentos relativos à primeira foram perdidos por ter naufragado, entre Camocim e Fortaleza, o hiate "Palpite" que os conduzia. Mais bem sucedida foi a seção astronômico-geográfica chefiada pelo engenheiro Giácomo Raja Gabaglia que permaneceu na região de Sobral durante quase um ano, de maio de 1860 a junho do ano seguinte. O Dr. Raja Gabaglia era uruguaio de nascimento, filho de Caetano Raja e Carlota Grasso Gabaglia. Casou-se em Sobral, na Capela do Menino Deus, a 7 de junho de 1861, com Maria da Natividade Albuquerque, filha do Dr. João Fernandes Barros, Juiz de Direito, e de Luiza Amélia de Albuquerque Barros. Nascera em Montivideu a 28 de julho de 1826 e faleceu no Rio de Janeiro a 24 de janeiro de 1872. Dr. Raja Gabaglia escreveu dois importantes ensaios, um sobre o "Porto da cidade de Fortaleza" e outro sobre "A Questão das Secas", que foram publicados na tipografia do "Correio Mercantil" do Rio, nos anos de 1860 e 1861, respectivamente. Estes trabalhos os possuo, graças à gentileza do Dr. José Bonifácio Câmara que nos presenteou.

UM PLANO DE URBANIZAÇÃO PARA SOBRAL

Sobral deve ao Dr. Raja Gabaglia, além de sua incorporação à família sobralense pelo matrimônio, dois estudos. Um, quanto à construção de um açude público, nas vizinhanças da cidade, cujo local foi por ele escolhido na Fazenda Mucambinho. Outro, um plano de urbanização da cidade que traçou a pedido da Câmara Municipal. Transcrevemos abaixo este último documento como homenagem à clarividência dos vereadores daquela época por se terem preocupado já com os problemas urbanísticos da cidade. Eis, na íntegra, o texto do documento: "Barra do Camocim, 20 de novembro de 1860. Ilmº. Sr. Cel. Camilo Linhares, DD. Presidente da Câmara Municipal de Sobral. Em consequência de trabalhos da Comissão Científica a meu cargo, consecutivos e imperiosos, não me foi possível transmitir a V. Sia. por escrito antes da presente data a solução de questões que V. Sia., em nome da ilustrada Câmara Municipal de Sobral, se dignara encarregar-me, e que, em parte, eu já comuniquei verbalmente ou que deve ter sido referido a V. Sia. pelo procurador da mesma Câ-

mara.

Dois são os pontos diretamente inerentes à cidade de Sobral e sobre os quais encarreguei-me de fazer algumas humildes considerações e estudos:

1. — Traçar o alinhamento ou o arruamento possível de fazer na cidade, utilizando-se a parte edificada da mesma.

2. — Apresentar a planta da cidade, traçando os melhoramentos adequados a seu futuro desenvolvimento.

Sobre o primeiro ponto dei solução imediata, já pessoalmente estudando as condições do que existe na atualidade, já especialmente encarregando ao Sr. Basílio Antônio de Siqueira Barbedo, digno adjunto da seção, de fixar os marcos ou estacas necessários para o regular alinhamento das fachadas dos novos prédios. Assim foi que durante vários dias o referido senhor adjunto exclusivamente se empregou de tal serviço e por vezes inspecionei e solvi as dúvidas que existiam. Entretanto, foi com bastante surpresa nossa que em vários lugares houve necessidade de repetir as mesmas operações, porque os marcos ou mourões haviam sido arrancados.

Ignoro se foi possível conservar o trabalho feito, vista a retirada da seção, mas assevero a V. Sia. que por meios exatos e com verificações se traçaram todas as diretrizes das frentes das novas ruas e praças, assim como de modo exequível se procurou dar a melhor direção ao prolongamento das ruas existentes harmonizando de modo possível o que se deve fazer com a parte já edificada.

Pelo que, tendo-se mantido o traço feito, há assunto para utilizar durante alguns anos e preparar, quando os cofres municipais o permitirem, melhoramentos de outra ordem.

Permita-me V. Sia. chamar a atenção sobre o que precede e notar que busquei executar o que cumpria-me. Esta insistência de minha parte tem por fim declinar de qualquer alteração que se faça no devido alinhamento em virtude de interesses individuais e ter V. Sia. de sobreaviso a respeito dos abusos que podem surgir tendendo a iludir as louváveis idéias da Câmara.

Também, desde já declaro a V. Sia. que é para lamentar que sem despesas muito avultadas, em referência à localidade, se consiga simetricamente colocar os edifícios principais da cidade a respeito dos prédios civis. Na verdade, os templos e a casa da Câmara que deviam ser os centros de convergência ou encruzamento dos eixos das principais ruas e praças, acontece que acham-se todos em posição notoriamente oblíquas a respeito das fachadas recentemente concluídas de muitos prédios. Do mesmo modo, a questão do nivelamento da cidade, tendo sido completamente esquecida em todos os preceitos da arte, resulta que já é dificílimo combinar os declives de maneira satisfatória para o esgoto da cidade nos dias de chuva, cuja dificuldade crescerá anualmente, se, desde já, se não tratar de estabelecer preceitos, pelo menos de alcance aproximado, que tendam a garantir a possibilidade de melhoramentos futuros. Assim, uma das medidas de utilidade indispensável, fora que em todas as ruas novas se traçasse o declive aproximado que devem ter todas as ruas para seu esgoto natural, sobre as baixas mais próximas. Resultando daí como corolário o intervir a Câmara nos alicerces dos prédios para salvar mais tarde reclamações ou protestos dos particulares quando se procedesse a um nivelamento regular da cidade.

Quanto ao segundo ponto, só poderei resolvê-lo depois que possuir o desenho da planta da cidade e,

posto que todas as notas e minutas existam reunidas, entretanto tal desenho fica atualmente de parte, por que aproveitando da estação propícia, toda a seção continua nos trabalhos de campo, reservando-se para a estação chuvosa os de desenho.

Felizmente de semelhante demora não resultará prejuizo algum, porque a questão de meses não tem alcance nas modificações gerais do plano da cidade que só lentas se efetuarão, atenta a deficiência de recursos da municipalidade para a execução de desejos tão louváveis.

É o que ocorre-me significar a V. Sia. sobre o assunto acima expedido. Reitero na ocasião os protestos da mais subida consideração. Deus guarde V. Sia. Giácomo Raja Gabaglia."

Embora não tenha sido realizado totalmente, Sobral foi a primeira cidade do interior do nordeste brasileiro a tentar possuir um plano de urbanização tecnicamente estudado.

AS COMISSÕES DO ECLIPSE SOLAR DE 1919

Terminada a primeira grande guerra, os cientistas voltaram a ter condições para reiniciar suas atividades normais de pesquisa.

Desde 1915 quando Einstein enunciou a sua Teoria da Relatividade, segundo a qual era exigido que a luz tivesse peso e sofresse a força da gravitação como qualquer outra partícula de matéria, estava sujeita à comprovação experimental direta a veracidade desta conclusão. Ocasião única favorável para testar tal conclusão é o momento de um eclipse total do sol quando as estrelas em sua vizinhança podem ser fotografadas e assim permitir acompanhar a direção da luz por elas emitida. Um raio de luz estelar, caso possua massa, sofrerá um desvio

de seu curso ao passar perto do campo gravitacional de um corpo maciço como o sol. Durante o tempo da guerra não foi possível a realização desta experiência. O eclipse de 29 de maio de 1919 despertou assim a atenção dos astrônomos e físicos e deveria ser aproveitado ao máximo. Outros fenômenos solares, como as protuberâncias e a constituição da coroa, podem também ser melhor estudados durante a ocultação. O eclipse total de 1919 tornou-se assim um fenômeno de enorme importância para a curiosidade dos astrônomos.

Invisível no hemisfério setentrional, o eclipse não poderia ser visto pelos observatórios europeus e norteamericanos. Estes tiveram que organizar expedições científicas para apreciar o fenômeno onde as condições fossem mais favoráveis.

POR QUE EXPEDIÇÃO A SOBRAL?

Consultando um mapa da trajetória da sombra daquele eclipse, vê-se que ela começa no Pacífico, perto da costa ocidental do Peru, passa sobre o nordeste do Brasil, atravessa o Atlântico rumo à África onde atinge a costa da Libéria e cruza a África Central terminando no mar perto da costa oriental africana.

A primeira providência a ser tomada foi encontrar, nesta linha de sombra, os locais mais apropriados para onde enviar os observadores. Foi necessário considerar a facilidade de acesso, a altura do sol no momento do eclipse e as possíveis condições meteorológicas com com relação a nuvens. Estes estudos preliminares foram feitos no Observatório de Greenwich pelo Dr. Hinks.

No Peru, o sol estaria muito baixo pois apenas surgira no horizonte. Na África oriental estaria

também muito baixo pois o ocaso seria próximo. Nas ilhas de São Pedro e São Paulo, no meio do Atlântico, o sol estaria a pino, mas uma estação ali seria impraticável já que são apenas rochedos isolados no mar e seu cume coberto de guano. A Libéria seria aceitável tanto com relação à duração da totalidade como à altura do sol, mas estava no meio da estação chuvosa e as probalidades de bom tempo eram problemáticas. No Lago da Tanganica, a montagem da estação seria bastante onerosa e também as condições meteorológicas não eram favoráveis. Os astrônomos do Observatório de Greenwich decidiram então enviar duas expedições: uma à cidade de Sobral e outra à Ilha do Príncipe, costa ocidental da África. Nestes dois locais, o sol estaria numa altura de 45°. e a duração total do eclipse seria de mais de cinco minutos. As condições nestes locais eram as mais favoráveis.

A COMISSÃO BRASILEIRA

O Observatório Nacional do Rio de Janeiro enviou também uma comissão científica a Sobral chefiada pelo Dr. Henrique Morize. Era composta de mais oito participantes: Dr. Domingos Costa, astrônomo; Dr. Lélio Gama, calculador; Dr. Teófilo Lee, geólogo e químico; Dr. Luís Rodrigues, meteorologista; Dr. Alírio de Matos, astrônomo; Artur de Almeida, mecânico e Primo Flores, auxiliar.

A comissão brasileira chegou a Sobral no dia 9 de maio, às 3 horas da tarde, vindo em trem especial de Camocim onde chegaram no dia 4 do mesmo mês passageiros do navio "João Alfredo" que os trouxera do Rio.

O posto de observação desta Comissão foi montado na Praça do Patrocínio e tinha como principal

objetivo fotografar a coroa solar para determinar sua extensão, testar subsidiariamente a Teoria da Relatividade de Einstein e, finalmente, fotografar o espectro da coroa para determinar sua composição e tentar medir a velocidade de sua rotação.

A COMISSÃO AMERICANA

A Comissão Americana pertencente ao Carnegie Institution de Washington chegou em Sobral, juntamente com a brasileira, no dia 9 de maio. Era composta do Dr. Daniel M. Wise, especialista em magnetismo terrestre, e do Dr. Andrew Thompson, especialista em fenômenos atmosféricos. O objetivo principal desta comissão foi medir os efeitos do eclipse sobre o magnetismo terrestre e sobre as propriedades elétricas do ar na ausência dos raios solares diretos.

Como o sol age como um enorme imã e as ondas magnéticas acompanham a luz solar, pode-se medir seu efeito no campo magnético na ausência da radiação solar direta.

A comissão americana instalou seu observatório na Praça do Patrocínio e se hospedou na residência do Dr. José Sabóia de Albuquerque.

A COMISSÃO INGLESA

A missão mais importante cabia à Comissão Inglesa composta do Dr. C. D. Crommelin, Secretário da Royal Astronomy Society e assistente do Observatório de Greenwich, e do Dr. C. Davidson, astrônomo do mesmo observatório.

A comissão inglesa partiu de Liverpool no dia 8 de março, no navio "Anselm", chegando a Belém do Pará no dia 23 do mesmo mês. Passou um mês

na Amazônia. No dia 24 de abril tomou, em Belém, o navio "Fortaleza" no qual viajou até Camocim onde chegou no dia 28. No dia seguinte, veio de trem para Sobral onde foi recebida pelo Prefeito Municipal Dr. José Jácome de Oliveira, e pelo Mons. José Ferreira, representante do Bispo Diocesano. Foi hospedada em casa do Cel. Vicente Sabóia, então deputado federal.

O posto de observação foi montado no hipódromo do Jockey Club, então localizado em frente da casa em que ficou hospedada.

OBJETIVO DA COMISSÃO INGLESA

O objetivo único da comissão inglesa foi medir o peso da luz para por à prova a Teoria da Relatividade de Einstein. Quando Newton investigou a natureza da luz, supôs que ela fosse composta de uma corrente de minúsculas partículas lançadas através do espaço a uma grande velocidade. Enquanto esta teoria vigorou, era natural supor que a luz estava sujeita à força de gravitação como qualquer outra partícula de matéria deslocando-se na mesma velocidade. O famoso físico Cavendish já afirmara em 1795 que a trajetória de um raio de luz podia ser desviada pela atração do sol e chegou a calcular a grandeza deste desvio.

No decurso do século XIX esta "Teoria da emissão" cedeu lugar à "teoria ondulatória" segundo a qual a luz seria composta de ondas propagadas através de um meio chamado éter, substância flúida cuja existência era necessário exigir para explicar o meio através do qual se propagavam as ondas luminosas. Da mesma maneira que é impossível transmitir ondas sonoras no vácuo ordinário, seria também impossível transmitir ondas luminosas no vá-

cuo absoluto. É necessário haver "alguma coisa" capaz de ondular e o éter supre esta "alguma coisa" necessária. O éter deve penetrar todo o espaço e não oferecer qualquer resistência ao movimento da matéria no espaço, como também ser capaz de atravessar livremente a matéria sólida, tal como esta não lhe opõe qualquer resistência para ser por ele atravessada.

Com o objetivo de detectar o movimeto da terra através deste éter, foi realizada, em 1887, a famosa experiência de Michelson-Morley. O princípio da experiência pode ser melhor ilustrado considerando-se um nadador em um rio. O que leva mais tempo, nadar cinquenta metros contra a corrente e voltar, ou nadar cinquenta metros através da corrente e voltar? A resposta não é imediatamente óbvia, porque haverá uma nítida demora em cada caso, mas é facilmente demonstrável que a viagem rio acima exige mais tempo. Se a terra se move através do éter há um rio de éter atravessando o laboratório, e uma onda luminosa pode ser comparada a um nadador viajando com uma velocidade constante relativamente à corrente. Agora, se um raio de luz é dividido em duas partes, e uma metade é enviada contra a corrente até uma certa distância e por reflexão volta atrás até o ponto de partida, e a outra metade é enviada até a mesma distância através da corrente e volta, então, a segunda metade chegaria primeiro. O instrumento para a ciência é complicado, mas o princípio visivelmente simples. Consiste essencialmente em dois braços AB e AC, de igual comprimento, colocados em ângulos retos a cada um. A luz é enviada de A para B e C, de onde é refletida e retorna para A. Supondo que a terra esteja viajando na direção AB, o rio de éter estaria correndo na direção BA, e o raio enviado de A para B demoraria mais em

voltar do que o raio enviado de A paraC. Contudo, quando a experiência foi realizada, constatou-se que ambas as partes do raio voltaram ao mesmo tempo. Isto só podia acontecer se AB fosse realmente mais curto do que AC em vez de ser igual como se supu.-nha. O instrumento foi então girado de um ângulo reto, de modo que o braço AC tomou a posição anterior de AB e vice-versa. A experiência foi então repetida. O tempo para ambos foi novamente o mesmo, mas sendo que agora o braço AC deve ser mais curto.

A explicação aceita deste resultado é que ambos os braços teem um certo cumprimento quando colocados na posição AC, e automaticamente contraem-se por uma definitiva proporção quando colocados na direção AB que é a direção da corrente, proporção esta que depende da velocidade da corrente.

Não se sabe com que rapidez nos movemos através do eter, mas como a terra viaja em uma órbita em torno do sol com a velocidade de cerca de trinta quilômetros por segundo, está claro que no mesmo tempo o movimento deve ter pelo menos aquela rapidez.

A experiência fora suficientemente delicada para ter detectado o movimento de pelo menos um décimo dele, se não tivesse havido a contração compensadora dos braços.

Esta é a famosa experiência de Michelson-Morley sobre cujo resultado foi construido o Princípio da Relatividade.

PRIMEIRA CONSEQUÊNCIA DA RELATIVIDADE

Comprimento não é então a quantidade absoluta que nós tinhamos sempre imaginado, mas é uma

dimensão rélativa à direção do movimento e à velocidade do observador.

Assim, um metro dirigido transversalmente para a direção do movimento é um certo comprimento - nós o chamamos de um metro — mas dirigido de tal maneira que seu cumprimento esteja na direção do movimento, então é menos do que um metro.

Suponhamos, para argumentar, que nos movemos através do éter a 260.000 kms. por segundo. A contração está em uma proporção dependente da velocidade, e esta velocidade é tal que a contração é sua metade. Nosso "metro" tomado através da linha do movimento mede cem centímetros e girando-o ao longo da direção do movimento mede somente cinquenta centímetros. A diferença não pode ser percebida, porque todo padrão com o qual tentamos compará-la se contrai também na mesma proporção. Nem pode ser vista porque a retina de nossos olhos, na qual a imagem cai, é também contraída naquela direção. A mudança é assim efetivamente cancelada. Segue-se, então, que todas as nossas medidas do universo não são absolutas mas relativas a nós mesmos. Quando isto é estudado matematicamente, vê-se que nosso tempo também não é o tempo absoluto do espaço, mas um tempo relativo ao nosso movimento no espaço. Então nós chegamos a uma concepção do espaço em quatro dimensões relativas, em vez do espaço em três dimensões absolutas com que a tanto tempo nos habituamos. Não me proponho a seguir este assunto mais além, com maior profundidade, porque ele se torna matematicamente difícil e fisicamente obscuro, mas foi sobre este princípio fundamental que Einstein desenvolveu a Teoria da Relatividade da Gravitação. Nesta teoria, é ainda imaginada uma outra dimensão - a curvatura do espaço. Precisamente o que isto significa não é fácil dizer. A

Lei de Einstein, contudo, não diz respeito a qualquer dificuldade que surge de nossa incapacidade de conhecer sua significação física. Ela é simplesmente a expresssão matemática de uma lei que parece corresponder aos fatos observados. Ela não tenta explicar o que é a gravitação ou a mecânica pela qual ela se desenvolve. As Leis de Newton eram empíricas e simplesmente pareciam corresponder aos fatos observados nas condições em que foram observados.

Há um exemplo notável ao qual a precisão da observação moderna mostrou que a Lei de Newton não corresponde. No caso do planeta Mercúrio, que tem uma órbita mais elíptica do que os demais planetas, foi observado que houve uma discordância surpreendente entre teoria e observação. O eixo mais longo da elipse está avançando na proporção de 574 segundos de arco em um século. Isto se deve principalmente à atração dos outros planetas que estão pressionando a órbita para fora e mudando a sua posição. A grandeza desta influência pode ser exatamente calculada e soma menos 42 segundos. Este fato permanecia inexplicado. Agora foi descoberto que a Lei de Einstein compensa o restante.

SEGUNDA CONSEQUÊNCIA DA RELATIVIDADE

Uma segunda consequência resulta no domínio da astronomia física. A Lei de Einstein exige que uma partícula deve vibrar mais lentamente em um forte campo gravitacional do que em um fraco, isto é, mais devagar no sol do que na terra. Assim a luz, à qual esta partícula da origem, é de comprimento de onda maior no sol do que na terra. Se, portanto, a luz do sol for comparada no espectroscópio à idêntica luz na terra, a luz solar seria de comprimento de onda maior do que a luz terrestre, e consequentemente as linhas do espectro solar seriam deslocadas para o vermelho. A grandeza do deslocamento é muito pequena, mas dentro do alcance das observações da moderna precisão.

Medições muito cuidadosas foram realizadas pelo Dr. St. John no observatório de Monte Wilson, nos Estados Unidos, mas somente um quarto do deslocamento exigido pôde ser detectado. Claro que isto a Teoria de Einstein, não permite, mas, por outro lado, a observação é de tal delicadeza que o minúsculo deslocamento das linhas devia muito facilmente ser cancelado pelos deslocamentos anômalos que muitas das linhas espectrais indubitavelmente possuem.

TERCEIRA CONSEQUÊNCIA DA RELATIVIDADE

Uma terceira consequência da Lei de Einstein, que de modo especial nos interessa no presente estudo, é a que exige que um raio de luz passando por um campo gravitacional sofre um desvio de sua trajetória

Hoje é sabido que a energia eletromagnética possui a propriedade de inércia ou massa, e provavelmente a massa total da matéria é devida à energia eletromagnética que contém.

Luz é uma forma de energia eletromagnética e, porisso deve ter massa e é sabido por experiência que carrega impulso que é manifestado no fenômeno conhecido como pressão da luz. É realmnte necessário uma pequena força para parar um raio de luz. Uma boa ilustração deste fato é encontrada na ação repulsiva que a luz solar exerce sobre a cauda dos cometas

Mas, embora a luz tenha massa, disto não se segue que tenha peso. Isto só pode ser estabelecido por ex-

periência. Se a luz tem peso, então a trajetória de um raio de luz deve ser desviada quando passar perto de um centro de gravitação, como o sol, exatamente como acontece com qualquer partícula material. Se ela obedecer à Lei Newtoniana da Gravitação, deverá então seguir uma trajetória hiperbólica, como um meteoro movendo-se a uma velocidade de 300.000 km por segundo, e será fácil calcular que o desvio total da linha reta de tal trajetória quando roçar o sol será de 0,87 segundos de arco, o desvio poderá diminuir na proporção inversa à distância do centro do sol. Se, no entanto, a teoria de Einstein resulta certa, o desvio será diferente. De acordo com Einstein, a luz se move mais lentamente em um campo gravitacional e, em consequência o desvio deve ser duas vezes relativamente ao comprimento. A única maneira de observar estes possíveis desvios é oferecida por um raio de luz que partindo de uma estrela passe perto do sol, e obviamente a única oportunidade em que esta observação se torna possível é durante o eclipse total do sol quando, por alguns minutos, sua luz é interceptada e as estrelas se tornam visíveis em sua vizinhança.

O desvio de 0,87 segundos foi primeiramente sugerido por Einstein em 1911.

Um maior desvio de 1.75 segundos foi surgerido posteriormente por ele em 1915 e, no eclipse de 1918, os astrônomos americanos tentaram observar este efeito no observatório de Lick, mas o eclipse não foi favorável, pois não havia estrelas brilhantes perto do sol.

Para o eclipse de 1919, porém, o sol estava no meio de um grupo de estrelas relativamente brilhantes que são as Híadas. Viu-se que o brilho e distribuição destas estrelas, bem como a longa duração do eclipse — mais de 5 minutos — tornava aquela oportunidade única e não podia ser perdida.

OS INSTRUMENTOS UTILIZADOS

A comissão devia fotografar as estrelas perto do sol durante a fase total do eclipse. O instrumento para tal finalidade era um telescópio astrográfico de 13 polegadas de abertura e 3,35 cms. de foco. O que foi usado na Ilha do Príncipe foi emprestado pelo Professor Turner, do Observatório da Universidade de Oxford, e o usado em Sobral pertencia ao Observatório de Greenwich. Além do telescópio de 13 polegadas, os observadores de Sobral trouxeram, como auxiliar, um telescópio tendo uma lente de 4 polegadas de abertura e 5,8 cms. de foco, com o qual se esperava fotografar as estrelas mais brilhantes. Este último foi gentilmente cedido pela Academia Real da Islanda.

COMO A COMISSÃO VIU A CIDADE

Em artigo publicado na revista londrina "Conquest", janeiro de 1920, p. 129, C. Davidson assim se referiu à cidade no trecho que traduzimos:

"Sobral é uma cidade do Estado do Ceará, a segunda depois da capital que é Fortaleza. Tem cerca de 10.000 habitantes e fica à margem do rio Acaraú. Até quando não faltam chuvas, o Ceará é um estado fértil, mas infelizmente isto nem sempre acontece e o resultado é uma desastrosa seca. Era esta a situação durante o tempo de nossa permanência. Nós chegamos no final da estação chuvosa, mas nenhuma chuva tinha caído e nem esperada antes de janeiro do ano seguinte. A população estava já se retirando do campo para as cidades, e muitos tinham deixado o próprio Estado para as regiões mais favoráveis da

Amazônia e do sul do País.

O rio estava quase seco e a água para o consumo da cidade era retirada de cacimbas cavadas no leito arenoso que lentamente a filtrava. Era carregada em pequenas pipas colocadas sobre o dorso de jumentos para ser distribuída.

Nós, no entanto, eramos privilegiados neste aspecto. A fábrica de tecidos da cidade, pertencente ao Dr. Sabóia e seu irmão, é abastecida com água bombeada de um poço profundo na margem do rio. Este líquido foi incidentalmente colocado na casa, de maneira que gozávamos desta liberal abundância de boa água que foi de grande utilidade para as operações fotográficas subsequentes.

O local para a estação astronômica foi escolhido no hipódromo do Jockey Club, na frente da casa. Foi traçada uma linha meridiana. Isto foi feito pela sombra de um fio de prumo ao meio-dia e conferida à noite pelo azimute dos "indicadores" da Ursa Maior, já que a estrela Polar estava abaixo do horizonte. Alguns pedreiros começaram a construir as bases sobre as quais deviam ser instalados os instrumentos".

A PREPARAÇÃO E O ÊXITO

Grandes telescópios de observatório fixo são montados em plataforma maciça e providos de eixos. Um, o eixo polar, que aponta para o polo do firmamento e outro, o eixo da declinação, colocado em ângulo reto ao primeiro, que permite o telescópio mover-se para o norte ou para o sul. Se, porém, o telescópio for apontado para o sol e o eixo polar permitir movimento de este para oeste na proporção de uma revolução em 24 horas, o movimento diurno da terra será exatamente compensado e o telescópio permanecerá sempre dirigido pasa o sol. Sem tal movimento,

fotografias das estrelas, que exigem exposição muito prolongada, seriam impossíveis. Em uma expedição de eclipse, quando é necessário às vezes chegar a regiões da terra mais ou menos inacessíveis, é difícil, talvez impossível, transportar maquinarias pesadas. Para superar esta dificuldade foi inventado o celóstato. Foi chamado de "Josué" pelos astrônomos americanos, porque ele faz o sol parar. Consiste em um espelho plano prateado provido de um único eixo de rotação, o polar. Quando o espelho é suspenso neste eixo polar e a proporção do movimento é dada pelo controle do relógio, o raio solar refletido permanece fixo em uma direção. Por conveniência, é escolhida a direção horizontal de tal modo que basta fixar a posição horizontal em direção ao espelho para que a imagem do sol permaneça fixada no foco do telescópio. O conjunto — celóstato e telescópio — é alojado em uma barraca coberta para proteger do desgaste do tempo. Parte da coberta pode ser removida para possibilitar a visão do firmamento. Enquanto as bases de alvenaria eram construídas, as cobertas estavam sendo preparadas para ser colocadas sobre as barracas.

Quando as fundações e o abrigo ficaram prontos, os celóstatos foram desencaixotados e instalados sobre as bases, e os telescópios colocados igualmente em seus respectivos lugares em posição horizontal. Cada celóstato devia ser ajustado de tal modo que apontasse exatamente para o polo e os relógios de precisão postos para trabalhar no ritmo preciso. Tudo isto foi feito pela observação do sol. Os telescópios foram também ajustados de tal modo que a lente ficasse em perfeito esquadro e a chapa fotográfica correspondendo com o eixo do telescópio. O foco foi determinado à noite por fotografias experimentais das estrelas. Os dias anteriores ao eclipse foram ocupados

com preparatórios, ajustes e ensaios. Por fim havia um detalhe muito importante que deve ser lembrado: a fase total duraria apenas cinco minutos, trezentos preciosos segundos que deveriam ser aproveitados ao máximo. Uma programação foi estabelecida determinando-se o tempo em que as chapas seriam expostas e substituídas uma pela outra. Tanto quanto foi possível todos os detalhes foram previstos e a programação foi de tal forma ordenada que pudesse ser executada mecanicamente. No telescópio principal foram expostas dezenove chapas com tempo de exposição de cinco e dez segundos alternadamente. No telescópio auxiliar, apenas oito chapas com o tempo uniforme de trinta segundos de exposição para cada uma.

O dia do eclipse amanheceu com um considerável acúmulo de nuvens que aumentava à medida que o momento do fenômeno se aproximava, tendo sido perdida a observação do primeiro contato da lua com o sol. Depois disto, as nuvens começaram a abrir e muitos intervalos claros deram oportunidade a que o relógio regulador fosse ajustado e o sol se refletisse no local exato do campo do telescópio. Cinco minutos antes do início da totalidade, grande nuvem obscureceu o sol, mas com menos de um minuto começou novamente a brilhar, e durante quatro dos cinco minutos o eclipse foi observado num céu bastante limpo. O programa foi totalmente executado e com pleno êxito.

PRIMEIROS RESULTADOS

A primeira fotografia foi revelada às 3 horas da madrugada do dia seguinte e as demais nas noites sucessivas. "Não foi fácil, declarou o astrônomo Crommelin, fotografar neste clima quente, em que a temperatura da água normalmente permanece acima de 25 graus centígrados. Conseguir gelo não foi possível. O único jeito foi recorrer a potes de barro usados comumente pela população, tendo sido possível por este meio fazer a temperatura da água descer a quase 20 graus. A revelação tornou-se então possível mas somente durante à noite. O amolecimento da gelatina dos filmes foi objeto de sérios cuidados, pois um deslocamento microscópico na revelação viciaria completamente os resultados. Este obstáculo foi superado pelo uso de formalina e pela cuidadosa manipulação."

O exame das fotografias mostrou que das dezenove chapas expostas no telescópio astrográfico apenas três falharam em apresentar estrelas enquanto apenas uma das oito chapas expostas no telescópio auxiliar falhou. Isto permitiu obter uma excelente imagem de uma grande protuberância na extremidade do sol. Esta protuberância fotografada em Sobral foi calculada em cerca de 480.000 kms. de comprimento e 240.000 kms. de altura.

Foram obtidas fotografias do grupo de estrelas tendo o sol em seu meio. Era necessário agora que outras fotografias fossem batidas, para comparação, depois que o sol tivesse se deslocado daquela posição no zodíaco. Isto já tinha sido feito anteriormente na Inglaterra, porém em condições consideravelmente diversas destas por ocasião do eclipse. Se possível era desejável fazer a comparação de chapas de condições quase idênticas, com o fim de eliminar as menores falhas que sempre estão presentes nos mais perfeitos instrumentos . Isto poderia ser feito se os observadores demorassem em Sobral mais dois meses, findos os quais novas fotografias do céu seriam tiradas C noite, exatamente antes do amanhecer. Esta observação era tão importante que ficou decidida a per-

manência dos astrônomos durante o tempo necessário. Como a seca permanecia causando um calor sufocante em Sobral, a monotonia foi quebrada com uma viagem a Fortaleza. Após o regresso a Sobral, as fotografias para comparação foram tiradas entre os dias 13 a 18 de julho. Os instrumentos foram então desmontados e encaixotados, e a expedição retornou à Inglaterra.

Para evitar demora, a bagagem pesada foi deixada para ser enviada posteriormente, mas as fotografias foram levadas e imediatamente as medições matemáticas foram realizadas. Ao microscópio, as chapas de comparação foram projetadas sobre as chapas do eclipse e foi medida a diferença nas posições das imagens das estrelas. Depois da cuidadosa redução das medições na qual os efeitos de mudança de escala, refração e aberração foram removidos, viu-se que as estrelas perto do sol sofreram uma repulsa para fora com relação às mais distantes. A grandeza do desvio foi determinada em 1.98 segundos na orla do sol, diminuindo em proporção inversa à distância da estrela do centro solar. Pensou-se que o desvio era devido à refração pela atmosfera do sol. Não é impossível que por várias razões, uma pequena parte seja atribuível à esta causa, o total, porém, ou pelo menos a metade, não pode ser assim produzido, senão por uma atmosfera de uma densidade tal que é quase inadmissível.

A Lei da Gravitação, de Newton, exigia um desvio de 0,87 segundos e a Teoria de Einstein exige 1,75.

CONCLUSÃO

O resultado das observações em Sobral provou:

1 — Que a luz tem peso proporcional à sua massa.

2 — Que na vizinhança do sol ela é desviada por uma grandeza de acordo com a Lei de Einstein.

Quanto a saber se isto prova a Lei de Einstein, alguns cientistas, mesmo aceitando o desvio, preferem a questão aberta. O desvio pode ser devido a outras causas.

O movimento do perihélio de mercúrio e este desvio da luz perto do sol satisfazem à Lei, mas infelizmente os resultados espetroscópicos de St. John estão em conflito, de maneira que, mesmo que a Lei de Einstein possa ser correta, os argumentos pelos quais chegou a ela podem ainda ser incertos.

Seja qual for o ponto de vista, os resultados desta expedição astronômica a Sobral abriram um novo campo de exploração cujos limites ainda hoje não é possível prever.

FONTES DE ESTUDO:

— Royal Society of London — Determination of the deflection of light by sun's gravitational field, from observations made at the total eclipse of May 29. 1919. Londres, 1920.
— Revista "Conquest" — A magazine of modern endeavour — Londres — janeiro de 1920.

— Jornais "Correio da Semana" e "A Ordem" do ano de 1919.
— Coleção de Ofício da Câmara Municipal de Sobral, 1860 e 1919.
— Enciclopédia Espasa-Calpe Vol. 50 p. 501.
— Enciclopédia Delta — verbete "Relatividade".
— BRAGA, Renato — "História da Comissão Científica de Exploração" — Imprensa Universitária — Fortaleza.

Composto e impresso na
IMPRENSA UNIVERSITÁRIA DA FUNDAÇÃO
VALE DO ACARAÚ
Caixa Postal - 70 - Telefone - (085) 611-2730
Bairro da Betânia 62.100 – Sobral - Ceará